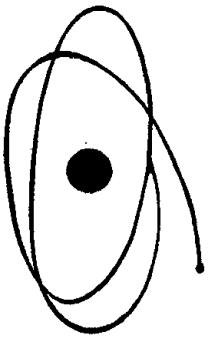


6



00000.000033/1980



C A P E S

011.3 - Conselho Técnico-Administrativo (CTA)

29ª Reunião - 1ª e 2ª Sessões

31/07/1980

pastas 21

Agenda da XXIX.^a Reunião CTA/CAPES

31/07/80

- Abertura
- Leitura da ata da reunião anterior
- Projeto Artes
- Projeto Comutação
- Projeto Nordeste
- Tutoria à Distância: Documento enviado ao CFE
- Criação da Comissão de Consultores da Área de Informática
- Consultores no Exterior
- Projeto Pesquisa: Que fazem nossos Mestres e Doutores?
- Outros Assuntos

ATA DA XXIX.^a REUNIÃO DO CONSELHO TÉCNICO ADMINISTRATIVO DA COORDE
NAÇÃO DO APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR - 1.^a SESSÃO

Aos trinta e um dias do mês de julho de mil novecentos e oitenta, às nove horas e trinta minutos, teve início a primeira sessão da XXIX.^a Reunião do Conselho Técnico Administrativo da CAPES sob a presidência do Prof. Cláudio de Moura Castro. Estavam presentes os Conselheiros Paulo de Gões, Affonso do Prado Seabra, Edrízio Barbosa Pinto, José Ubyrajara Alves, Dionísio Dias Carneiro Netto, Fernando de Sálvio Sousa que representava o Ministério das Relações Exteriores, substituindo o Embaixador Guy Marie de Castro Brandão, e o Prof. Hélio Guedes de Campos Barros - Diretor Adjunto desta Coordenação. Encontravam-se ausentes, com justificativa, os Conselheiros José Pastore e Pedro Paulo de Souza Montenegro. O Presidente solicitou que se procedesse a leitura da ata da reunião anterior. Com pequenas ressalvas e após as observações feitas, foi aprovada. Em seguida o Prof. Cláudio informou que a agenda listou uma série de projetos já citados rapidamente em reuniões anteriores, e que, no momento, encontravam-se em fase de se materializarem. Iniciou: Projeto Artes - área onde ainda não foram feitos os grandes erros da pós-graduação, visto que nesse nível, a sistemática foi montada com base em áreas bem consolidadas. O Prof. Paulo de Gões citou o caso dos privilegiados da área de artes da Escola Nacional de Artes, que conseguiam o título de Doutor com a possibilidade da Livre Docência - talvez o que pudesse ser uma solução. Descreveu a experiência da Escola de Música onde a Medalha de Ouro era muito séria. Havia o salão da escola e outro para visitas. Muitas pessoas, quase analfabetas ganharam medalhas, prêmios de viagens mas não puderam se transformar em professores. A saída talvez fosse adaptar a lei ao sistema. O Prof. Seabra afirmou acreditar que o grande erro com relação às Artes já foi feito, não pela CAPES, mas quando o estudo que organizara a Pós-Graduação no Instituto de Química da UFRJ se transformou em lei da pós-graduação. Considerando que a sistemática foi bem feita para algumas áreas, afirmou julgar necessário um trabalho sério para um novo conceito de titulação. No caso da Música, por exemplo, um grande flautista do Rio não poderia nem se candidatar a titular da UFRJ, só chegaria a ser auxiliar de ensino. Afirmou não acreditar na possibilidade da adaptação da lei ao sistema, mas sim na busca de caminhos para contornar a situação.'

O Prof. Cláudio não discordando das abordagens feitas, informou que o trabalho em andamento, procura induzir uma série de entrevistas com artistas, com profissionais da área, professores, para se chegar a um conjunto de diretrizes que nos indiquem em que caminhos andar, um contato íntimo e constante no sentido de explorar a elasticidade da lei da pós-graduação que possui 2 fases: a inicial bastante aberta e flexível e a jurisprudência posterior que dificulta a sistemática. Por exemplo, a inicial dá a entender que a tese não precisa ser um aglomerado de folhas, mas pode ser uma sonata, etc. Para possíveis revisões das normas estabelecidas, a CAPES mantém contatos intensos com o Conselho Federal de Educação. O Prof. Paulo de Gões citou o caso do Doutorado direto talvez como uma "porta aberta" para a solução do problema. O Prof. Seabra fez a observação de que deveriam ser feitos em cursos credenciados pelo CFE. Considerou um escândalo este tipo de doutoramento "biônico" em Física por exemplo, mas, estudável em Música. São mecanismos utilizáveis em algumas áreas e não em outras, visto que as básicas, as profissionais e as artísticas constituem três universos tão distintos onde o que é sério e correto em uma não se aplica à outra. O Presidente concordando com a abordagem feita afirmou perceber que, até numa mesma área os critérios não podem ser aplicados homogeneamente. Do professor de Musicologia pode-se exigir os critérios tradicionais acadêmicos o que não deve acontecer com o Professor de Oboê; não vê relação entre o Balé e o Cinema. Num doutorado em Cinema, por exemplo, o docente em som provavelmente poderia ser um engenheiro em som. Informou que no início do próximo ano, juntamente com a Comissão Fulbright, a CAPES promoverá um Seminário Nacional sobre as Artes. Algumas pessoas dos USA poderão nos dizer sobre os erros e acertos de lá, para tentarmos estudar os nossos próprios erros. A inexistência de doutorados em artes poderá ser um alerta para não começarmos a criá-los entre nós. Teríamos que pensar muito, antes que os erros maiores aconteçam. Tentaríamos a distribuição de programas em nível regional para melhor aproveitamento dos recursos humanos. Não seria conveniente, por exemplo, a abertura de um Curso de Arte Dramática em Santa Maria visto a existência de outro em Porto Alegre, até hoje sem um bom teatro. O Prof. Seabra confirmou a necessidade de se dar maior flexibilidade às titulações nas diferentes áreas, quando o Prof. Gões com um rápido histórico sobre as reformas da educação afirmou já estar na hora da "reforma" da Reforma. O Prof. Cláudio, então concluiu afirmando que não prevê a necessidade de uma reforma muito grande, mas uma pequena abertura. Talvez alguma norma do CFE

citando as características de cada titulação com os anexos sobre as exigências específicas para cada área. Após alguns comentários dos presentes sobre o assunto em pauta, o Senhor Presidente, seguindo a agenda, solicitou ao Prof. HÉlio que fizesse a abordagem sobre o Projeto Nordeste. Este iniciou fazendo um rápido histórico sobre o projeto, originado de recomendações do 1º PNPG em 1975. Após uma discussão intensa sobre: 1) a problemática da pós-graduação não estar incluída nos orçamentos das Universidades, e, 2) o papel das agências de fomento que atualmente fazem custeio e as Instituições com uma pulverização de recursos escassos tentando fomentar, o Colegiado discutiu o Projeto Nordeste. O Prof. Seabra manifestando sua opinião: "projeto muito bonito, sem problema" questionou apenas a existência de recursos. Indagou: caso aprovado não sobrecarregaria o orçamento da CAPES com diminuição de bolsas? O Prof. HÉlio informou que os recursos destinados ao Projeto serão negociados por fora com o Ministério do Interior, SEPLAN e SUBIN dentre outros, num sistema paralelo que aliviaria o próprio orçamento da CAPES. Tendo em vista as informações o Prof. Seabra disse aprová-lo sem ressalvas. O Prof. Dionísio após análise do documento que prevê Cr\$ 35.000.000,00 para 1980 e frente à má perspectiva de recursos extra-orçamentários da SEPLAN, perguntou o que acontecerá se a CAPES não conseguir estes recursos. O Prof. HÉlio concordou com a má perspectiva, quando o Prof. Ubyrajara informou que o projeto é modular, podendo-se implantar um módulo sem o outro. É um plano bastante compatível com a situação financeira de hoje. O Prof. HÉlio manifestando-se otimista, fez uma rápida abordagem sobre o primeiro sub-projeto "Auxílios a Pós-Graduação" cuja principal finalidade é proporcionar condições materiais de funcionamento aos Cursos de Pós-Graduação que desempenharão papel de relevância no desenvolvimento científico e tecnológico do Nordeste. Em seguida analisando o segundo sub-projeto "Cursos de Especialização", o Prof. Paulo de Góes perguntou se a carga horária prevista atingirá às 360 horas exigidas. O Prof. HÉlio informou que estes cursos seguirão as normas do CFE e serão analisados um a um, separadamente. Destinar-se-ão ao atendimento às Instituições pequenas, notadamente aquelas localizadas no interior. Em seguida comentando o sub-projeto "Professores Visitantes Estrangeiros" que fomentará os cursos de pós-graduação na região, com a vinda de professores-pesquisadores do exterior, se dará: 1) através de uma visita de reconhecimento, planejada com a duração de 1 mês, durante o qual os visitantes estabelecerão os contatos iniciais com os grupos de pesquisa lo-

câis; 2) programa de curta duração que envolverá professores, de altíssimo nível que não poderão se ausentar de seu país por muito tempo; e 3) programa de longa duração que prevê a presença do professor estrangeiro nos projetos de pesquisa e atividades docentes durante 02 anos. O Prof. Edrízio sugeriu o aproveitamento de grande número de professores que se aposentam, com pelo menos 10 anos de boa produção científica, numa estratégia de melhoria do ensino e pesquisa no Nordeste. O Prof. Hêlio afirmou que a CAPES não pretende pagar salário de professores. A seguir, o Prof. Cláudio iniciou a abordagem sobre o Sub-Projeto "Programa Especial de Treinamento", que consiste em se destacar nas turmas regulares, um pequeno grupo de alunos por seus antecedentes acadêmicos para que possa dedicar-se integralmente aos estudos. Muito barato no primeiro ano, mas exigindo cuidado especial desta Coordenação que não deve começar algo que posteriormente não possa pagar. Em seguida o Prof. Hêlio abordou aspectos do sub-projeto; Bibliotecas. Muitos Órgãos, Ministérios, SUDENE, dentre outros, ajudam as bibliotecas da região, muitas vezes sem maiores resultados. Não possuem informações que a CAPES tem e, às vezes, aplicam exatamente onde não deveria. O Prof. Ubyrajara, na ocasião, sugeriu que se promovesse um treinamento de alto nível às bibliotecárias da pós-graduação da região, envolvendo pessoas da comunidade científica para exporem como gostariam de ser tratadas numa biblioteca. Concluiu, as bibliotecárias teriam que ser conscientizadas de que seu trabalho constitui uma atividade-meio, O Prof. Seabra concordando com o Prof. Ubyrajara, completou: o que deve ser mostrado à bibliotecária é que a Biblioteca não é uma coleção de selos. Referiu-se ao fato da incorporação das Bibliotecas Setoriais, que realmente prestam serviços, à Central transformando-se um Instituto de "Bibliotecologia", "Biblioteconomia", etc., um verdadeiro transtorno para o usuário. Após várias observações sobre o funcionamento das Bibliotecas, e já concluída a análise completa dos diversos sub-projetos do II Projeto Nordeste de Pós-Graduação, o Prof. Hêlio indagou ao Colegiado se a matéria estava aprovada. Com a resposta afirmativa, o Diretor Adjunto desta Coordenação informou a todos que o mesmo será submetido ao CNPG e incorporado ao PNPG. Às treze horas foi encerrada a sessão da qual para constar, lavrei a presente ata que será assinada pelo Senhor Presidente e por mim. Brasília, trinta e um de julho de mil novecentos e oitenta.


Cláudio de Moura Castro
Presidente


Heloisa Helena de O. Lobo
Secretária

ATA DA XXIX.^a REUNIÃO DO CONSELHO TÉCNICO ADMINISTRATIVO DA COORDENAÇÃO DO APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR - 2.^a SESSÃO.


Aos trinta e um dias do mês de julho de mil novecentos e oitenta, às quatorze horas e trinta minutos teve início a segunda sessão da XXIX.^a Reunião do Conselho Técnico Administrativo da CAPES sob a presidência do Prof. Cláudio de Moura Castro. Estavam presentes os Conselheiros Paulo de Góes, Edrízio Barbosa Pinto, José Ubyrajara Alves, Dionísio Dias Carneiro Netto, Affonso do Prado Seabra e o Prof. Hélio Guedes de Campos Barros - Diretor Adjunto desta Coordenação. Como convidada para falar sobre o Projeto Artes, compareceu também a Profa. Barbara Heliodora Carneiro Mendonça - Presidente da Comissão de Consultores da área de Artes, que após a abertura dos trabalhos pelo Senhor Presidente e as devidas apresentações, iniciou sua exposição dizendo que está na fase preparatória do Projeto, realizando visitas a todos os centros importantes da área, tendo em vista a falta de informações centralizadas sobre o setor como um todo. O Ponto comum em todas as visitas e entrevistas aos diversos cursos é de lamentação: 1) queixas sobre currículos inadequados, 2) ingerência de tipos de formação de outras áreas transferidos para artes; 3) vestibular - ponto crucial do problema, onde o candidato com muita aptidão para música, por exemplo, é reprovado em física; 4) situação catastrófica da educação artística a nível de 1^o e 2^o graus, voltada para o lazer. Nesse nível a criança não está sendo encaminhada para o plano das artes. Os problemas fundamentais diagnosticados, até o momento, residem mais na música e na dança, a nível de graduação, (a dança entregue à Educação Física), áreas onde ou se começa cedo ou não se chega nunca a um bom nível. Na Música, julga inexplicável que o violão (com Villa-Lobos) e os instrumentos de percussão não mereçam constituir no País cursos superiores. Fez uma observação sobre as conhecidas professoras particulares de música que não despertam a criança para a arte, mas apenas treina-a para um pequeno repertório. Há um descontentamento geral. No meio docente o que se encontra é a preocupação de se quebrar as excessivas exigências teóricas e voltar o ensino para a prática. A pós-graduação nas Artes teria também uma exigência diferente quanto às teses. O trabalho esperado seria uma obra de arte efetiva. O que necessitamos é a Escola de Artes aliando a teoria à prática no seu dia a dia. A idéia seria chamar o artista criador por um semestre, por exemplo,

como professor visitante, com a riqueza de sua contribuição na área que atua. Respondendo ao Prof. Gões sobre a existência de crianças sendo preparadas para a educação artística, disse que no Brasil, as crianças enfrentam os professores polivalentes que simplesmente as deseducam, considerando a atividade artística como um hobby, um lazer. Com várias referências dos presentes ao ensino da área em pauta, na França, USA, e URSS, onde os que demonstram aptidões são treinadas seriamente em vários horários, citou as condições, por exemplo, dos USA onde as escolas públicas possuem pianos e violões para todos. No Brasil, além das dificuldades econômicas, há uma orientação errada. O Prof. Seabra, após ouvir a exposição, solicitou ao Senhor Presidente que delimitasse onde a CAPES poderia auxiliar, e especialmente onde atuar. O Prof. Cláudio informou que os focos principais da CAPES seriam: 1) a pós-graduação como formação de docentes para a graduação, 2) o aproveitamento correto do pessoal atualmente no exterior, bem como o envio de outros dentro de uma política deliberada. O Prof. Seabra sugeriu que se fizesse uma solicitação ao Conselho Federal de Educação para alterar os mecanismos da titulação, com critérios diferentes para as diferentes áreas. O Prof. Paulo de Gões, após alguns comentários, concluiu: "a etiologia do problema se situa nos extratos inferiores, que deverão ser abordados", além do que a lei é que deve ser adaptada às características das artes e não o contrário. Para concluir, a Profa. Bárbara Heliodora afirmou "a verdade é que todos se queixam, uns mais, outros menos, mas todos se queixam. A idéia atual é reunir pessoas da mesma área, em pequeno número, para criarmos um apanhado de exigências e fazermos uma proposta ao CFE." A seguir o Prof. Cláudio iniciou a exposição sobre o Projeto Comutação. Em síntese a CAPES deseja implantar um projeto de comutação hemerográfica, bibliográfica ou documentária, que consiste numa sistemática operacional mediante a qual, por procedimentos reprográficos de qualquer espécie (cópias xerox, microfilmes, microfichas, etc), os usuários de uma biblioteca, centro de documentação ou bancos de dados, têm acesso ao acervo de outra instituição similar participante da rede. O mecanismo do projeto foi explicado pelo Prof. Antonio Miranda, comprovando-se ser simples, apenas com a burocracia indispensável. O usuário assinaria faturas encaminhando-as à Caixa Econômica Federal que faria o trabalho da compensação. O Prof. Seabra, felicitando a CAPES pelo programa, sugeriu que fossem encaminhados às bibliotecas, manuais com explicações bem claras às pessoas que

trabalharão no programa. Considera muito importante o acesso desse trabalho onde deve realmente chegar. O Prof. Cláudio afirmou ' não haver preocupação nesse sentido, visto o relacionamento que o Prof. Miranda mantém com as bibliotecas do país. Continuou, o programa deverá ser lançado nos próximos dias num envolvimento ' também da Fundação Roberto Marinho, SERPRO e CNPq. Após estas ex plicações, o Prof. Seabra, com justificativa, retirou-se. O Presi dente, a seguir, iniciou a abordagem sobre o programa "Tutoria ã Distância". Os primeiros trabalhos estão chegando e são muito ' bons. Parece que tudo está bem. Quanto ã concessão do diploma há um pedido no CFE, feito através do Conselheiro Tarcísio, para que tenha validade de especialização. As notícias são promissoras. ' Respondendo ao Prof. Paulo de Gões, o Presidente informou que a duração dos cursos nunca é inferior a 360 horas. O tutor é levado a dar a seu aluno um conteúdo similar ao que ministra no Mestrado. Após comentários, de alguns Conselheiros, sobre a qualidade do ' aluno e a precariedade das seleções, o Prof. Dionísio afirmou que este curso estaria dirigido a professores em exercício, sendo ' mais restrito em escopo. O Prof. Cláudio exemplificou: o aluno de Álgebra é um professor desta mesma matéria em uma escola superior. E continuou, haverá extremo rigor na avaliação, as provas são fei tas na Prô-Reitoria da Universidade Federal mais próxima. Quanto aos diplomas, após os dois anos iniciais, a CAPES proporá ao CFE alternativas para a regulamentação. Em seguida, o Presidente re feriu-se ao texto "O que fazem nossos mestres e doutores? uma pro posta de pesquisa". É uma pesquisa que visa identificar o destino profissional de nossos mestres e doutores bem como descrever uma série de características pessoais e de sua situação de trabalho.' Será coordenada pela Profa. Yara Della Senta, tendo como consul to res os Professores José Pastore, Amauri de Sousa Guimarães e Si mon Schwartzmann. Deverá trabalhar na parte qualitativa Samuel Sã, da UFPA, antropólogo que fez sua tese nos USA sobre brasileiros ' que fizeram curso no exterior. O Prof. Paulo de Gões contando de sua experiência, em 1968, quando com o financiamento da UNESCO, ' pesquisou nos USA porque os brasileiros não voltavam ao Brasil. ' As causas encontradas foram as mais diversas: técnicas, financei ras, etc. Colocou cópia do trabalho ã disposição da CAPES, pelo que o Presidente agradeceu. O Prof. Ubyrajara manifestou satisfa ção em saber que os instrumentos foram aperfeiçoados, afirmando que alguns itens não ficaram suficientemente claros. Outro assun to abordado foi o problema de contratação de pessoal. Alguns pro

gramas da CAPES poderão ficar seriamente comprometidos como por exemplo, o de professores visitantes alemães e o próprio PICD onde a Instituição passaria a ter sérias dificuldades em liberar seus docentes para treinamento. Tentaremos, junto aos setores competentes do Governo, uma solução para o caso. Continuando foi submetida a consideração do Colegiado a criação da Comissão de Consultores da área de Informática. O Presidente esclareceu que intenso relacionamento tem sido mantido com as pessoas da Secretaria Especial de Informática/SEI. Estes contatos têm requerido consultores da área específica o que demanda a ação de uma comissão especial. Não havendo objeção dos presentes a matéria foi considerada aprovada. Seguindo, o Prof. Cláudio referiu-se a rede de consultores no exterior. As dificuldades na escolha de Universidades no exterior, pelos candidatos a bolsas, são um problema sério. Sempre foram utilizados os consultores da CAPES para esta orientação, mas a atividade exige conhecimentos quase que enciclopédicos. Buscando uma solução, na França fizemos contatos através do COFECUB e as mudanças de instituição foram beneficiadas com a utilização dos componentes dos Comitês que promoveram a Reforma da Universidade francesa. Os planos de trabalho dos candidatos serão encaminhados em duas línguas ao Consultor, para parecer e sugestões. Estes mesmos especialistas serão indicados para acompanhamento pedagógico dos alunos, inclusive com utilização de questionários. O Prof. Paulo de Gões questionou a validade da utilização de estrangeiros na orientação a brasileiros, visto que não conhecem nossa realidade. Sugeriu colher informações com os bolsistas que estão nos Centros analisados. O Prof. Cláudio afirmou merecer muito cuidado o assunto, visto que muitas vezes um candidato só vai para uma Universidade porque alguém foi antes, numa tendência à perpetuação. Em seguida, o Prof. Edrízio, deu informações sobre a XVII Reunião da ABENO, a ser realizada de 03 a 06 de setembro de 1980, Londrina/PR, com a participação de Dirigentes das Faculdades de Odontologia, Coordenação de Pós-Graduação em Odontologia e um representante do corpo discente de cada Centro. Pediu que se registrasse a participação do Prof. Cláudio, como conferencista. Marcando a próxima reunião, a princípio, para 30 de setembro próximo, o Presidente às dezoito horas encerrou a sessão, da qual para constar lavrei a presente ata que será assinada pelo Senhor Presidente e por mim. Brasília, trinta e um de julho de mil novecentos e oitenta.


Cláudio de Moura Castro
Presidente


Heloísa Helena de O. Lobo
Secretária

PROJETO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES

PROJETO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES

INTRODUÇÃO

Muito embora desde há muito exista em todo o país uma clara preocupação com o ensino das artes de um modo geral e, mais recentemente, com a criação de cursos de pós-graduação, em virtude da urgência de maior titulação e capacitação de docentes nessa área, o panorama em nada mudou nos últimos cinco anos, ou seja, desde a implantação dos primeiros mestrados em artes na USP, que continuam sendo os únicos do país e que ainda não estão credenciados junto ao CFE.

Desde então o problema foi debatido, por exemplo, na reunião de Pró-Reitores de Pesquisa e Pós-Graduação, em Brasília, em 1977; na Discussão Preliminar para a Implantação da Pós-Graduação em Artes, na UFBA, em Salvador, 1978 (sob os auspícios da CAPES) e na última reunião dos consultores da CAPES na área de Artes, realizada em Brasília em novembro de 1979. Desnecessário acrescentar, o problema é tema de virtualmente todos os encontros informais ou ocasionais dos docentes da dita área, que vivem todos a braços com problemas semelhantes. O mero fato de, a despeito das consideráveis diferenças existentes entre as várias atividades artísticas serem todas elas, via de regra, agrupadas sob o título genérico de "Artes" expressa, implicitamente, para as mesmas, características de tratamento de cidadão de segunda classe, quando não de marginal.

É inevitável que o debate e o imobilismo coexistam em uma sociedade que, por um lado, desde há décadas adotou a postura do reconhecimento da arte como componente importantíssimo no desenvolvimento do indivíduo (inclusive por meio do exemplo pioneiro da Escolinha de Arte do Brasil) mas, por outro, estabelece uma clara dicotomia entre as "Artes", que naturalmente devem ser apreciadas, e os artistas, vistos com desconfiança em função de vasta gama de argumentos falazes, que vão da República de Platão aos cabelos dos hippies.

Em todas as discussões, conversas ou debates dos últimos anos constatou-se a necessidade da criação de cursos de pós-graduação na área das artes, com plena consciência de que, ao menos de momento, deverá ela voltar-se essencial, quando não exclusivamente, para a capacitação de docentes. Outrossim, tomou-se igualmente consciência de determinados aspectos fundamentais dos problemas que têm de ser enfrentados na área, tais como:

a) Inadequação da adoção de quaisquer critérios para cursos de pós-graduação para "Artes" em geral, quando um mínimo de atenção revela a multiplicidade e a complexidade da área. Assim, é preciso não só reconhecer que as artes têm exigências *sui generis* como um todo, mas que, além disso, cada uma das artes incluídas sob esse rótulo geral tem características e exigências próprias, que as diferenciam entre si, sendo suas peculiaridades preservadas (a nível de componente identificável) até mesmo nas mais avançadas experiências artísticas multi-disciplinares;

b) Necessidade de uma análise em profundidade de todo o processo de ensino e aprendizado nas várias artes, seja no setor de Educação Artística, mais voltado para a integração da visão imaginativa no desenvolvimento do indivíduo, seja no da formação profissional nas várias artes que, em alguns casos, exige a iniciação do aprendizado específico desde idades equivalentes ao início da escolarização em 1º grau. Tal análise, portanto, deve atingir o ensino das artes em 1º, 2º e 3º graus bem como uma definição clara das faixas etárias em que cada uma delas exige início de aprendizado específico, para que possam ser definidos os níveis mínimos

exigíveis para a admissão ao 3º grau. Dado que a Educação Artística, tal como é ministrada hoje em dia, não substitui a preparação para a formação profissional, deve ser delimitada sua área;

c) Necessidade de se enfrentar e romper a tradição academizante que, por um lado, relegou o ensino das artes a uma condição marginal, na qual ficavam elas quase que cirurgicamente isoladas da experiência total de vida do indivíduo e, por outro, para tentar "legitimá-las" dentro do sistema de ensino vigente, impôs o domínio da metalinguagem sobre a linguagem específica, diluindo em inútil verbalização o que deveria ser uma experiência viva e criativa de domínio e uso de linguagens não-verbais específicas;

d) A impossibilidade de um professor trabalhar com muitos alunos simultaneamente, a complexidade da formação do artista criativo ou interpretativo (que é igualmente criativo) e, freqüentemente, as exigências de equipamento grandioso e dispendioso tornam, inevitavelmente, caro o ensino das artes. Não se trata, aqui, de admitir qualquer dúvida quanto à legitimidade de gastos dessa natureza, cujos efeitos multiplicativos e cujo impacto a médio prazo podem ser substanciais; trata-se apenas de lembrar que, nas artes, tanto o bom quanto o mau ensino custam caro. É imperativo, portanto, fazer bem o que quer que se faça. Seria lamentável oferecer, nas artes, um ensino deficiente que necessariamente também seria caro.

Diante desse quadro, torna-se claro que não será possível qualquer proposta de implantação de pós-graduação na área das artes sem essa análise preliminar do ensino das mesmas em todos os graus, para que se possa chegar a uma redefinição da filosofia do ensino das artes e do lugar que estas ocupam na educação e no panorama cultural do país. Tal redefinição será, na realidade, uma definição, já que, até aqui, todas as formas de ensino do complexo e variado campo das artes têm sido adotadas ad hoc, via de regra com forte ingerência de conceitos e métodos tidos como "válidos" porque aplicáveis a áreas de conhecimento de características completamente distintas das de qualquer uma ou todas as artes.

II. VANTAGENS E DESVANTAGENS DE UMA SITUAÇÃO DIFÍCIL

O virtual abandono das artes pelos programas de pós-graduação — refletido pela existência, em todo o Brasil, de uma única IES oferecendo cursos a nível de Mestrado, com quatro áreas de concentração, e pelo reduzidíssimo número de docentes titulados, sempre lamentado — pode, diante do atual interesse da CAPES pela capacitação de docentes na área, bem como da premissa de uma reavaliação total da mesma (como foi sugerido acima), tornar-se em vantagem momentânea na medida em que:

a) não há necessidade de se lutar contra uma proliferação de cursos de pós-graduação de má qualidade; e

b) tem-se a oportunidade de virtualmente iniciar a pós-graduação em artes já dentro dessa nova filosofia a ser definida por docentes e artistas das várias áreas durante a realização do projeto em estudo.

Por outro lado, a mesma carência de recursos humanos devidamente capacitados (e titulados), bem como a exigüidade de recursos materiais provocam:

a) uma pressão muito forte no sentido da criação de cursos de pós-graduação (stricto sensu ou lato sensu); e

b) o perigo de um precipitado aparecimento, desordenado e incompetente, desses mesmos cursos que, no caso, poderiam vir a consagrar ainda mais os vícios e erros do sistema atual.

III. SUGESTÕES PRELIMINARES PARA O ENCAMINHAMENTO DO PROJETO

Dado o longo tempo pelo qual se tem arrastado a discussão em torno do ensino das artes — e muito particularmente a atenção dada, nos últimos tempos, aos problemas da pós-graduação — bem como a pressão no sentido da urgência da capacitação de docentes para os cursos de 3º grau, seja em artes específicas, seja em Educação Artística, parece que o projeto para a criação de cursos de pós-graduação nessa área de conhecimento deverá caminhar, desde seu início, ao longo de duas linhas de pesquisa paralelas, uma voltada para a análise do panorama atual (A) e outra para o planejamento futuro (B); com as seguintes características:

(A) a) Coleta de dados e de estudos existentes a respeito do ensino das artes nos 1º e 2º graus, seja como parte do processo global da educação, seja como formação profissional;

b) Levantamento dos tipos de aprendizado levados a efeito em estabelecimentos alheios ao sistema de 1º e 2º graus e de sua real contribuição para a formação profissional nas várias artes. Exame das exigências legais para o exercício profissional das artes;

c) Análise de métodos de aprendizado de reconhecido mérito hoje adotados em outros países; possibilidades de sua adequação ao Brasil, mercê das devidas adaptações. Níveis de início de formação profissional em outros países, sua relação com o ensino formal em 1º e 2º graus;

d) Levantamento detalhado do panorama atual da graduação na área das artes cobrindo, pelo menos, os seguintes itens:

Que IES oferecem cursos de graduação em artes? (federais, estaduais, isoladas, particulares)

Quais as artes ensinadas em cada uma delas?

Quais os cursos autorizados ou credenciados?

Qual a distribuição da carga horária do currículo mínimo?

Qual o currículo pleno oferecido?

Quais os objetivos dos cursos?

Formação profissional?

Licenciatura? (Curta, plena, em que áreas, qual a carga horária para as artes, qual para as disciplinas pedagógicas?)

Qual a composição do corpo docente?

Número de docentes na área

Relação professor/aluno — em aulas teóricas
em aulas práticas

Sua formação

Sua titulação

Sua área específica

Sua área de atuação docente efetiva

Sua produção artística ou científica

Há docentes no exterior? Fazendo Mestrado () ou Doutorado ()

Quais os critérios para seu envio?

Qual a bibliografia específica de cada arte incluída na biblioteca da IES em questão (ou do departamento ou curso)?

Quais os equipamentos específicos de cada arte ensinada à disposição dos cursos oferecidos?

Para a elaboração de formulários adequados o melhor caminho para ser o da consulta a representantes das várias artes. Uma primeira parte, sem dúvida, poderá ser comum a todas as artes (e, de acordo com a atual política da CAPES, elaborada no sentido de um formulário-padrão). Somente a partir dessas consultas será possível determinar se uma segunda parte,

voltada para aspectos e exigências específicos, terá de ser totalmente diversa para cada arte ou se a possibilidade de opção entre vários itens e a inclusão de anexos poderá permitir uma fórmula comum.

(B) Prevendo, preliminarmente, que na pós-graduação em artes dever-se-ia incluir, como áreas independentes, Artes Plásticas; Cinema, Dança, Educação Artística, Música, Rádio-Televisão e Teatro fica sugerido que, desde logo, sejam realizadas pequenas reuniões (i. e., com número reduzido de figuras exponenciais) de cada área, para a discussão dos problemas específicos de seu aprendizado, dos aspectos mais graves das distorções resultantes da ingerência dos métodos de ensino de outras áreas de conhecimento e dos aspectos positivos e negativos do atual ensino em 3º, 2º e 1º graus, bem como os adotados nas formas paralelas de "conservatórios", "Cursos livres" e congêneres. Particular atenção deve ser dada à questão de formação profissional, como, onde e em que nível ou faixa etária ela é hoje levada a efeito, bem como a relação entre a formação e a legislação vigente a respeito do exercício profissional.

A partir dessa análise em profundidade dos problemas do ensino das artes, e só a partir de tal análise, é que se poderia partir para uma segunda etapa, a da definição de uma filosofia de ensino das artes e da conceituação dos métodos de aprendizado correspondentes a tal filosofia.

É de supor que essa etapa mais adiantada do debate entre docentes e artistas tenha o suporte dos resultados que irão sendo colhidos pela pesquisa (A) deste projeto. Ao ser concluída a pesquisa (A) — mesmo sem os levantamentos de bibliotecas e equipamentos, que poderão exigir prazos mais longos para a entrega — estariam essas pequenas comissões em condições de elaborar esboços preliminares de cursos de pós-graduação em artes (stricto e lato sensu), a serem submetidos a apreciações e discussões mais amplas por parte das principais IES envolvidas em cada área.

Da "Discussão Preliminar" realizada na Bahia em março de 1978 foi tirado um documento cujas principais conclusões podem ser, a grosso modo, assim definidas:

- a proliferação dos cursos de pós-graduação, nas artes, com dispersão dos recursos humanos existentes, é condenável;
- tanto as motivações regionais quanto as reais possibilidades das IES na área geográfica devem ser levadas em conta no planejamento de criação desses cursos;
- o conceito fundamental que deve orientar a criação de cursos de pós-graduação em artes no Brasil deve ser o de que as várias IES deverão ter linhas fundamentais de pesquisa ou, como foi expressado no documento, "projetos departamentais".

Esse conjunto de idéias leva necessariamente a um tipo de planificação no qual qualquer projeto de capacitação de docentes determinará uma concentração de especialistas em determinada arte ou subárea da mesma que pode, sem dúvida, provocar certo tipo de endogenia. No entanto, a capacitação em universidades diferentes, no Brasil ou no exterior, poderá compensar os possíveis aspectos negativos dessa especialização por área. Como o documento da Bahia tem sido, de modo geral, bem recebido por aqueles docentes da área das artes que com ele têm tido contato, fica sugerido que ele sirva como ponto de partida para as discussões futuras — o que de modo algum implica em sua aceitação obrigatória, total ou parcial.

05.

Necessariamente, qualquer plano futuro para uma política global para a pós-graduação em artes, terá de ser submetida aos Senhores Reitores das várias universidades envolvidas em seu eventual planejamento, venha este a ter as características sugeridas na Bahia ou não. No estágio em que já se tornaria necessária a apresentação de qualquer projeto aos Reitores, no entanto, teria ficado bem claro, desde logo, que o caminho a ser seguido não estará imposto pela CAPES mas, ao contrário, nascerá do diálogo entre docentes das áreas de artes, no qual fique constatado que tal política corresponderia aos anseios desses mesmos docentes. No caso de se tomar o caminho sugerido na Bahia, tais anseios levarão em conta as exigências dos interesses regionais e as facilidades de infraestrutura da IES em que cada "projeto departamental" ficará sediado. Uma vantagem desse plano é a de que, dentro dele, os futuros estudantes de pós-graduação teriam diante de si um quadro claro das IES que deverão procurar, segundo suas próprias linhas de pesquisa e seus interesses docentes futuros.

Dentro do que for concluído pelos vários grupos de trabalho, será necessário verificar a latitude dos atuais currículos para uma adaptação (com simples alteração de cargas horárias, por exemplo) à nova filosofia de ensino, bem como as possíveis aberturas na legislação vigente para o aproveitamento de artistas não titulados dentro de um sistema de ensino mais voltado para a prática, como também já foi sugerido pelo documento da Bahia. Quaisquer necessidades de alteração, seja nos currículos, seja na legislação, terão tão maiores probabilidades de concretizarem quanto maior for o consenso alcançado nas comunidades acadêmica e artística.

IV. AS SOLUÇÕES DE CURTO PRAZO

Sem ser necessário aguardar os resultados de longos meses de trabalho, requeridos para a implementação do projeto acima descrito, podemos pensar em soluções de mais curto prazo, visando atender necessidades prementes e já claramente identificadas.

A primeira medida concreta seria a oferta de um curso de especialização (360 horas) para docentes, com currículo elaborado pelos grupos de trabalho. Já em julho de 1980 poderia ser oferecida a primeira parte, unificada, abrangendo todas as áreas. A vantagem dessa unificação será a da realização paralela de debates nas várias áreas bem como o do conhecimento mútuo dos problemas e projetos das mesmas.

Em janeiro e fevereiro de 1981 seria oferecida a parte diversificada do curso. Possivelmente, a partir dos resultados das pesquisas já realizadas, já será possível o encaminhamento de cada área ou subárea de artes para a IES que houver revelado vocação para sede de futuros programas *stricto sensu*.

Esses cursos poderiam ser parcialmente financiados pela CAPES, mas a participação de outras agências governamentais (v. g. SEAC, FUNARTE, etc.) seria indispensável para torná-los viáveis.

V. AS SOLUÇÕES DE MÉDIO PRAZO

No amplo debate sobre a nova filosofia para os cursos de pós-graduação nas artes, deverão encontrar soluções apropriadas aos seguintes itens:

- a) Aproveitamento correto do pessoal atualmente no exterior (CAPES, CNPq, LASPAU, FULBRIGHT, etc.);

- b) Desenvolvimento de uma política deliberada e premeditada de envio de docentes ao exterior (no espírito do PICD);
- c) Contratação temporária de docentes estrangeiros com características especificamente adaptadas às filosofias definidas;
- d) Contratação de artistas de reconhecido valor, não titulados, para implementação de certas etapas dos cursos;
- e) Estímulo à formação de técnicos indispensáveis ao desempenho e à criatividade em qualquer arte (carpinteiros de cena, afinadores de piano, câmeras, técnicos de som, etc. etc.).

VI. O PAPEL DA CAPES

A CAPES não é escola, não é financiadora de projetos isolados e tampouco órgão de normatização do ensino no Brasil. A CAPES é um agente catalizador de ações visando formar melhores recursos humanos para o País, consolidar a universidade e sinalizar a pós-graduação.

Nesse sentido é que deverá ser entendida sua atuação neste projeto de artes.

17

5º CONGRESSO REGIONAL DE DOCUMENTAÇÃO DA COMISSÃO
LATINO - AMERICANA DA FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE DOCUMENTAÇÃO

Rio de Janeiro, 19 - 22 maio 1980

COMUTAÇÃO BIBLIOGRÁFICA NO BRASIL

por

ANTONIO MIRANDA
MARIA CARMEN ROMCY DE CARVALHO
Representantes oficiais da SESU/MEC
Assessores de Planejamento Bibliotecário
CAPES/MEC

Brasília
Ministério da Educação e Cultura
Secretaria de Ensino Superior - SESu
COORDENAÇÃO DO APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR - CAPES

18

MIRANDA, Antonio & CARVALHO, Maria Carmen Romcy de. **Comutação Bibliográfica no Brasil.** In: CONGRESSO REGIONAL DE DOCUMENTAÇÃO DA COMISSÃO LATINO - AMERICANA DA FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE DOCUMENTAÇÃO (FID/CLA), 5. Rio de Janeiro, 19 - 22 maio 1980. (Mimeo).

RESUMO

Caracteriza a comutação bibliográfica como uma sistemática operacional baseada em processos reprográficos para viabilizar e legalizar o intercâmbio de informações entre as instituições participantes de redes e sistemas. Considera a organização de acervos, sua reunião em catálogos coletivos, a instalação de equipamentos reprográficos e a formalização de uma estrutura operacional para os serviços de comutação (organogramas, fluxogramas, formulários, convênios, etc.) como pré-requisitos. Descreve sucintamente os serviços do IBICT, UFF, SIDE/CAPES, BIREME, BICENGE, BINAGRI, EMBRAPA/DID, etc. Recomenda a adequação do Catálogo Coletivo Nacional de Periódicos do IBICT à estratégia de comutação, para transformar os acervos disponíveis em acessíveis e a criação de um Banco de Comutação Bibliográfica para facilitar e baratear as operações contábeis entre as instituições envolvidas.

RESUMEN

Caracteriza la commutación bibliografica como una sistematica operacional mediante proceso reprografico para viabilizar y legalizar el intercambio de informaciones entre los participantes de redes y sistemas. Considera la organización de colecciones, su reunión en catalogos colectivos, la instalación de equipos reprograficos, y la formalización de una estructura operacional para los servicios de commutación (organogramas, flujogramas, formularios, convenios, etc.) como pré-requisitos. Describe sucintamente los servicios del IBICT, UFF, SIDE/CAPES, BIREME, BICENGE, BINAGRI, EMBRAPA/DID, etc. Recomenda la adecuación del Catalogo Coletivo Nacional de Periódicos del IBICT, a la estrategia de commutación, para transformar las colecciones disponibles en accesibles y la creación de um banco de commutación bibliografica para facilitar e bajar los costos de las operaciones contábiles entre las instituciones envolvidas.

ABSTRACT

It characterizes the interlibrary loan oriented exclusively to reprographic services among institutions (comutação bibliográfica) that participate of networks and systems. It considers the organization of the collection, its inclusion in union catalogs, the instalation of reprographical equipments and the formalization of an operational structure to interlibrary loan services (organograms, flow-charts, forms, aggrements, etc.) as pre-requisites. It describes the services of IBICT, UFF, SIDE/CAPES, BIREME, BICENGE, BINAGRI, EMBRAPA/DID, etc. It recomends the adjustment of the National Union Catalog of Periodicals (IBICT) to the estrategy of "interlibrary loan reprographic services" (comutação) to transform the disponibility of collections in accessibility and the creation of Banco de Comutação Bibliográfica to facilitate and reduce the costs of the accounting operations among the institutions involved in photocopying services.

1. Conceituação

Conforme observa Milton A. Nocetti, em capítulo de livro ainda inédito (9), a palavra "comutação", na acepção restrita de permuta de cópias de documentos entrou no léxico biblioteconômico na primeira metade da década de 70, quando da criação do Serviço de Comutação Bibliográfica da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária - EMBRAPA. A definição de "comutação bibliográfica" já englobava mais do que o simples processo de oferecer cópias reprográficas de documentos, incluindo o seu caráter sistêmico de apoio em uma infra-estrutura mínima de organização que inclui catálogos coletivos e acesso a coleções centralizadas/descentralizadas de documentos.

Na definição proposta por NOCETTI, a comutação bibliográfica seria "um sistema, com bases de reciprocidade legal, no qual as partes (unidades de informação) colocam à disposição, uma das outras, as coleções de publicações periódicas para intercâmbio de fotocópias. A participação de bibliotecas e centros de documentação no sistema está condicionada aos objetivos e metas desejados. Assim, por exemplo, podem ser planejados sistemas setoriais, incumbidos apenas de uma área do conhecimento, ou sistemas regionais e nacionais multidisciplinares" (10).

Infere-se na definição — que é mais de origem pragmática do que terórica — que ele limitou-se à chamada "comunicação hemerográfica" ou exclusivamente de publicações periódicas e à xerocópia como processo quando, na teoria, o serviço pode basear-se em outras tecnologias (microfilmagem, off-set, etc.).

Em síntese, poder-se-ia considerar a comutação hemerográfica, bibliográfica ou documentária como sendo "uma sistemática operacional mediante a qual, por procedimentos reprográficos de qualquer índole (cópias tipo xerox, microfilmes, microfichas, etc.), os usuários de uma biblioteca, centro de documentação ou banco de dados, têm acesso ao acervo de outra instituição similar participante de uma mesma rede. Este processo interbibliotecário é regido por normas específicas de prestação de serviços, de forma regular e responsável. (8).

Setores mais conservadores vêm colocando certas restrições à adoção do termo "comutação" no campo biblioteconômico mas ele já se generalizou, tanto na literatura quanto nos órgãos responsáveis pela implantação de serviços como são os casos do IBICT, BINAGRI, EMBRAPA-DID, UNESP e SIDE/CAPES. Com o termo "comutação" pretendeu-se, nos casos supra-citados, destacar do conjunto maior das atividades de intercâmbio e empréstimo - bibliotecas, o serviço exclusivo de permuta de cópias reprográficas de documentos, baseado em acordos e convênios específicos.

2.1. Infra - estrutura mínima de um Serviço de Comutação Bibliográfica.

Um serviço de comutação bibliográfica, exige, dentre outros, os seguintes pré-requisitos:

- a) Acervos organizados das diversas instituições convenientes. Em certos casos, pode-se chegar a definir uma política de seleção e aquisição para garantir uma mais razoável distribuição dos acervos em termos de regiões e de especialidades. Uma central ou várias coleções regionais podem ser opções para facilitar o acesso ao documento e dinamizar o serviço aos usuários.

- b) **Catálogos Coletivos** facilitam a localização dos itens requeridos pelos usuários nas bibliotecas do sistema, permitindo optar por aqueles mais próximos e/ou com melhores condições de atendimento. Não é sine-qua-non a existência de um catálogo coletivo mas a sua ausência obrigaria a um processo de busca mais lento e menos seguro. Os catálogos podem ser organizados em fichas, em fitas magnéticas ou impressos. No caso do Brasil, já contamos com o Catálogo Coletivo Nacional de Periódicos do IBICT e os especializados ou regionais da BINAGRI - CBDA, EMBRAPA - DID, UNESP, SÍDE/CAPES, etc.
- c) **Equipamentos reprográficos** compatíveis com a natureza dos serviços: máquinas tipo xerox, Nashua e similares, microfilmadoras, leitoras (copiadoras de microfichas) microfilmes, etc. Parte-se do pressuposto de que a instituição conveniente deve dispor de equipamentos próprios ou próximos para, em tempo hábil, oferecer/usar a cópia dos documentos demandados pelos usuários.
- d) **Estrutura operacional** centralizada ou descentralizada que especifique as condições, responsabilidades e modalidades previstas no serviço. Implica na definição de uma rede ou sistema cooperativo, com suas bases jurídicas competentes (convênios, contratos, etc.) e nas mecânicas operacionais necessárias (organograma, fluxogramas do serviço, formulários, cupons, etc.). Tais estruturas e rotinas devem ser escritas e divulgadas para controle do sistema (2, 8, 9).

2. Serviços de comutação no Brasil.

O primeiro serviço de comutação bibliográfica, no Brasil, surgiu em fins da década de 40 na Universidade de São Paulo e era parte dos Serviços de Reprografia da Biblioteca Central.

Em 1949, a Fundação Getúlio Vargas elaborou um catálogo coletivo das bibliotecas do Rio de Janeiro o que favoreceu o empréstimo inter-bibliotecas, o que eventualmente, com as limitações reprográficas da época, tinha uma parcela do que se entende hoje por comutação.

O antigo IBBD, atual IBICT desde os seus primórdios em 1954 apregoa a prestação de serviços de comutação à comunidade científica nacional como uma de suas prioridades. Nos anos subsequentes, com a criação de serviços especializados nos diferentes sub-sistemas esta tarefa passou a ser compartilhada sem que se definisse uma política global.

A Universidade Federal Fluminense, através de seu Núcleo de Documentação vem mantendo nos últimos anos um serviço de comutação entre as bibliotecas de seu sistema e com outras instituições dentro e fora do País.

Em 1973, foi formalmente organizada a Rede de Bibliotecas da Amazônia - REBAM com a participação do Projeto Rondon e da Universidade de São Paulo. Os acervos das bibliotecas e instituições dos seis estados e territórios que compõem a Amazônia legal seriam

controlados e tornados acessíveis através de um catálogo coletivo regional. Infelizmente a experiência não foi adiante e cujos motivos não cabe aqui analisar.

Atualmente, na área agrícola, dois serviços vêm sendo desenvolvidos com bastante êxito.

O Serviço de Comutação Bibliográfica da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – EMBRAPA, criado em 1974, conta a nível nacional com o acervo de cerca de 80 bibliotecas entre as da própria rede da EMBRAPA e instituições convenientes. A nível internacional a EMBRAPA conta com o apoio de três grandes centros na área agrícola: National Agricultural Library – NAL, Estados Unidos; British Library Lending Division - Inglaterra, e o sistema AGLINET ligado ao FAO em Roma. As estatísticas de 1979 do Serviço (descentralizado) de Comutação da EMBRAPA indicam um movimento de solicitações da ordem de 63.000. Atualmente o serviço é gratuito, mas há previsão de cobrança para as instituições convenientes.

O serviço de comutação da BINAGRI implantado em 1978, é centralizado e se utiliza do Catálogo Coletivo de Periódicos do IBICT. A reprodução de documentos é feita por xerocópia, micrográfica e eletrostática a partir da própria microficha. O serviço não é gratuito. São cobradas taxas de reprodução de pesquisa e de expediente. Todos os pedidos atendidos, cujo documento é originário de outras bibliotecas, são microfilmados e incorporados ao acervo da BINAGRI, evitando-se com isso, a duplicação de pedidos de atendimento externo.

Na área educacional, o Subsistema de Informação e Documentação Educacional - SIDE, criado em 1977 pela Coordenação do Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES visa promover o intercâmbio da informação bibliográfica entre bibliotecas e centros de informação ligados aos cursos de Pós-Graduação em Educação no Brasil. O serviço se operacionaliza através dos acervos de 39 núcleos contribuintes do Catálogo Coletivo de Periódicos na Área de Educação. Tendo iniciado em dezembro de 1977, o SIDE registrou até fevereiro de 1979, 583 solicitações, provenientes de 21 instituições.

Também na área universitária, a Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP, instalou em 1978, o Serviço de Comutação Documentária utilizando-se do acervo das 14 unidades que compõem a rede de bibliotecas e de outras instituições. Durante 10 meses de funcionamento a UNESP acusou o atendimento de 75% da demanda de informação de seus usuários. 7% das solicitações não puderam ser atendidas porém foram prestadas às informações de "como" e "onde" obtê-la. 18% dos pedidos não foram atendidos.

Exclusivamente para a área de Engenharia a Biblioteca Complementar de Engenharia – BICENGE, apoiada nos acervos das bibliotecas da Politécnica de São Paulo e das bibliotecas da COPPE - RJ estará acionando o serviço de comutação a partir de julho próximo.

A Biblioteca Regional de Medicina - BIREME conta com o serviço de Empréstimo Interbibliotecário utilizando-se de acervo próprio e de seus núcleos regionais e demais bibliotecas convenientes. Atendeu em 1977 a 40.577 solicitações, das quais 28.855, ou seja 71,1% das solicitações foram atendidas com os recursos informacionais da própria BIREME.

Outras instituições entre as quais ESALQ, SIDERBRAS, PETROBRAS, várias universidades, estão desenvolvendo atividades de comutação, o que torna imperioso nesta fase de desenvolvimento dos serviços, estudo avaliativo da experiência nacional que nos conduza a um conjunto mais sólido de normas, procedimentos, tecnologia compatível com a nossa realidade.

3. A Problemática da Comutação no Brasil

Vários fatores vêm determinando a necessidade de implantação de Serviços de Comutação bibliográfica:

- a) o rápido crescimento do ensino superior e de pós-graduação, assim como de órgãos de pesquisa dentro e fora das universidades, exigindo um suporte bibliográfico impossível de ser reunido em um único local;
- b) a acumulação razoável de acervos nas instituições de ensino e de pesquisa, cuja maximização de seu uso pela comutação justificaria os altos investimentos implicados nas diversas bibliotecas;
- c) os custos cada vez mais altos requeridos para manutenção de acervos e a escassez de divisas para a importação de material bibliográfico, não só impelem à racionalização nas aquisições quanto na intensificação de seu uso. Vale dizer que devemos importar menos e garantir um uso mais intenso e menos restritivo dos acervos importados.

A comutação bibliográfica pode favorecer a seleção de títulos e sua localização para o uso cooperativo dos acervos, evitando a excessiva repetição dos materiais de uso menos generalizado.

Atualmente, já é bem significativo o acervo de periódicos e de outros documentos localizados nas nossas bibliotecas, conforme atesta o nosso Catálogo Coletivo de Periódicos, elaborado pelo IBICT. O uso desses acervos é limitado nas próprias instituições de ensino/pesquisa devido à nossa precária tradição de pesquisa e aos métodos de ensino que são excessivamente dependentes de aulas expositivas e de livros-textos. As estatísticas nacionais de comutação demonstram um uso modestíssimo do enorme potencial disponível. Paradoxalmente, resulta mais fácil recorrer a serviços estrangeiros de comutação do que aos nacionais, constituindo-se em frustração para os usuários, em prejuízo para as atividades dependentes da informação demandada e em desperdício de divisas.

4. Conclusões

As causas da precariedade de nossos serviços de comutação — apesar dos enormes progressos no final da década passada — seriam, entre outros fatores distorsivos, a atomização e isolacionismo das atividades de ensino e pesquisa e as barreiras burocráticas, hierárquicas, políticas e sociais entre as instituições em jogo.

24

A experiência já acumulada determina não só a viabilidade mas também a necessidade inadiável de institucionalizar a "comutação bibliográfica" entre nós, como uma das soluções para a presente escassez de divisas, e para atender o crescimento das necessidades informacionais implicados nos planos nacionais e setoriais de desenvolvimento.

Trata-se, em outras palavras, de garantir o acesso aos documentos acumulados nas nossas bibliotecas/centros de documentação, de forma mais democrática e menos etilista e exclusivista que a atual. Pretende-se, portanto, não apenas divulgar a disponibilidade (mediante os catálogos coletivos) como — e principalmente — garantir a acessibilidade real ao documento, independentemente do local em que esteja armazenado. Em outras palavras, transformar as nossas bibliotecas de depositárias ou agentes passivos em órgãos ativos na transferência e disseminação da informação

5. Recomendações

5.1. O Catálogo Coletivo Nacional de Periódicos, do IBICT, deverá ajustar-se à estratégia da comutação hemeográfica, isto é, fazendo não apenas um inventário de acervos (disponibilidade) mas, sobretudo, de coleções e de condições de atendimento de cópias (acessibilidade). Poder-se-ia determinar um prazo às instituições participantes quanto à estratégia de prestação de serviços, oferecendo às mesmas consultorias técnicas e/ou recursos para se adequarem aos requerimentos da comutação. Expirado o prazo, proceder-se-ia à exclusão da biblioteca/acervo do Catálogo não só para diminuir os custos da elaboração do mesmo como para aumentar a confiabilidade no processo de acesso aos documentos arrolados.

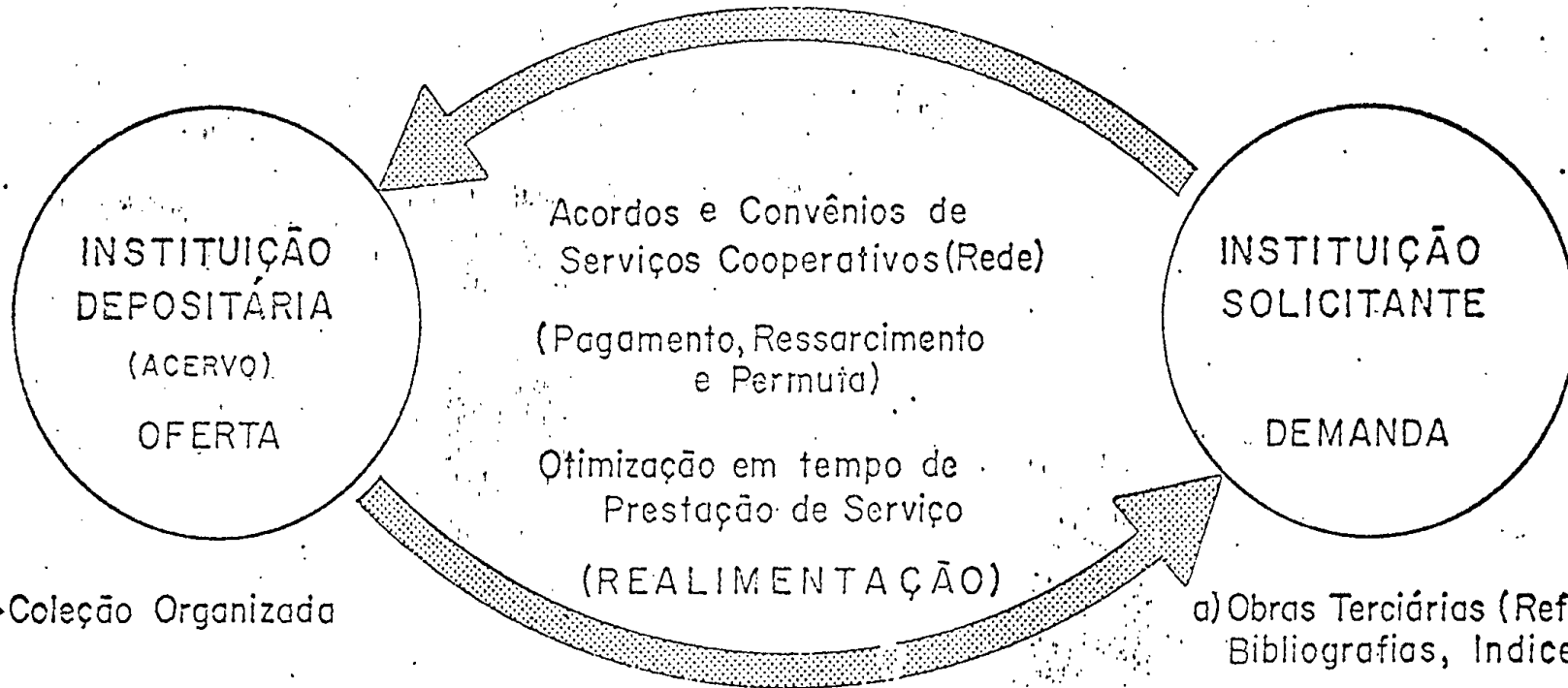
5.2. Criação de um Banco de Comutação Bibliográfica encarregado de padronizar operações, simplificar rotinas e formulários e servir de intermediário único entre as instituições convenientes de forma a baratear e agilizar o acesso aos documentos. O Banco funcionaria como um "switching-center" nas operações de compensações financeiras entre as instituições participantes e procederia à realização de estudos tendendo à melhoria na distribuição dos recursos informacionais segundo a própria dinâmica do mercado.

BIBLIOGRAFIA

1. BETTIOL, Eugênia Maranhão et alii. Análise de dados gerados do Serviço de Comutação Bibliográfica. Brasília, EMBRAPA, 1978. 36 p. mimeo.
2. ---. Comutação Bibliográfica. Brasília, DF., EMBRAPA, 1977 21 p.
3. DAVEY, Jim. Interlibrary Lending in the United Kingdon 1977 - 78. Interlending Review. 6 (4) : 107 - 114 1978.
4. EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA. Departamento de Informação e Documentação. Serviço de Comutação Bibliográfica. Estatística correspondente: Janeiro - Dezembro/79. Brasília, EMBRAPA - DID, 1980. 5p.
5. FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE ASSOCIAÇÕES DE BIBLIOTECÁRIOS. Empréstimo internacional: princípios e diretrizes para sua realização (1978). Trad. Antonio Agenor Briquet de Lemos. R. Bras. Bibliotecon. Doc. 12(1/2) : 101 - 107 jan./jun 1979
6. INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA. Comissão Brasileira de Catálogos Coletivos. 2ª Reunião Extraordinária sobre Comutação Hemerográfica, 2. Rio de Janeiro, 28 - 29 maio de 1979.
7. LINE, Maurice B. Access to documents. In: SEMINÁRIO SOBRE PLANEJAMENTO DE REDES NACIONAIS DE INFORMAÇÃO E DOCUMENTAÇÃO. Brasília, 31 jul/ 2 ago/ 1979. Anais. Rio de Janeiro, The British Council, 1977. p. 52 - 74.
8. MIRANDA, Antonio. Comutação hemerográfica: manual de procedimentos. Brasília, MEC/DAU/CAPES, 1977. 16 p. mimeo.
9. NOCETTI, Milton A. Comutação bibliográfica. Brasília - EMBRAPA-DID, 1980. 18p. mimeo.
10. ---. Informação para o desenvolvimento: maximização dos recursos documentários nacionais através de sistemas de comutação bibliográfica. Bol ABDF. Nova Série, 2(3) : 38-44, 1979.
11. OLIVEIRA, Tereza da Silva Freitas. Serviço de Comutação Documentária da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 10. Curitiba, 22 - 27 julho 1979. Anais. Curitiba, Associação Bibliotecária do Paraná, 1979. v.2 p. 796 - 809.
12. QUEIROZ, G. G. & GONÇALVES, O. C. Serviço de apoio bibliográfico; Sugestão para integração das bibliotecas especializadas em energia nuclear. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 10. Curitiba, 1979. Anais. Curitiba, ABPr, 1979. p. 672 - 84.

COMUTAÇÃO HEMEROGRÁFICA

INTERFACE SISTÊMICA



- Coleção Organizada
- Serviço Reprográfico
- DSI, Alerta, Listagens.

- a) Obras Terciárias (Referência) Bibliografias, Índices, etc.
- b) Catálogo Coletivo
- c) Bibliografias Personalizadas

USUÁRIO

- Mudança de hábito de pesquisa e leitura (TREINAMENTO DE USUÁRIO)

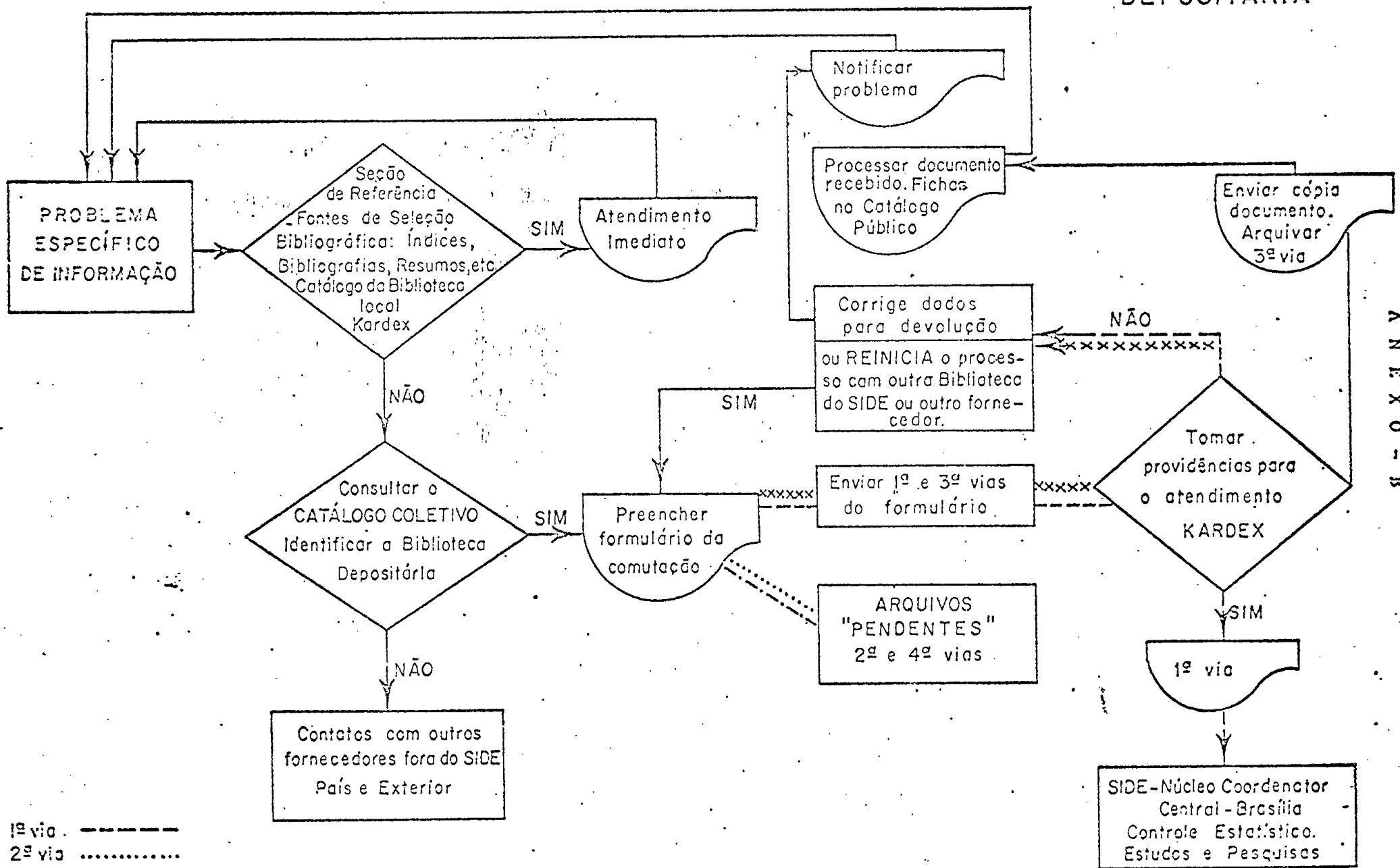
Otimização em Pertinência de Acervos/Serviços Ágeis

Otimização na Relevância de Solicitações

USUÁRIO

BIBLIOTECA LOCAL

BIBLIOTECA DEPOSITÁRIA



ANEXO B

- 1ª via - - - - -
- 2ª via
- 3ª via xxxxxxxx
- 4ª via - - - - -

Fluxograma da Comutação Hemerográfica

ANEXO C

SERVIÇOS DE COMUTAÇÃO BIBLIOGRÁFICA NO BRASIL
ATENDIMENTO DE FOTOCÓPIAS

EMBRAPA -- janeiro - dezembro 1979		
	Documentos	Páginas
Atendimento pelo SITCE	22.584	280.856
Atendimento por Convênios Nacionais	14.930	163.194
Atendimento por Convênios Internacionais	13.324	95.141
Outros	384	8.222
Total	51.227	547.413

BINAGRI		
	Documentos	Páginas
1978	10.326	118.983
1979	8.361	93.399
1980 (até março)	1.024	10.031

SIDE -- Dezembro 77 - Fevereiro 79		
Atendimento por 21 instituições	583	

BIREME -- 1977 Solicitações Atendidas		
BIREME	28.855	
Bibliotecas da Região (Brasil e demais países da América Latina)	3.899	
Outros centros não pertencentes à Região	83	
U. S. National Library of Medicine	7.740	
Total	40.577	

VERSÃO PRELIMINAR

II PROJETO NORDESTE DE PÓS-GRADUAÇÃO

1980 — 1984

CAPES, 1980

INTRODUÇÃO

O I Projeto Nordeste de Pós-Graduação constituiu uma fase inicial de apoio às Universidades da região para que seus setores de pós-graduação, alguns já com vigorosa tradição e outros recém-emergentes, tivessem seu processo de consolidação e expansão adstrito às diretrizes do Plano Nacional de Pós-Graduação. Assim, a implantação de novos cursos, com ajuda diversificada, dar-se-ia de conformidade com as peculiaridades locais e em termos da formação de quadros especializados. Sua filosofia de ação decorreu do pressuposto de que, qualquer que fosse o modelo de desenvolvimento regional a ser seguido no Nordeste, não se poderia prescindir de recursos humanos qualificados e de centros de pesquisa-ensino de alto nível.

A escolha do Nordeste Brasileiro, como a primeira experiência a merecer da CAPES uma programação específica, teve em conta características especiais da região, como a existência prévia de uma forte base universitária, localizando-se aí — ao contrário do resto do País — uma exclusiva participação do sistema federal de ensino superior na Pós-Graduação. Este fato, aliado à possibilidade de ação direta das Universidades, permitia e aconselhava a viabilidade do investimento. Apoiar a pós-graduação da Região Nordeste significava, pois, dar ênfase à formação de quadros docentes e de técnicos capazes de responder aos desafios do ensino, da ciência e tecnologia.

O I Projeto Nordeste concentrou esforços sobre as Pró-Reitorias de Pesquisa e Pós-Graduação e sobre os cursos, a fim de garantir nesta primeira fase, dentre outras coisas, um aprofundado conhecimento da pós-graduação regional. Além de auxiliar no desenvolvimento organizacional das Pró-Reitorias, financiou a vinda de professores visitantes, estrangeiros e nacionais, e ações diversificadas do tipo: apoio a teses, bibliotecas, infra-estrutura de cursos e reuniões científicas.

Os resultados numéricos do I Projeto são significativos mas indicam também a necessidade de medidas continuadas, ao se perceber que os avanços se diluem dentro da magnitude do problema que persiste. As maiores ações do Projeto concentraram-se na formação de recursos humanos, na consolidação e expansão controlada das atividades de pós-graduação. A região deteve no período o maior número de bolsas da CAPES, induzindo-se sempre a que os alunos fossem estudar fora do local de trabalho, a fim de evadir os processos endogênicos que tendem a atrofiar as instituições acadêmicas.

Por outro lado, na medida em que o Projeto apoiava a melhoria dos cursos na região, assistiu-se ao fenômeno inverso, ou seja, à procura espontânea de estudantes de outros lugares pelos cursos da região. Se em 1975 praticamente inexistia esse fluxo de estudantes para o Nordeste, em 1978 a UFC já apresentava 36% do total de seus alunos oriundos de fora do Estado e 15% de outras regiões. Seguiam-se a UFPb com 15% de outras regiões, a UFBa com 10% e a UFPe com 7%. Um outro tipo de aluno também surgiu na região — o aluno estrangeiro — que passou de 7 em 1977 para 22 em 1980.

A região dispunha de 52 programas em 1975, atingindo 109 no corrente ano, não apresentando indícios de que a curto prazo novos cursos venham a surgir. Há um grande esforço — e isto é o que se propõe no atual Projeto — para consolidar o existente e absorver novas propostas de núcleos de pesquisa, sem status de mestrado.

O professorado com mestrado e doutorado elevou-se de 672 em 1975 para 1.423 em 1979 e o alunado de 1.275 para 2.969 no mesmo período. Estas relações, quando limitados estritamente ao setor da pós-graduação, indicam que o crescimento apenas acompanhou a expansão do número de cursos. Significativo, no entanto, é quando se observa que o número de mestres e doutores ensinando na região (graduação e pós-graduação) elevou-se de 1.889, em 1975, para 5.000 em 1980 (crescimento de 164%), mostrando portanto que o Projeto teve uma ação benéfica para todo o sistema de ensino.

O I Projeto Nordeste não podia pelo tempo de atuação e por seus limites operacionais e financeiros estabilizar definitivamente a pós-graduação local. Mas os efeitos dele gerados, permitem a partir de agora e através de novos instrumentos de ação que se proponha programas que consolidem as Universidades que participaram do I Projeto, estendendo-se os mesmos benefícios às instituições menores, onde se localize potencial significativo para a pesquisa. No caso das últimas não se estimularia iniciativas de pós-graduação "stricto sensu", mas a geração de núcleos de comprovada competência científica integrados aos centros maiores.

Este novo Projeto será constituído de seis subprojetos que, integrados, permitirão atingir os objetivos propostos.

1. JUSTIFICATIVA

A estabilização da Pós-Graduação no Nordeste impõe-se por imperiosa necessidade social e política, além de representar atendimento à própria estrutura da educação nacional. É preciso, portanto, que sejam consolidados os cursos de Pós-Graduação, considerando-se sua estabilização como etapa necessária de um processo de maturação lenta, própria a toda área de pesquisa e formação de recursos humanos qualificados. Não se faz ensino e pesquisa sem recursos materiais e humanos adequados; por esta razão, a Pós-Graduação no Nordeste deve receber agora tratamento diferenciado visando à sedimentação de seus programas e implementação continuada na formação de seus cientistas.

Essa orientação representa o cumprimento da Política Nacional de Pós-Graduação, cujos objetivos e prioridades explicitados no II PNPG, o qual evidencia os fatores condicionantes que impedem a adoção de soluções únicas e tratamento igualitários na orientação do sistema de Pós-Graduação, para realização de seus objetivos. Entre as condições desfavoráveis que restringem seu pleno desenvolvimento estão aquelas relativas aos diferentes estágios de evolução, organização e produção do conhecimento científico, em que se encontram as instituições universitárias brasileiras nas diferentes regiões, e as situações reais de ordem econômica, social e institucional que são peculiares às regiões menos desenvolvidas. Dentro desse quadro, não é possível estabelecer diretrizes padronizadas para resolver os problemas e questões pertinentes ao conhecimento humano ou, no caso específico, às disparidades regionais.

Para superar os desníveis regionais é necessário que regiões como o Nordeste disponham de recursos humanos capazes de enfrentar, com competência, os problemas fundamentais que marcam sua realidade sócio-econômica. E também, que as diretrizes estratégicas, implementadas para alcançar a universalização do conhecimento científico-tecnológico, possam garantir a manutenção de um sistema de Pós-Graduação equilibrado e coerente.

A CAPES não se ilude quanto ao caráter restritivo que envolve um projeto de Ciência e Tecnologia. Tem presente os altos custos das atividades de Pesquisa e Pós-Graduação, quando uma das maiores preocupações do Governo atualmente, no que diz respeito à Educação, é dar prioridade à universalização do ensino básico. Mas a CAPES reconhece, também, que o compromisso social das Universidades e, especialmente o ensino de Pós-Graduação regional, é cada vez maior nas regiões que dispõem de recursos financeiros insuficientes para melhorar as condições físicas, materiais e humanas, adversas em que vive a maioria de sua população. Por isso, vê essas instituições como o elo de integração do sistema educacional brasileiro, como um instrumento de irradiação capaz de influir na tomada de decisões e gerar novas ações que modifiquem o quadro geral do Nordeste, passando a se comprometer com sua problemática.

Além disso, no mundo moderno, centros científicos ou tecnológicos do mais alto nível não estão mais necessariamente ligados aos centros urbanos tradicionais. As políticas de desenvolvimento regional evoluíram da simples ajuda para resolver problemas circunstanciais das regiões mais pobres para uma concepção de sua interdependência com o desenvolvimento nacional, preparando-as humana e materialmente para que tenha condições de participar e contribuir no processo de desenvolvimento global. Essa mudança, causada em parte pelo próprio desenvolvimento científico e tecnológico, provocou a conscientização mais nítida das diferenças existentes entre as condições de vida das regiões periféricas e as condições das áreas mais desenvolvidas e industrializadas.

2. A NECESSIDADE DE UMA NOVA FASE

Os indicadores que a sociedade utiliza para avaliar o grau de utilidade do ensino de Pós-Graduação estão diretamente relacionados com a capacidade técnico-científica dos seus egressos e também com a objetividade na obtenção de respostas e soluções aos problemas fundamentais que lhe afligem.

O II Projeto Nordeste além de criar condições para melhorar a qualidade dos formandos da pós-graduação, abre uma gama de possibilidades para que a Pós-Graduação realize programas que atendam aos interesses e necessidades setoriais da sociedade regional. Mas para que se possa concretizar um plano de ação de natureza regional, é essencial que a Universidade, através dos Centros de Pesquisa e Pós-Graduação, se articule com as comunidades setoriais e se torne parte integrante da sociedade onde atua, estreitando os contatos e ampliando o interrelacionamento com a vida comunitária e não-universitária.

A efetiva participação do quadro universitário pós-graduado nos programas de desenvolvimento patrocinados pelos órgãos governamentais e empresariais aumenta de maneira significativa as dimensões do caráter utilitário do ensino de 4º grau. Essa participação integrada na sociedade exige a prévia consolidação dos centros emergentes e elevação do nível de capacitação científica e tecnológica dos mesmos, dando-se maior aproveitamento àqueles que desenvolvem pesquisas voltadas para os problemas prioritários da região nordestina.

A Pós-Graduação no Brasil se constitui numa atividade relativamente nova sendo mais recente ainda no caso específico do Nordeste. Apesar disto, o avanço experimentado nas suas atividades assegura hoje no Brasil e, particularmente, no Nordeste, um potencial elevado em termos de participação efetiva no sistema produtivo. Esse avanço, no entanto, não se distribui de maneira harmônica em todo o País, devido ao processo que concentra pesquisadores e apoio financeiro às pesquisas que se desenvolvem no sudeste brasileiro.

O Projeto, por intermédio dos órgãos de fomento à pesquisa e pós-graduação, objetiva romper com esse círculo vicioso através de apoio que obedeça a critérios decrescentes de carência, fomentando os núcleos universitários com potencialidade para gerar um bom centro de pesquisa.

O retorno esperado dos investimentos realizados em pesquisas científicas e tecnológicas está condicionado a três fatores: a) qualificação dos pesquisadores; b) apoio logístico aos Centros de Pesquisa e Pós-Graduação; e c) grau de absorção dos resultados das pesquisas pelo sistema produtivo. Na realidade esses três fatores se mesclam, dando início à criação de um outro círculo vicioso: a absorção dos resultados está condicionada pela qualidade dos pesquisadores e seus instrumentos de trabalho, estes, por sua vez dependem da demanda que a comunidade manifesta pelos serviços oferecidos pela Pós-Graduação, os quais estão na dependência do apoio prestado pelos setores públicos e privado. Além dessas forças, ainda interagem no processo o papel e o interesse do capital estrangeiro e da própria estrutura governamental, através do uso de tecnologia importada que é oferecida já pronta e mais barata: conseqüentemente requer menor volume de investimentos por parte dos setores interessados. Mas mesmo nos casos de pura transferência de tecnologia para as regiões menos desenvolvidas, a Pós-Graduação regional deve dar ao seu quadro docente e discente a capacidade técnico-científica de saber escolher entre as alternativas que se apresentam, qual a mais adequada para o caso em estudo.

As ações do I Projeto Nordeste, no que diz respeito aos dois primeiros aspectos, alcançaram resultados positivos, mas insuficientes.

Os resultados do terceiro aspecto dependem da continuidade do Projeto e do adicional de recursos que a CAPES possa dar à Pós-Graduação, para os grupos de pesquisa continuarem seu trabalho e se incorporarem ao processo produtivo.

Desses recursos também depende o apoio para os grupos emergentes implementarem seus projetos de pesquisa.

Além das atividades de pesquisa, a Pós-Graduação é um mecanismo de retenção e atração de pessoal altamente qualificado o qual, junto aos órgãos governamentais nas áreas federal, estadual e municipal, poderá prestar serviços direta e ou indiretamente através de treinamento a nível profissional. Esta atuação conjunta já começa a se fazer sentir em diversas Universidades do Nordeste, precisando, no entanto, tornar-se institucionalizada.

A CAPES, em colaboração com o CNPq, a SUDENE e outros órgãos de fomento, pretende incentivar o intercâmbio entre Centros de Pós-Graduação/Setores Públicos/ Empresa Privada, estimulando a capacidade potencial dos recursos humanos especializados que existe no Nordeste, na direção de um amplo programa de cooperação institucional para melhorar as condições de carência que afetam as áreas nordestinas menos favorecidas.

A atuação indireta da CAPES e das demais Agências Federais de Fomento à Ciência e Tecnologia sobre projetos que tenham como finalidade minimizar os problemas econômicos, sociais administrativos, educacionais, etc. contribuirá de modo relevante para que o conhecimento científico e as inovações tecnológicas geradas na Pós-Graduação do Nordeste assumam nova dimensão de funcionalidade. Esse direcionamento das pesquisas no sentido de atender as necessidades singulares e os interesses específicos da realidade sócio-política e econômica da região encerra uma expectativa de retorno dentro de prazos mais curtos e visa, ainda, a estimular a colaboração entre os órgãos de fomento e as agências financiadoras de pesquisa.

3. OBJETIVOS

Este Projeto visa a consolidar a pesquisa e a Pós-Graduação no Nordeste para que a região tenha condições de:

- Superar sua carência da capacitação científica e tecnológica e alcançar o desenvolvimento.
- Dispor de centros de investigação científica de alto nível, a partir do trabalho já desenvolvido pelas Universidades, prestigiando-se prioritariamente iniciativas que visem à complementariedade institucional.
- Dispor de recursos humanos e materiais capazes de participar do processo de desenvolvimento nacional.
- Reverter a experiência já acumulada em benefício dos outros graus de ensino e da sociedade regional.
- Melhorar a composição do corpo docente das Instituições de Ensino Superior e a qualidade do ensino de graduação.
- Usar o potencial instalado para apresentar alternativas de treinamento técnico profissional à sociedade local.

II PROJETO NORDESTE DE PÓS-GRADUAÇÃO
SUBPROJETO: AUXÍLIOS À PÓS-GRADUAÇÃO

II PROJETO NORDESTE DE PÓS-GRADUAÇÃO

SUBPROJETO: AUXÍLIOS À PÓS-GRADUAÇÃO

1. Introdução

O desenvolvimento da Pós-Graduação nos últimos anos teve um impacto indiscutível na capacitação de recursos humanos para a docência e a pesquisa científica. O espírito universitário, a preocupação com a busca da excelência, até então inexistentes, especialmente nas pequenas instituições, começaram a brotar aqui e ali frutos da saudável convivência proporcionada aos egressos dos cursos de pós-graduação no período de sua formação. Há uma reconhecida necessidade de se manter esse esforço e, se possível, até ampliá-lo, tal o efeito benéfico para a futura geração de professores e cientistas que daí advirá.

A ebulição intelectual que apareceu nos centros universitários após a instação da pós-graduação, conseqüência do processo formativo, proporcionou uma ampliação formidável da produtividade científica. É lamentável contudo, ter-se de admitir que a pós-graduação ainda continua sendo considerada uma atividade residual nas instituições acadêmicas, especialmente quanto a alocação de recursos indispensáveis ao seu funcionamento. Esse problema se torna tanto mais grave quanto menor for o centro, uma vez que seu poder competitivo para obtenção de recursos extra-orçamentário fica diminuído: enquanto os grandes centros de pós-graduação têm sua manutenção assegurada por meio de concessão de auxílios institucionais, alguns dos quais verdadeiramente polpidos, os médios e pequenos muitas vezes têm de lutar com dificuldades primárias, por absoluta falta de recursos que lhes garantam a sobrevivência. Paradoxalmente guardadas as proporções, sua sobrevivência se reveste de uma importância relativa bem maior, tal a influência que consegue exercer no contexto institucional, como polo irradiador de eficiência, competência e espírito universitário.

Dado o grau de sua importância relativa e o baixo custo de sua manutenção, a relação custo/benefício torna-se, sem dúvida, uma das mais baixas em empreendimento dessa natureza, o que justifica seja o investimento realizado.

No nordeste, região em que a atividade econômica primária é tão prejudicada pela conhecida irregularidade pluviométrica, a necessidade de se manter e até ampliar essa atividade terciária — formação de recursos humanos em quarto grau — toma mais vulto: quer pela influência que certamente tem na solução ou, pelo menos, minimização dos problemas regionais, quer como formadores de especialistas necessários a outras regiões brasileiras, principalmente aquelas, cujo baixo povoamento contrasta com o super povoamento nordestino.

Por todas essas razões, o Subprojeto de Auxílios, cuja finalidade é proporcionar condições materiais de funcionamento aos cursos de Pós-Graduação que, pelo seu corpo docente, apresentam reconhecido potencial científico, desempenhará papel de relevância dentre as ações que se pode desenvolver para se alcançar o desenvolvimento científico e tecnológico do Nordeste.

Pelo conhecimento do quadro global das necessidades, a ação deste subprojeto deverá se fazer sentir através das Pró-Reitorias de Pesquisa e Pós-Graduação, a quem caberá o papel regulador do fluxo de recursos, proporcionando-os de maneira equilibrada entre os diversos cursos de Pós-Graduação, de acordo com o aparecimento das necessidades e na medida das disponibilidades. Assim, por meio de uma maior racionalização na aplicação dos recursos, procurar-se-á maximizar sua utilização.

2. Procedimentos e Metas

Será feito, em conjunto com as Pró-Reitorias de Pesquisa e Pós-Graduação, uma avaliação periódica dos Cursos de Pós-Graduação, tanto no que diz respeito às necessidades como principalmente quanto à qualificação, a qual servirá de base à negociação anual para a distribuição dos recursos às Pró-Reitorias.

O fluxo de recursos para cada programa se fará através da Pró-Reitoria respectiva, à qual está afeto o acompanhamento financeiro. Quanto ao acompanhamento do desenvolvimento das atividades de ensino e pesquisa, esse será promovido pela CAPES, através de sua assessoria especializada, que contará com o apoio logístico da Pró-Reitoria.

Considerando a existência no momento de cerca de 70 cursos/núcleos recomendados para apoio e arbitrado Cr\$ 500.000,00 (quinhentos mil cruzeiros) como necessidade anual média para cada curso, chega-se a quantia de Cr\$ 35.000.000,00 (trinta e cinco milhões de cruzeiros), que representa o custo do subprojeto, no corrente ano. A cada ano pretende-se incluir mais cinco cursos/núcleos, consolidados ou novos, até o máximo de noventa (90), na pressuposição de que haverá sempre um número de 10% a 20% de cursos com problemas graves de instabilidade.

ORÇAMENTO *

(Em Cr\$ 1.000,00)

A N O	NÚMERO DE CURSOS/NÚCLEOS	V A L O R
1980	70	35.000
1981	75	37.500
1982	80	40.000
1983	85	42.500
1984	90	45.000
T O T A L		180.000

* A preço constante (1980)

II PROJETO NORDESTE DE PÓS-GRADUAÇÃO
SUBPROJETO: CURSOS DE ESPECIALIZAÇÃO

II PROJETO NORDESTE DE PÓS-GRADUAÇÃO

SUBPROJETO: CURSOS DE ESPECIALIZAÇÃO (Pós-Graduação Lato-Sensu)

1. Introdução

As formas mais avançadas de pós-graduação, mestrado e doutorado, nem sempre constituem os melhores caminhos da formação e do treinamento científico, técnico e profissional, considerando contingências nacionais e, mais especificamente, regionais. Comprovadamente, a docência brasileira não está sendo feita por mestres e doutores, e nem estará a curto prazo. Todo o esforço já realizado até hoje, apenas conseguiu que 15% dos docentes do País obtivessem títulos a nível de mestrado e doutorado. No Nordeste a diferença foi de 16% para 29% no período de 1975 a 1979.

O mais significativo na análise do problema é que os programas de mestrado e doutorado estão beneficiando tremendamente as instituições maiores, localizadas em grandes centros urbanos, em detrimento das escolas menores, notadamente aquelas localizadas no interior. Os poucos professores que saem para cursos desses níveis não voltam às suas instituições de origem.

Este fato tem uma repercussão grave em várias regiões do País, inclusive no Nordeste. Há um grande contingente de professores (quase sempre profissionais radicados no local) ensinando em instituições pequenas afastadas, das capitais e que, não podem se afastar para cursos de 2 a 4 anos fora de suas cidades. Nestes casos, é preciso que se chegue aos professores, porque eles estão a formar também os candidatos futuros não apenas ao mercado profissional mas também à docência e, em decorrência, aos cursos de mestrado e doutorado.

Preocupação idêntica poderia ser dirigida para o setor de 2º grau, para o qual no momento se voltam as grandes inquietações dos responsáveis pelo ensino no País. Para isso há de se considerar o rico potencial instalado nas universidades da própria região, em pesquisa e ensino e que deve se voltar para a realidade educacional do ensino médio.

Os compromissos com os problemas da sociedade nordestina tem estimulado um direcionamento regionalista na maioria dos cursos da região. Observa-se, no entanto que o sucesso desse enfoque está diretamente vinculado à capacidade do grupo em dominar os princípios universais de cada ciência. Quanto mais consolidado o grupo, mais fácil de se tornar um veículo de conhecimento da região. O potencial desses grupos já constitui uma força ponderável que deverá ser usado para o treinamento de técnicos e profissionais não ligados ao setor educacional, notadamente em áreas estratégicas para a região.

Em alguns casos os cursos de aperfeiçoamento e especialização se apresentarão como estágios transitórios, mas em outros, especialmente em áreas profissionais, poderão significar soluções permanentes.

2. Definição e Estratégias

A especialização deverá ter como característica básica a terminalidade, com ênfase no desenvolvimento de habilidades e aptidões técnicas e científicas voltadas para determinado campo de aplicação do conhecimento. A exigência de pesquisa, por parte dos alunos e docentes, deverá adaptar-se às peculiaridades de cada especialidade, enfatizando a realização de trabalhos práticos. Tanto sua estrutura e funcionamento, quanto a composição de seu corpo docente devem refletir de perto as exigências e necessidades que o exercício daquela especialidade impõe.

Os cursos de aperfeiçoamento por suas características menos aplicadas deverão servir primordialmente para ampliar as opções dos que trabalham no contexto acadêmico, visando a incorporação sistemática de novos enfoques e das contribuições mais recentes. Sua periodicidade e diversidade contribuirão para a constituição de um corpo docente permanentemente atualizado e, conseqüentemente, para a elevação do ensino ao nível de graduação. Seus cursos podem, em grande parte, ser os mesmos do mestrado, mantendo-se as diferenças quanto aos requisitos para a obtenção do certificado, especialmente no que se refere à tese.

Pretende-se dentro desse enfoque conceitual experimentar modalidades formais e não formais de pós-graduação "lato sensu", através da realização de cursos de aperfeiçoamento/especialização. No que tange à docência estes cursos concentrar-se-iam em matérias fundamentais, sobretudo as do ciclo básico, e visariam ao atendimento de professores de instituições de pequeno e médio porte, localizadas geograficamente em centros menores, e onde se concentra o maior contingente de professores dispondo apenas do título de graduação.

Os cursos organizados dentro de modalidades formais teriam, entre outras, as seguintes características específicas: cursos organizados para atender a uma necessidade da clientela regional ou do distrito geo-educacional; de baixo custo operacional, com responsabilidades financeiras divididas entre as instituições envolvidas; concentrados nos meses de férias, atendendo à clientela cuja ausência prolongada é inviável, e oferecendo a vantagem de levar profissionais de excelente qualidade para ministrar aulas e orientar atividades; facilidade de deslocamento do professor encarregado do treinamento, já que serão sediados na própria região ou distritos geo-educacionais.

Este subprojeto também visa a oferecer treinamento a técnicos de órgãos públicos, notadamente técnicos das Secretarias de Educação dos Estados nordestinos, com o objetivo de atender às necessidades de planejamento e administração dos sistemas estaduais de ensino. Em alguns casos excepcionais esses benefícios poderão ser dados a pessoas (bolsas) ou órgãos não públicos.

Os cursos organizados dentro de modalidades não formais constituirão um subprojeto à parte (vide subprojeto: Tutoria).

3. Metas

Este subprojeto pretende implantar:

- A. Um programa de cursos de aperfeiçoamento/especialização para docentes e técnicos, visando treinar no período 1980/84 2.000 professores e 1.000 técnicos.
- B. Um programa de apoio aos cursos permanentes de especialização — prioritariamente de natureza profissionalizante — através de auxílios institucionais, concedendo 500 bolsas a cursos de especialização, no mesmo período.

II PROJETO NORDESTE DE PÓS-GRADUAÇÃO
SUBPROJETO: ESPECIALIZAÇÃO

ORÇAMENTO*

(Em Cr\$ 1.000,00)

ESPECIFI- CAÇÃO \ ANOS	1980		1981		1982		1983		1984		TOTAL	
	Nº	Subtotal	Nº	Subtotal	Nº	Subtotal	Nº	subtotal	Nº	Subtotal	Nº	TOTAL
I. Programa de Cursos Não Permanentes):												
- Docentes	200	6.000,00	300	9.000,00	400	12.000,00	500	15.000,00	600	18.000,00	2.000	60.000,00
- Técnicos	50	1.500,00	150	4.500,00	200	6.000,00	300	9.000,00	300	9.000,00	1.000	30.000,00
II. Programas de apoio aos cursos Permanentes:												
- Auxílio Institucional a Cursos	5	3.000,00	10	6.000,00	10	6.000,00	10	6.000,00	15	9.000,00	50	30.000,00
- Bolsas de Estudo	50	4.800,00	100	9.600,00	100	9.600,00	100	9.600,00	150	14.400,00	500	48.000,00
TOTAL	—	15.300,00	—	29.100,00	—	33.600,00	—	39.600,00	—	50.400,00	—	168.000,00

* A preço constante (1980)

II PROJETO NORDESTE DE PÓS-GRADUAÇÃO

SUBPROJETO: BIBLIOTECAS

II PROJETO DE PÓS-GRADUAÇÃO

SUBPROJETO: BIBLIOTECAS

1. Introdução

A população universitária do Nordeste cresceu consideravelmente nos últimos 10 anos.

Paralelamente intensificou-se a pesquisa, multiplicaram-se os cursos de pós-graduação, somando-se hoje 109 nas mais diversas áreas. Entretanto, as bibliotecas centrais e setoriais especializadas das universidades não acompanharam quantitativamente e, principalmente, qualitativamente tal crescimento.

Há no Nordeste 118 bibliotecas universitárias, sendo 15 bibliotecas centrais e 103 bibliotecas setoriais, e onde 103 estão na esfera federal, 1 estadual, 10 municipais e 4 em instituições particulares de ensino superior.

Nos últimos anos houve grande avanço em relação à construção de edifícios de bibliotecas centrais, dentro de uma concepção moderna e funcional, proporcionando uma maior racionalidade de recursos e serviços, porém nota-se carência acentuada de condições materiais e de pessoal qualificado em número suficiente para sua consolidação.

Basicamente poderíamos resumir em cinco os fenômenos que caracterizam a situação das bibliotecas universitárias no Nordeste:

a) ausência de padrões ou mesmo critérios comuns de organização e prestação de serviços, o que dificulta a compatibilização e o aproveitamento das tarefas executadas em cada uma delas, impedindo o fortalecimento de vínculos cooperativos.

b) isolamento, embora a grande maioria pertença a um sistema de universidades federais, o intercâmbio entre elas é incipiente.

c) pobreza dos acervos — apenas 1.000.000 de volumes nas 9 universidades federais. A grande incidência de repetição de títulos, a desproporção existente entre coleção de textos didáticos e a coleção que deve servir de apoio à pesquisa e a desatualização das coleções favorecem a baixa utilização das coleções.

d) bibliotecas voltadas mais para a preservação do acervo do que para seu efetivo uso pela comunidade universitária. Situação muitas vezes mantida devido ao rígido controle patrimonial (livro é considerado material permanente) e pela disparidade entre o número de técnicos e auxiliares.

e) falta de um planejamento integrado com as atividades desenvolvidas na própria universidade, ocasionado pelo fraco diálogo entre o sistema bibliotecário e o corpo docente e administrativa da instituição.

Recentes estudos realizados pela CAPES, demonstraram ou, mais corretamente, confirmaram que as bibliotecas universitárias do Nordeste não estão aparelhadas em termos de acervo e pessoal para dar apoio a pesquisa e à pós-graduação.

O instrumental básico para pesquisa — a coleção de periódicos — é pequeno e descontínuado, adquirido principalmente por doação. No entanto, investimentos consideráveis vem sendo aplicados em programas isolados, graças à financiamentos federais ou internacionais (notadamente em Ciências Agrárias e outras áreas de Ciência e Tecnologia) o que justifica uma ação que propicie sua utilização por uma comunidade mais abrangente, tanto do ponto de vista numérico, quanto geográfico.

O número de pessoal é considerável, porém a grande maioria sem as qualificações requeridas pela renovação de serviços criados com a demanda da pós-graduação.

Essa carência de recursos acelera ainda mais o descompasso existente entre as bibliotecas universitárias do Nordeste e o processo de renovação das universidades.

A experiência dos últimos anos demonstrou que nenhuma instituição nacional, mesmo com projetos específicos para esta ou aquela região, é financeiramente capaz de atualizar e completar os acervos de livros e periódicos de todas as bibliotecas do País e nem do Nordeste. A existência de órgãos que financiam a fase física e os acervos levam-nos à proposta de gerar um programa de Comutação Bibliográfica e Hemerográfica e o financiamento apenas às bibliotecas universitárias especializadas da região para que sejam centros fornecedores de material a ser solicitado.

2. Procedimentos

Através do Projeto Nordeste pretende-se implantar um sistema coordenado de bibliotecas com a criação de núcleos irradiadores de informação. Esses núcleos regionais, com acervos bibliográficos especializados, deverão atender os pedidos locais ou de qualquer outra região do País.

Na organização desses núcleos pretende-se utilizar, ao máximo, as instalações, equipamentos e pessoal já existentes nas bibliotecas que, por esses mesmos fatores e por estratégia geopolítica, têm condições de converterem-se a curto prazo em centros de excelência para a prestação de serviços de comutação em rede. No entanto, as deficiências das bibliotecas estudadas no levantamento mostra que nenhuma delas satisfaz os requisitos necessários para que possam se transformar em centros irradiadores de informação, necessitando para isso de investimentos imediatos.

A estratégia de interligar a rede de bibliotecas das universidades do Nordeste e organizar serviços de comutação cooperativa permanentes e a preços de economia de escala, evita a repetição de esforços e a duplicidade de recursos.

A elaboração ou a utilização de catálogos coletivos do acervo disponível para a comutação, possibilita ao aluno, professor ou pesquisador de qualquer uma das bibliotecas o acesso às coleções das demais bibliotecas, em tempo hábil e de forma automática.

O serviço organizado de comutação bibliográfica e o fortalecimento de centros irradiadores favorece a todas as bibliotecas participantes do sistema, pois permite a identificação rápida de referências bibliográficas, "do que existe", "onde" e garante acesso ao documento que necessita, independentemente de sua localização.

O treinamento de pessoal para atender a renovação dos serviços criados será feito através de outro subprojeto (vide subprojeto: Cursos de Especialização).

3. Metas e Orçamento

O Subprojeto Bibliotecas visa a facilitar o intercâmbio entre as bibliotecas do Nordeste mediante a interligação de seus serviços. Pretende, também, totalizar assinaturas de, no mínimo, 11 convênios universitários para a prestação de serviços de comutação bibliográfica. O custo total do subprojeto é de Cr\$ 29.850.000,00 (à preço de 1980).

II PROJETO NORDESTE DE PÓS-GRADUAÇÃO
SUBPROJETO: BIBLIOTECAS

ORÇAMENTO 1980/1984*

(Em Cr\$ 1.000,00)

PROGRAMAS	MATERIAL CONSUMO	REMUNER. SERVIÇO PESSOAIS	OUTROS SERVIÇOS TERCEIROS	ENCARGOS DIVERSOS	EQUIPAM. E INSTALAÇÕES	MATERIAL PERMANENTE	MATERIAL BIBLIOGRÁFICO	TOTAIS
1. Programas-Piloto de intercâmbio entre subsistemas de bibliotecas.	200.000	500.000	250.000	100.000	800.000	—	450.000	2.300.000
2. Desenvolvimento cooperativo de coleções a nível regional, por áreas de conhecimento	—	—	—	—	—	2.000.000	7.000.000	9.000.000
3. Processamento técnico de acervo por "força-tarefa"	—	9.000.000	—	—	—	—	—	—
4. Edição, manutenção e aquisição de catálogos coletivos	150.000	1.500.000	2.000.000	—	300.000	400.000	200.000	4.550.000
5. Estabelecimento da infraestrutura de serviços reprográficos e de intercâmbio	800.000	—	—	200.000	2.000.000	—	—	3.000.000
6. Estudo de usuário e elaboração e execução de programas de treinamento de usuários	300.000	1.000.000	350.000	—	350.000	—	—	2.000.000
SUBTOTALS	1.450.000	12.300.000	2.650.000	300.000	3.450.000	2.400.000	7.650.000	29.850.000

*A preço constante (1980)

II PROJETO NORDESTE DE PÓS-GRADUAÇÃO
SUBPROJETO: PROGRAMA ESPECIAL DE TREINAMENTO

II PROJETO NORDESTE DE PÓS-GRADUAÇÃO

SUBPROJETO: PROGRAMA ESPECIAL DE TREINAMENTO

1. Introdução

Pode-se afirmar que no Brasil como nos demais países, as universidades não conseguem atender hoje, convenientemente, a todos os alunos devido a restrições humanas e materiais, tornando a qualidade um produto extremamente duvidoso. É praticamente impossível uma universidade apresentar indicadores de excelência em todas as áreas de conhecimento. Por outro lado, não há condições de se reduzir substancialmente o crescente número de matrículas no ensino superior. Consequentemente o nível médio do produto gerado tende a ser medíocre.

Acredita-se que a formação de um número limitado de alunos de indiscutível qualidade, nas diversas áreas acadêmicas, já seria uma contribuição importante.

Assim sendo, a solução a curto prazo, passível de adoção imediata, é criar programas especiais de treinamento, ou seja destacar nas turmas regulares — onde estão presente alunos bastante diferenciados em termos de aptidões acadêmicas, expectativas, disposição para o esforço sério e atitudes com relação ao diploma — um pequeno grupo por seus antecedentes acadêmicos para que possa dedicar-se integralmente aos estudos. Esses alunos ficarão o expediente completo na escola e com isto serão concentrados sobre eles esforços de orientação, acompanhamento e maior estímulo. Para evitar o acúmulo de privilégios, sempre que possível deverá se verificar não apenas o potencial acadêmico do aluno, mas também suas necessidades sócio-econômicas. O que se deseja enfim é dar oportunidade para que os melhores alunos, possam dedicar-se integralmente ao curso na expectativa de se despertar, a partir daí, vocações e talentos para os trabalhos científicos, técnicos ou profissional de alto nível.

O momento atual parece oportuno para capitalizar a existência de professores com excelente formação pós-graduada e que devem dedicar-se à melhoria dos cursos de graduação. É o momento em que a concentração quase que exclusiva nos cursos de mestrado e doutorado de pessoal com MS e PhD deixa de existir e se pode direcionar um programa específico para a melhoria dos cursos de formação. E este esforço tem mais sentido ainda se iniciado ou concentrado na região Nordeste.

2. Procedimentos

Pretende-se financiar bolsas de graduação e uma complementação salarial para um tutor, cabendo à instituição interessada oferecer o espaço físico para os alunos, tais como salas de estudo, oficinas e laboratórios, a infra-estrutura administrativa, bem como arcar com outros gastos gerados pelo programa. Será também de responsabilidade da instituição coletar e analisar informações que permitam, ao longo do tempo, avaliar o experimento.

Em função do porte e da abrangência do Programa, a CAPES selecionará os Centros, por suas características de qualidade. Os centros selecionados deverão indicar um professor responsável pelo programa, que seja pesquisador e que se dedique exclusivamente as atividades acadêmicas. Este definirá uma linha de ação junto aos outros colegas professores e fornecerá os dados necessários para que a CAPES, à distância, possa coordenar, através de seus consultores científicos, a monitoria do desempenho institucional. Em todos os passos se disporá de informações suficientes de modo que qualquer falha no sistema seja prontamente detectada, permitindo uma correção imediata.

Para minimizar desequilíbrios e evitar concentrações procurar-se-á por em prática um rateio de oportunidades, oferecendo igualdade de condições e participação simultânea de instituições localizadas na região Nordeste desde que atendam, sem restrições, às exigências de qualidade.

3. Metas e Orçamento

Pretende-se atingir 650 bolsistas nos próximos 5 anos. No primeiro ano serão 130 bolsistas, no segundo 260, no terceiro 390, no quarto 520 e no quinto 650. Os gastos no primeiro ano serão de Cr\$ 7.449.000,00.

II PROJETO NORDESTE DE PÓS-GRADUAÇÃO
SUBPROJETO: PROGRAMA DE TREINAMENTO ESPECIAL

ORÇAMENTO UNITÁRIO*

(Em Cr\$ 1.000,00)

TIPO DE DESPESA	1980	1981	1982	1983	1984	TOTALS
Alunos-bolsistas	408	952	1.496	2.040	2.584	7.480
Tutores	120	240	360	480	600	1.800
Bibliografia	45	90	135	180	225	675
TOTAL	573	1.282	1.991	2.700	3.409	9.955

*A preço constante (1980)

II PROJETO NORDESTE DE PÓS-GRADUAÇÃO
 SUBPROJETO: PROGRAMA ESPECIAL DE TREINAMENTO

ORÇAMENTO GLOBAL*
 (atendimento = 13 cursos)

(Em Cr\$ 1.000,00)

ANOS	1 9 8 0	1 9 8 1	1 9 8 2	1 9 8 3	1 9 8 4	TOTAL
ESPECIFICAÇÃO						
Alunos Bolsistas	5.304	12.376	19.448	26.520	33.592	97.240
Tutores	1.560	3.120	4.680	6.240	7.800	23.400
Bibliografia	585	1.170	1.755	2.340	2.925	8.775
TOTAL	7.449	16.666	25.883	35.100	44.317	129.415

* A preço constante (1980)

520 24

II PROJETO NORDESTE DE PÓS-GRADUAÇÃO

SUBPROJETO: TUTORIA

II PROJETO NORDESTE DE PÓS-GRADUAÇÃO

SUBPROJETO: TUTORIA

1. Introdução

Considerada a atual produtividade do sistema, levaríamos ainda muitos anos para qualificar, a nível de pós-graduação, o quadro docente das instituições de ensino superior do Nordeste, mesmo sem considerar a expansão regular do sistema.

A região conta, hoje, com 100 instituições de ensino superior, sendo 11 do sistema de ensino federal (9 universidades e 2 isoladas), 12 estaduais, 26 municipais e 51 particulares. O quadro docente, na área federal, conta com 12.707 professores, dos quais 48% dispõem apenas do título de graduação e sem nenhum treinamento específico para melhorar o desempenho de suas atividades docentes.

Além das universidades federais, funcionam na região 85 instituições de ensino superior, localizadas no interior dos Estados, e é nestas escolas isoladas onde se concentra a maior proporção de docentes sem titulação formal de pós-graduação. Em 1980 estima-se em cerca de 70% o número de professores, que atuam no sistema de ensino não federalizado, sem qualificação. Destas, 22 são Faculdades de Formação de Professores, cujo quadro docente qualificado não chega, na maioria delas, a 30%.

Sem levar em conta o problema formal do credenciamento desses professores — que não compete a CAPES avaliar — existe a necessidade real de se viabilizar instrumentos de melhoria qualitativa do ensino de graduação do Nordeste através da oportunidade de formação e treinamento dos professores, que por vários motivos, não podem se afastar de seu local de trabalho ou não se constituem candidatos com potencial para cursar a pós-graduação "stricto sensu".

Através deste subprojeto pretende-se desenvolver estratégias que atendam, a curto prazo e com maior flexibilidade, a esta situação, através de formas alternativas, não convencionais, de pós-graduação "lato sensu". Trata-se do ensino pós-graduado por Tutoria.

O ensino tutorial à distância, rompe com os condicionamentos de espaço e de tempo e permite a não dissociação do binômio educação e trabalho. Na maioria dos casos, a rigidez do espaço e tempo dos cursos tradicionais limita as oportunidades de estudo.

A tutoria, portanto, é uma alternativa válida para aqueles que, por motivos profissionais ou outras razões, tais como tempo e localização geográfica, só poderiam buscar seu aperfeiçoamento em tipos de cursos em que lhes seja possível determinar os seus horários. Sem dúvida o ensino tutorial atende a um população motivada por interesses específicos de formação profissional.

Tal forma de ensino não pretende competir com o sistema convencional de pós-graduação, mas sim atuar em ação complementar, somando esforços que estão sendo feitos pela melhoria do ensino de graduação. O que se intenciona, portanto, é que a tutoria seja uma alternativa parcial ao atual sistema de pós-graduação. Seu objetivo maior é aumentar a capacidade do docente para que possa dar melhores cursos de graduação.

A maior flexibilidade para os cursos de pós-graduação "lato sensu" fornecerá à comunidade acadêmica alternativas válidas de inovação pedagógica e maximização de resultados, frente aos poucos recursos, com garantia de manutenção de níveis satisfatórios de qualidade.

2. Estratégias de Ação

Os cursos de aperfeiçoamento/especialização, segundo o modelo de tutoria, tem como núcleo central o Professor-Tutor, credenciado dentre aqueles de reconhecido nível de competência e que atuam nos cursos de pós-graduação do Nordeste ou qualquer outra região do País. É fundamental num curso dessa natureza, cuja base metodológica é a leitura de textos e livros, a realização de atividades recomendadas (exercícios, trabalho, fichas, experiências, provas, etc.) e a comunicação escrita.

O Professor-Tutor, orienta e assessora o Professor-aluno individualmente por correspondência e em grupos, através de encontros esporádicos. Promove, se necessário, suporte instrucional suplementar e faz as verificações de rendimento através de avaliações parciais (indicadores periódicos da execução das atividades recomendadas), e de uma avaliação final por meio de uma prova na presença do tutor ou em Pró-Reitorias já preparadas para tal.

O Professor-aluno é o elemento ativo do processo de aprendizagem, pois organizará seu estudo da melhor forma, adaptando-o às suas condições pessoais de tempo e horário, devendo ter habilidade para o estudo autônomo.

Os docentes que lecionam matérias fundamentais de graduação e não tenham mestrado ou doutorado terão prioridade na fase inicial do programa. A partir do segundo ano pretende-se abrir a experiência também para o pessoal técnico.

3. Metas

Pretende-se oferecer 50 cursos na área básica treinando aproximadamente 3.000 docentes e técnicos. Convém observar que a relação curso/aluno não é fixa, pois nas modalidades não formais um curso permite atender até 100 alunos.

ORÇAMENTO *

(Em Cr\$ 1.000,00)

ANOS	1980		1981		1982		1983		1985		TOTAL	
	Nº	Sub-Total	Nº	Sub-Total	Nº	Sub-Total	Nº	Sub-Total	Nº	Sub-Total	Nº	Sub-Total
- DOCENTES	200	5.000	300	7.500	500	12.500	700	17.500	800	20.000	2.500	62.500
- TÉCNICOS	50	1.250	100	2.500	100	2.500	100	2.500	150	3.750	500	12.500
TOTAL	250	6.250	400	10.000	600	15.000	800	20.000	950	23.750	3.000	75.000

* a preço constante (1980)

II PROJETO NORDESTE DE PÓS-GRADUAÇÃO
SUBPROJETO: PROFESSORES VISITANTES ESTRANGEIROS

CAPES, 1980

II PROJETO NORDESTE DE PÓS-GRADUAÇÃO

SUBPROJETO: PROFESSORES VISITANTES ESTRANGEIROS

1. Introdução

A presença de professores estrangeiros constituiu um fator importante na consolidação dos programas de Pós-Graduação no Nordeste. Sua contribuição nas atividades de ensino e pesquisa não só reforçou o corpo docente dos cursos da região, como também enriqueceu os programas de Pós-Graduação com o desenvolvimento de novas experiências nas diferentes áreas do conhecimento técnico e científico. O crescimento e fortalecimento dos cursos de Pós-Graduação, que em 1975 despontavam como promissores, devem muito à atuação desses especialistas estrangeiros em atividades de ensino e pesquisa. Os cursos conseguiram atrair para os centros de pesquisa e pós-graduação do Nordeste alunos de outras regiões do Brasil, que buscavam aprofundar seus conhecimentos, alunos tiveram orientadores com suficiência, o volume de pesquisas aumentou.

O intercâmbio científico entre professores e pesquisadores do Nordeste e professores estrangeiros tornou-se, em primeiro lugar, um fator altamente incentivador para a produção de novos conhecimentos e inovações tecnológicas. Além disso, a participação de especialistas estrangeiros com experiência de ensino e pesquisa em centros mais avançados e com maior tradição de pesquisas, representou um elemento de real importância para a continuidade do processo de consolidação e desenvolvimento de alguns programas de Pós-Graduação do Nordeste, que se destacavam como os mais fortes em determinadas áreas do conhecimento.

A atuação dos professores visitantes também serviu para orientar e estimular ainda mais os professores locais a se deslocarem para os centros mais desenvolvidos do País ou do exterior, visando melhorar sua qualificação e desenvolver novos projetos. Com este deslocamento dos professores locais, a presença dos especialistas estrangeiros constituiu-se num marcante fator dinamizador e estabilizador, contribuindo também para corrigir os problemas endogênicos das instituições universitárias nordestinas.

O interesse na manutenção de programa, que financie a vinda de professores estrangeiros, visa a assegurar as ações benéficas por eles desenvolvidas para a consolidação da Pós-Graduação. Suas ações no passado reverteram-se em crescimento da Pós-Graduação regional como um todo e, em especial, foram decisivas para o desenvolvimento de algumas áreas.

Os programas interuniversitários internacionais ampliam o fluxo de conhecimentos, criando oportunidades e impulsionando iniciativas de grande interesse para a implementação dos projetos dos grupos universitários locais.

A região Nordeste possui, hoje, praticamente 1/3 da população brasileira e o processo de urbanização e industrialização se acelera. Como decorrência desse processo surgiram novas profissões e especialidades que precisam ser atendidas e preparadas, além da diversificação de áreas do próprio conhecimento científico. Essas transformações tornam prementes a continuidade dos acordos que visam ao intercâmbio científico entre as Instituições Universitárias do Nordeste e suas congêneres no exterior.

A presença de professores estrangeiros se torna imprescindível, principalmente, em programas de ensino pós-graduado que demandam um corpo docente com larga experiência de pesquisa e um grande volume de conhecimentos acumulados de experimentos anteriores. A participação de profissionais de áreas técnicas, da saúde, sociais e agroindustriais nas atividades de Pós-Graduação objetiva dar condições aos centros de pesquisa universitários da região para transporem dificuldades que impedem o desenvolvimento de áreas fortes e prioritárias.

Durante o período de 1977/1979 estiveram vinculados aos Centros de Pesquisa e Pós-Graduação de 7 universidades federais do Nordeste 40 professores visitantes estrangeiros financiados pela CAPES.

O financiamento desses professores só foi possível graças ao Acordo CAPES/SUBIN, que proporcionou a vinda de doutores das mais famosas universidades dos grandes centros internacionais para colaborarem na formação de recursos humanos de alto nível. Com isso a Pós-Graduação regional e, especificamente os programas das áreas de Física, Bioquímica, Engenharias, Educação, Geociências e Medicina se desenvolveram, tornando-se centro de atração acadêmica para estudantes de outras regiões do País e até do exterior.

Em 1980, 15% dos alunos matriculados, em programas de ensino pós-graduado, são oriundos de outras regiões e 22 vieram dos mais diferentes países do mundo.

Pela qualidade dos cursos e o interesse em desenvolver projetos de pesquisa, destacam-se no Nordeste muitos grupos que merecem receber ou continuar recebendo professores visitantes estrangeiros para aprofundar e implementar os trabalhos que estão em andamento.

2. Procedimentos

As atividades dos professores visitantes estrangeiros no Nordeste envolvem diferentes missões, de tempo variado. Essas atividades estão vinculadas a três tipos de programas de ensino e pesquisa que a CAPES vem desenvolvendo para fomentar os cursos de pós-graduação da região. Portanto, a vinda de professores-pesquisadores do exterior se dará de acordo com os seguintes esquemas básicos:

a) programa de reconhecimento, planejado com a duração de 1 mês e durante o qual os professores estrangeiros estabelecem os contatos iniciais com a instituição e o grupo de pesquisa local. Neste programa os professores visitantes examinam a necessidade de trazer equipamentos e bibliografia que serão doados por seus governos às instituições universitárias nordestinas (no caso de Projetos).

b) programa de curta duração, onde os professores visitantes desenvolvem durante o período de 1 ano, e participam em projetos de pesquisa junto com grupos de professores da região.

c) programa de longa duração, que prevê a participação de professores estrangeiros em projetos de pesquisa e atividades docentes durante 2 anos.

3. Metas e Orçamento

Este subprojeto pretende financiar a vinda de 70 professores visitantes por ano (distribuídos entre os 3 programas descritos) para atuar nos cursos de pós-graduação de reconhecido potencial científico.

O custo anual deste subprojeto é de Cr\$ 8.000.000,00 (a preço de 1980).

O QUE FAZEM NOSSOS MESTRES E DOUTORES?
UMA PROPOSTA DE PESQUISA

Cláudio de Moura Castro
CAPES

O QUE FAZEM NOSSOS MESTRES E DOUTORES? UMA PROPOSTA DE PESQUISA

Cláudio de Moura Castro
CAPES

I. OS USOS DA PESQUISA E O PREÇO DOS ERROS

Em meio a um vigoroso ritmo de formação de quadros de professores e pesquisadores, houve uma pergunta que ficou um pouco esquecida:

O que fazem os nossos mestres e doutores?

Sabemos aproximadamente do seu número, das suas qualificações e de que são responsáveis pela considerável produção científica brasileira. Mais do que isso pouco mais sabemos.

Ocorre que estamos em um momento de grande plasticidade Institucional neste setor. Tomam-se, em rápida seqüência, decisões de fortes repercussões futuras, tornando os erros mais prováveis e mais graves.

Em tal contexto, a pesquisa e o esforço sistemático de monitoração do que está acontecendo revela-se muitíssimo mais barato do que as conseqüências dos erros em decisões tomadas com menos informações.

Nesse campo, dados os longos períodos de gestação, a pesquisa pode permitir prever desajustamentos, pontos de estrangulamentos e crises de abundâncias. De resto, é conhecido o exemplo de A. Cartter que previu com muitos anos de antecedência uma saturação no mercado de Ph.Ds nos Estados Unidos.

Propomos a realização de uma pesquisa por questionários que identifique o destino profissional dos nossos mestres e doutores bem como descreva uma série de características pessoais e de sua situação de trabalho. Algumas das informações geradas são imediatamente utilizáveis, não requerendo outras fontes de informações. Em outros casos, serão matérias prima para análises mais complexas ou que requeiram dados adicionais.

Apresentamos adiante as perguntas que gostaríamos de ver respondidas bem como alguns comentários sobre procedimentos e métodos.

II. O PERFIL DO PESQUISADOR BRASILEIRO

De onde provem os pesquisadores brasileiros? Correspondem a uma transmutação intelectualizada das elites de sempre ou contém a diversidade da sociedade brasileira? Originam-se dos grandes centros ou tem representatividade maior?

Onde e como aprenderam o que sabem? Por que foram escolhidos? Naturalmente, uma pergunta central é como usam o que sabem? Como se distribui sua produção científica?

Como é utilizado o seu tempo? Podem alocar tempo suficiente para atividades mais nobres, condizentes com a formação que tiveram ou vêm-se forçados a usos medíocres ou movidos por requisitos de sobrevivência econômica?

III. AS INSTITUIÇÕES E SEU DESENVOLVIMENTO

Pesquisadores e professores operam em instituições com elas interagindo. Delas dependem para o seu trabalho e sua sobrevivência. Instituições, por outro lado, não existem sem as pessoas. Ao mesmo tempo importante e delicado é este acoplamento entre indivíduos com suas características e as instituições com sua dinâmica. Alguns temas centrais se oferecem:

(i) A capacidade de absorção das instituições tem que ser compatibilizada com a produção de mestres e doutores. A partir de uma aritmética globalizante de crescimento da universidade, há que se examinar os equilíbrios setoriais e mesmo a compatibilidade entre o tipo de formação e o perfil desejado pelos cursos. E a aritmética é apenas um primeiro passo; o encontro das características das pessoas, com a dinâmica e a atmosfera da universidade é crítico. Desde os salários pouco atraentes, passando pelo equipamento impróprio, até as asperezas derivadas do confronto de diferentes escolas de pensamentos, tudo pode ser razão suficiente para o fracasso.

(ii) A chegada de um professor pode catalizar um processo de amadurecimento e consolidação institucional. Por outro lado, a volta de professores em um contexto não premeditado pode levar a criação prematura de programas de pós-graduação. Ao invés de resolverem um problema de qualificação docente podem criar um novo problema institucional.

(iii) A pós-graduação existe em boa parte como um ensejo para melhor formar professores para a graduação. De certa maneira o êxito em lograr esse objetivo é uma das medidas de desempenho da pós-graduação. Indicações casuais mostram situações muito variadas e contraditórias. Há casos de recusas velada ou aberta dos diplomados em ensinar na graduação. Em certos casos mesmo, a pós-graduação é vista como passaporte para se livrar dos alunos de graduação. Outros tentam mas se revelam professores desajustados, desinteressados e incapazes de sintonizarem-se com seus alunos. Muitos exibem didática deplorável. Em contraste, há evidência de significativas e mesmo dramáticas melhorias no ensino. O que não se tem é uma visão de conjunto revelando a diversidade de situação. A carência pode ser função do grau de maturidade da área (no início espera-se que o auto-consumo tenha efeitos perversos sobre o ensino de graduação).

(iv) A insuficiência qualitativa e quantitativa dos nossos recursos humanos deste tipo levam à legítima tentativa de trazer professores-visitantes. Em que pese a contribuição que este grupo vem trazendo ao ensino e à pesquisa no Brasil, os problemas de adaptação, e ajustamento são muito severos. Língua, choque cultural, diferenciação de modos e hábitos de trabalhos, expectativas exageradas de ambas as partes, rivalidades e suscetibilidades são freqüentes. Há quem diga que 50% de acertos é uma boa medida. Obviamente, além dos característicos individuais dos visitantes há condições objetivas que formalmente afetam as probabilidades de um bom ajustamento, seguido de uma longa permanência.

IV. O "BRAIN DRAIN" E SUAS VARIEDADES DOMÉSTICAS

A situação crítica de alguns países perdedores de cientistas para o mundo industrializado e ao noticiário sensacionalista de jornal leva muitos a crer que o Brasil tem um grave déficit no seu balanço de recursos humanos. Na verdade, há ampla evidência de que esse não é o caso tendo, de fato, o Brasil um grande superavit no mercado de cérebros. São poucos os que saem e entram muitos.

Não obstante, tem passado despercebido outros tipos de perda mais sutil mas não menos grave para a geração de ciência e tecnologia. Estas são as perdas internas em suas diversas manifestações.

(i) Os fluxos da periferia para o centro.

Até certo ponto, a concentração de recursos humanos é indispensável para gerar a massa crítica sem a qual não se faz boa ciência. Há um momento entretanto — e este será diferente em cada área do conhecimento — em que já há recursos suficientes para a diversificação regional e quando a presença de um centro forte e polarizador passa a impedir o desenvolvimento desses núcleos.

(ii) As perdas para o governo e as empresas.

No presente contexto, a pós-graduação passou a ser a melhor formação universitária disponível. Como consequência, embora seja predominantemente uma programação voltada para a pesquisa e docência, torna-se também uma forma privilegiada de preparação de elites intelectuais, culturais e administrativas. Como já percebem o governo e empresas, por detrás do aparente paroxismo de especialização sugeridos pelo título de uma tese, há um forte conteúdo de formação geral e capacidade de adaptação à novas circunstâncias. Daí observar-se um enorme fluxo de pós-graduados para o governo e, nas áreas tecnológicas, para empresas. Os níveis salariais e o status tornam difícil para a universidade competir, observando-se como consequência perdas significativas nos quadros docentes. Por outro lado, há um aspecto positivo menos lembrado. A difusão e a utilização de resultados de pesquisas se dá frequentemente por via dos próprios pesquisadores, seja da própria pesquisa seja da produção científica em geral.

(iii) As perdas dentro da Universidade.

Os esquemas vigentes de financiamento de pós-graduação tornam os programas fortemente dependentes de fundos externos que devem ser negociados caso a caso. Ao mesmo tempo, os mecanismos são lentos, erráticos e inconsistentes. Embora não se possa falar que predominem favoritismos políticos, a reputação profissional dos bons pesquisadores pesa muito e a o seu empenho pessoal e presença física são decisivos na obtenção de financiamentos. Desta forma, fica muito comprometido o tempo exatamente daqueles que são mais criativos e mais destacados na comunidade acadêmica. Chega mesmo a caracterizar-se a existência de um grupo de "finepeiros".

V. LIÇÕES PARA OS BOLSISTAS NO EXTERIOR

Existe ampla literatura sobre as universidades no exterior para onde usualmente se destinam os bolsistas. Não obstante, temos problemas distintos e uma realidade também diferente. Não basta ler avaliações de cursos e "peer reviews" para poder escolher com segurança. Ademais, tipo de curso, duração, escolha de candidatos são elementos que interagem com a escolha da Universidade de forma complexa e imprevisível. Daí haver justificável interesse por uma apreciação indireta da Universidade, isto é, através de desempenho de ex-bolsista, uma vez no mercado de trabalho. Há vantagens para as Universidades grandes, em comparação com as pequenas? As européias versus americanas? Doutorados longos versus rápidos? Bolsistas recém formados versus pessoas mais experientes?

VI. MÉTODOS E ESTRATÉGIAS DA PESQUISA

Podemos pensar em três fases da pesquisa. A preparação a aplicação e a análise. Vemos essa fase de preparação de instrumentos como crítica, em virtude da maneira pela qual a pesquisa se organizará. A estratégia é preparar um questionário único e testá-lo exaustivamente, até que se estabeleça com certa confiança que poderá atender às diferentes dimensões da pesquisa e que possa ser usado em uma amostra bastante ampla.

Pela mesma forma, deverá ser cuidadosamente pré-codificado e preparado para ser processado eletronicamente: É mesmo possível que se use leitura ótica para sua transcrição para fita magnética.

Na medida em que se tenha confiança no instrumento, a aplicação poderá ser parcelada, respondendo a amostragem progressivamente a diferentes dimensões do projeto. Por exemplo, podem ser inicialmente entrevistados os doutores. Ou, pode-se começar pelos mestres. Não faz excessiva diferença por onde começar, depende das conveniências da amostragem.

Nesse sentido, pode ser interessante usar dois procedimentos independentes. Dada a predominância nas universidades e Instituições de Pesquisa como contratadores essas devem ser tomadas como base e entrevistados todos os que aí estiverem. Para os demais, deveríamos partir das residências familiares constantes nas listas de bolsistas e diplomados.

Dado a caráter parcelado da amostragem, a análise não poderia ser diferente. Por outro lado, a grande massa de dados gerado e a variedade das dimensões a serem analisadas sugerem o fracionamento do problema por diferentes pesquisadores, cada um cuidando de uma parte autônoma e separada.

QUE FAZEM NOSSOS MESTRES E DOUTORES?

CAPES/SESu/MEC

1980

<p>Instruções para preenchimento:</p> <p>Leia atentamente cada item, antes de preenchê-lo. Em cada círculo à direita, coloque um x dentro do mesmo na resposta aplicável.</p>	<p>Não escreva nesta parte.</p>
---	---------------------------------

1. Na lista abaixo, marque, por favor, em **A** todos os graus que você já obteve e em **B** os que você está estudando atualmente para obter.

	A	B
• Mestre	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
• Doutor	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
• Livre-Docente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
• Outro		

(especificar): _____

2. Instituição onde você obteve o Bacharelado:
(ou concluiu seu curso superior)

Nome:	Nome:
Cidade e Estado:	Cidade e Estado:
País:	País:

3. Instituição onde você obteve o Mestrado:

Nome:	Nome:
Cidade e Estado:	Cidade e Estado:
País:	País:

4. Instituição onde você obteve o Doutorado:

Nome da Instituição	Cidade:
	Estado:
	País:

5. Indique o ano de término de curso (quando aplicável) nos conjuntos seguintes:
 (Escreva o ano nos espaços vazios e marque o círculo correspondente a cada algarismo)

Ano de Bacharelado

19		
	0	0
	1	1
	2	2
	3	3
	4	4
	5	5
	6	6
	7	7
	8	8
	9	9

Ano de Mestrado

19		
	0	0
	1	1
	2	2
	3	3
	4	4
	5	5
	6	6
	7	7
	8	8
	9	9

Ano de Doutorado

19		
	0	0
	1	1
	2	2
	3	3
	4	4
	5	5
	6	6
	7	7
	8	8
	9	9

6. Ano de início do curso:
 (proceda como na questão anterior) 19

Mestrado

		0	1	2	3	4	5	6	7	8	9
		0	1	2	3	4	5	6	7	8	9

Doutorado

19

		0	1	2	3	4	5	6	7	8	9
		0	1	2	3	4	5	6	7	8	9

7. Ano de término dos créditos:
 Mestrado 19

Mestrado 19

		0	1	2	3	4	5	6	7	8	9
		0	1	2	3	4	5	6	7	8	9

Doutorado 19

		0	1	2	3	4	5	6	7	8	9
		0	1	2	3	4	5	6	7	8	9

8. Título da Dissertação ou Tese:

Mestrado: _____

Doutorado: _____

9. Área de Concentração:

Bacharelado: _____

Doutorado: _____

10. Indique as razões principais que o levaram a fazer o Mestrado e/ou Doutorado.
 (marque **todas** que se aplicam; preencha a coluna referente ao grau mais elevado obtido)

	Mestrado	Doutorado
● Exigência para manter o emprego	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
● Exigência para promoção	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
● Necessidade de aperfeiçoamento técnico-profissional	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
● Desenvolver Projetos de Pesquisa	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
● Perspectiva de melhores salários	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
● Estudar com determinado Professor	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
● Incentivo da Instituição Empregadora	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
● Aprimoramento cultural	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
● Desejo de fazer carreira docente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
● Prestígio	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
● Obtenção de emprego mais facilmente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

● Outras: Mestrado
 (especificar) Doutorado

11. Indique as principais razões que o fizeram optar pela Instituição onde fez o Mestrado e/ou Doutorado (marque todas que se aplicam)

	Mestrado	Doutorado
● Prestígio da Instituição	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
● Informação de Colegas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
● Facilidade em obter bolsa de estudo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
● Interesse da Instituição Empregadora	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
● Aconselhamento por Professores	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
● Natureza dos Cursos Oferecidos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
● Localização da Instituição	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
● Qualidade dos Cursos Ministrados	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
● Interesse Pessoal (razões familiares ou outras extra-acadêmicas)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
● Outras: <u>Mestrado</u>		
(especificar) <u>Doutorado</u>		

12. Em retrospecto, o que você acha hoje desta escolha?

	Mestrado	Doutorado
● muito acertada	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
● acertada	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
● inadequada	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
● muito inadequada	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

13. Dê as razões que justifiquem sua resposta no item acima:

Mestrado: _____

Doutorado: _____

14. Principais motivos que o levaram a escolher a área de concentração de seu Mestrado e/ou Doutorado.

(marque **todas** que se aplicam)

	Mestrado	Doutorado
● Necessidade de aperfeiçoamento profissional (ou cultural) na área escolhida	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
● Maior número de Professores qualificados na área	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
● Orientação de Professor ou Chefe Imediato	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
● Solicitação da Instituição Empregadora	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
● Melhores Oportunidades de Emprego	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
● Desejo de complementar a formação em área afim ao seu campo de trabalho	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
● Interesse em mudar de área de conhecimento ou campo de trabalho	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
● Outros: Mestrado _____		
(especificar) _____		
Doutorado _____		

15. Indique as deficiências; no curso de Mestrado e/ou Doutorado que você fez.
(marque **todas** que se aplicam)

	Mestrado	Doutorado
● Número excessivo de créditos referentes a cursos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
● Número insuficiente de créditos referentes a cursos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
● Pouca disponibilidade de tempo do orientador de tese	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
● Desinteresse do orientador de tese	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
● Insuficiência de acervo bibliográfico	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
● Inadequação e/ou falta de serviços de documentação	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
● Falta de entrosamento entre as disciplinas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
● Falta de interação entre alunos e professores	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
● Existência de professores com preparação inadequada para esse nível de ensino	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
● Existência de professores com preparação inadequada para orientação de teses	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
● Pouca ou nenhuma formação para a docência	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
● Treinamento metodológico em pesquisa	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
● Treinamento prático em pesquisa	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
● Professores visitantes (falta de vivência do país, idioma, etc.)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
● Instalações ou equipamentos inadequados (salas de estudo, de aula, laboratórios, etc.)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

● Outras: Mestrado: _____
(especificar) _____
Doutorado: _____

16. O curso de Mestrado e/ou Doutorado que você fez contribuiu para:
(marque **todas** que se aplicam)

	Mestrado	Doutorado
• Dar melhor base para o exercício profissional	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
• Estimular a criatividade	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
• Proporcionar melhor salário	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
• Elevar seu status social	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
• Proporcionar boas oportunidades de emprego	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
• Aumentar sua satisfação pessoal	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
• Obter seu cargo ou posição atual	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
• Outras: Mestrado _____ (especificar) _____		
Doutorado _____		

17. Como estudante pós-graduado você recebeu uma bolsa de estudos de:
(marque **todas** que se aplicam)

	Mestrado	Doutorado
• USAID	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
• CAPES: PICD	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
DEMANDA SOCIAL	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
• CNPq	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
• FAPESP	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
• FAPERGS	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
• PRÓPRIA UNIVERSIDADE ou outra instituição onde trabalhou	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
• FUNDAÇÃO FORD	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
• DAAD	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
• FUNDAÇÃO KONRAD ADENAUER	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
• OUTRA FONTE ESTRANGEIRA	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
• OUTRA ENTIDADE: Mestrado _____ (especificar) _____		
Doutorado _____		

18. Durante seus estudos pós-graduados você recebeu salário de sua Instituição?

	Mestrado	Doutorado
Sim	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Não	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

19. Se recebeu salário, em que percentual?

	Mestrado	Doutorado
Até 100%	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Até 50%	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Até 25%	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

20. Você também recebeu algum outro tipo de auxílio financeiro?

Sim Cr\$ _____ Origem _____
(estimativa em valor atual)

Não

21. Depois de obter seu Mestrado e/ou Doutorado, você:

	Mestrado	Doutorado
● Encontrou emprego:		
. imediatamente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
. em espaço de tempo não superior a 3 meses	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
. em mais de 3 meses	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
● Voltou ao seu emprego anterior:		
. no mesmo nível ou cargo que antes	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
. em nível ou cargo mais alto	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
● Mudou de emprego e ficou:		
. no mesmo nível ou cargo que antes	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
. em nível ou cargo mais alto	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

22. Indique os problemas que você encontrou no trabalho, depois de terminar seus estudos para o grau mais elevado obtido.

(marque **todas** que se aplicam)

- Dificuldade de aplicação prática dos conhecimentos teóricos obtidos
- Condições inadequadas de trabalho quanto a:
 - . equipamentos
 - . recursos bibliográficos
 - . intercâmbio profissional
- Excesso de tarefas administrativas
- Inadaptação às condições de vida locais
- Falta de preparo para a docência
- Falta de preparo para a pesquisa
- Falta de incentivo financeiro (salário compatível, promoções, etc.)
- Inaceitação por parte de alguns colegas
- Outros : _____
(especificar)
- Não encontrei problemas

23. Indique os problemas que você encontrou no trabalho, depois de terminar seus estudos para o grau mais elevado obtido.
(marque **todas** que se aplicam)

	Mestrado	Doutorado
● Dificuldade de aplicação prática dos conhecimentos teóricos obtidos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
● Condições inadequadas de trabalho quanto a:		
. equipamentos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
. recursos bibliográficos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
. intercâmbio profissional	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
● Excesso de tarefas administrativas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
● Inadaptação às condições de vida locais	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
● Falta de preparo para a docência	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
● Falta de preparo para pesquisa	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
● Falta de incentivo financeiro (salário compatível, promoções, etc.)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
● Inaceitação por parte de alguns colegas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
● Outros: _____ (especificar)		
● Não encontrei problemas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

24. Indique a área e subárea de conhecimento que estão mais relacionadas com seu trabalho atual.
(emprego que você considera principal — vide Anexo I)

25. Indique a área e subárea de conhecimento em que você trabalhou em seu emprego anterior ao atual
(emprego que você considera ter sido o principal — vide Anexo I).

26. Quantas horas semanais você trabalha, no **total**:

- Nº de horas: _____ em: um emprego
- dois
- três
- mais de três

27. Indique o tipo de cargo que você tem atualmente e a que você tinha antes de obter seu grau mais elevado (Mestrado ou Doutorado)

Cargo:	atual	anterior
● Professor Titular	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
● Professor Adjunto	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
● Professor Assistente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
● Auxiliar de Ensino	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
● Professor Voluntário	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
● Pesquisador Voluntário	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
● Colaborador	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
● Professor Visitante	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
● Reitor	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
● Pró-Reitor ou equivalente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
● Diretor: de Faculdade	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
de Instituto	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
● Chefe de Departamento	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
● Auxiliar de Administração	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
● Secretário	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

● Outra atual: _____
(especificar) anterior: _____

29. Há quanto tempo você está no emprego que considera principal? (num mesmo cargo ou em outros cargos)

- até 3 meses
- De 4 a 6 meses
- De 7 a 12 meses
- De 1 a 3 anos
- De 4 a 5 anos
- De 5 a 10 anos
- De 10 a 20 anos
- Mais de 20 anos

30. No mês de julho de 1980, qual foi o total bruto de seus rendimentos, especificando o do emprego principal.
(mencione apenas o recebido em julho)

Cr\$	Total	Emprego Principal
Até 9.999	<input type="radio"/>	
10 a 15.999	<input type="radio"/>	
16 a 25.999	<input type="radio"/>	
26 a 35.999	<input type="radio"/>	
36 a 45.999	<input type="radio"/>	
46 a 55.999	<input type="radio"/>	
56 a 65.999	<input type="radio"/>	
66 a 75.999	<input type="radio"/>	
76 a 85.999	<input type="radio"/>	
86 a 100.000	<input type="radio"/>	
Mais de 100.000	<input type="radio"/>	

31. Número de horas semanais dedicadas à:

	Mestrado	Doutorado
• Atividade administrativa	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
• Docência	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
• Orientação de tese	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
• Pesquisa	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

32. Número de orientandos que você tem:

Mestrado	Doutorado
----------	-----------

33. Se você está se dedicando à pesquisa, quais as maiores dificuldades que você encontra?

34. Indique em que medida você está satisfeito com os seguintes aspectos de seu emprego atual:
 (se tiver mais de **um**, considere o principal;
 marque **todos** que se aplicam)

	Muito sa- tisfeito	Satis- feito	Mais ou menos satisfei- to	Insatis- feito	Muito insa- tisfeito	Não se aplica
• Salário	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
• Outros benefícios (assistência médica, etc.)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
• Estímulo ao aperfeiçoamento profissional	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
• Oportunidade para criar ou inovar	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
• Recursos materiais para exe- cutar o trabalho	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
• Horário de trabalho	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
• Carga horária de ensino	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
• Qualidade do ensino em seu Departamento	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
• Nível dos estudantes	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
• Política interna da Instituição	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
• Autonomia no trabalho	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
• Poder de decisão	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
• Relações com os colegas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
• Competência dos colegas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
• Relacionamento com o Chefe imediateo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
• Prestígio da Instituição	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
• Oportunidade para contato com outras Organizações	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
• Outras _____ (especificar)						

35. Se você está atualmente num emprego pouco ou nada relacionado com o seu treinamento pós-graduado, por que isto acontece?

(marque **todas** que se aplicam)

- Emprego que oferece melhor salário
- Emprego que proporciona avanço na carreira
- Trabalho com horário flexível
- Desejo de trabalho autônomo
- Decorrência de situações familiares
- Interesse por outra área que a de meus estudos pós-graduados
- Oportunidades de emprego escassas para trabalhos relacionados com a minha área de concentração
- Ambiente de trabalho
- Outra razão _____
(especificar) _____

- Não se aplica

36. Em que medida as seguintes situações o ajudaram a preparar-se para o emprego atual?
 (se tiver mais de um emprego, considere o principal)

	Muito	Pouco	Nada	Não se Aplica
Estudos Pós-Graduados				
• Cursos da área de concentração	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
• Cursos fora da área de concentração	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
• Estudos pós-graduados, em geral	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
• Atividades extra-curriculares, enquanto estudante de pós-graduação	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
• Exercício de atividade docente durante o Mestrado e/ou Doutorado	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
• Exercício de atividades de pesquisa durante o Mestrado e/ou Doutorado	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Outro Treinamento				
• Estudos de graduação	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
• Programas de treinamento formal, em serviço	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
• Outros programas ou cursos de treinamento formal	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
• Exercício de atividade profissional	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

37. Em relação ao trabalho que você tem podido realizar, indique como se sente quanto aos seguintes aspectos:
 (se tiver mais de um emprego, considere o principal!)

	Importância Científica	Relevância Prática (ou social mais ampla)
● Muito satisfeito	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
● Satisfeito	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
● Insatisfeito	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
● Muito insatisfeito	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
● Não se aplica	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

38. Quais os principais fatores que contribuem para isso?
 (marque **mais de um**, se necessário)

- Não se aplica (por estar satisfeito pela natureza de trabalho)
- Falta ou insuficiência de verbas
- Entraves burocráticos à aplicação das verbas
- Dificuldades para o planejamento e execução dos trabalhos, devido a freqüentes mudanças de direção
- Biblioteca "pobre" ou desatualizada
- Inadequação ou falta de lab., equip. e materiais
- Deficiências de infra-estrutura (trabalhos de secretaria, comunicações, etc.)
- Falta de tempo para concentração em pesquisa
- Atenção dividida entre vários projetos
- A Instituição não encoraja trabalhos de maior alcance.

38. (cont.)

- Falta de autonomia para decidir sobre temas de pesquisa
- Vinculação muito estreita ou inteira dependência de órgãos governamentais
- Ingerência de políticos locais na contratação de pessoal e/ou estabelecimento das diretrizes da Instituição

- Ausência de programa(s) de pesquisa que propicie(m) soma de esforços e acumulação de experiências
- Falta de oportunidade para discutir o trabalho com os colegas
- Falta de oportunidades para contatos com outras organizações
- Restrições à publicação dos trabalhos produzidos
- Dificuldades para a participação em cursos ou programas de aperfeiçoamento
- Rivalidades pessoais ou entre grupos que se hostilizam dentro da Instituição
- Chefia excessivamente autoritária

- Outras : _____
(especificar)

39. Em que nível você gostaria de concentrar suas atividades acadêmicas?

- Docência
- Pesquisa
- Graduação
- Pós-Graduação
- Não tenho preferência

40. De que maneira a coexistência de programas de graduação ^{e pós-graduação} numa mesma instituição afeta o trabalho em um e outro nível?

- Não existem programas de pós-graduação onde trabalho
- Não sinto diferenças
- A graduação passa a receber menor atenção por parte da Administração
- A graduação passa a ser preterida por professores mais titulados
- A competição por espaço e recursos financeiros prejudica a graduação
- As pesquisas realizadas na pós-graduação revitalizam a docência na graduação
- As atividades da pós-graduação estimulam o interesse por pesquisa entre os estudantes de graduação
- As atividades da pós-graduação facilitam aos estudantes de graduação a iniciação em pesquisa
- A seleção de alunos para a pós-graduação se torna mais fácil e/ou segura
- Os temas de estudo na pós-graduação tendem a ser mais relevantes.
- Não se aplica

41. Indique que problemas trazem ou encontram professores ou pesquisadores visitantes (nacionais ou estrangeiros)

- Não existem visitantes onde trabalho
- Não vejo qualquer problema
- Conhecimento insuficiente a respeito da realidade local
- Dificuldades de língua
- Adaptação às condições de vida locais
- Adaptação às condições de trabalho
- Falta de programa(s) para a adequada utilização de sua competência
- Curta permanência
- Falta de interesse pela docência
- Falta de interesse por pesquisa
- Ressentimentos relacionados à situação de certo modo privilegiada do visitante
- Incompatibilidade entre a orientação teórica do visitante e a de certos membros da Instituição
- Não se aplica

42. Para obter seu atual emprego, quais dos seguintes métodos e/ou contatos você usou (A) e tiveram sucesso (B)?

(se tiver mais de um emprego, considere o principal)
marque **todos** que se aplicam

	A usados	B tiveram sucesso
• Meus antigos professores	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
• Colegas de trabalho	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
• Colegas de outras instituições	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
• Secretaria de Faculdades e/ou Universidades	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
• Agência de Empregos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
• Concurso (públicos e/ou outros)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
• Equipamentos de recrutamento Governamentais e/ou Empresariais	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
• Entrevista direta com o empregador	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
• Associações Profissionais	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
• Reuniões Profissionais	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
• Anúncios de Jornais	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
• Periódicos e Revistas Profissionais	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
• Convite da Instituição Empregadora	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
• Outros _____ (especificar)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

43. Depois que você iniciou seus estudos pós-graduados mudou sua área profissional?

Sim

Não

44. Quando você mudou sua área profissional?

(se o fez mais de uma vez, refira-se à mudança mais recente; marque apenas **uma** resposta)

- Durante meus estudos de pós-graduação
- Ao terminar meus estudos de pós-graduação
- Nos dois primeiros anos após terminar a pós-graduação
- Três a cinco anos após completar a pós-graduação
- Cinco a dez anos após completar a pós-graduação
- Não se aplica

45. Quais dos seguintes fatores influenciaram sua última mudança na área profissional:
(marque todos que se aplicam)

- Achei oportunidades mais atraentes — ou desafiadoras — de trabalho em outra área
- Desatualização na área de minha primeira escolha
- Razões pessoais ou familiares
- Havia terminado o trabalho na área em que atuava
- Dificuldade de encontrar emprego na área em que me encontrava
- Desinteresse pela área em que atuava
- Maior interesse por uma diferente área de estudo
- Não se aplica

46. Desde que você terminou seus estudos de pós-graduação, quantos trabalhos publicou?

- Livros científicos ou acadêmicos
 - único autor
 - co-autor
 - editor
- Outros livros
- Artigos e/ou capítulos em livros e/ou revistas científicas ou acadêmicas:
 - nacionais
 - estrangeiras
- Artigos e/ou capítulos em livros e/ou revistas não acadêmicas
- Resenha de livros, editoriais "abstracts" e outros trabalhos publicados
- Relatórios internos – tipo artigo ou monografia
- Comunicações em Congressos
 - nacionais
 - internacionais
- Não publiquei nenhum trabalho

47. Você está participando atualmente de qualquer trabalho de ensino ou pesquisa que espera publicar?

- Sim Título do Trabalho: _____
- Não Especificar (conforme classificação do item 43)

51. Sexo:

- Masculino
- Feminino

52. Nacionalidade:

- Brasileira
- Estrangeira
- Naturalizado brasileiro

53. Data de seu nascimento.

19			0	1	2	3	4	5	6	7	8	9
			0	1	2	3	4	5	6	7	8	9

54. Cidade, estado e país de seu nascimento:

Cidade: _____

Estado: _____

País: _____

55. Qual é a instrução de seus pais?

- | | Pai | Mãe |
|---------------------|-----------------------|-----------------------|
| Alfabetizado | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 1º grau: primário | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| ginásial | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 2º grau: Colegial | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| técnico | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| Superior: graduação | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| pós-graduação: | | |
| Especialização | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| Mestrado | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| Doutorado | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |

56. Qual das seguintes categorias melhor define a ocupação de seus pais?
(se seus pais têm mais de uma ocupação, refira-se à principal; se não falecidos, aposentado ou está desempregado, refira-se à ocupação exercida durante a maior parte de suas vidas; se não foi criado por seus pais refira-se a quem o tenha substituído)

	Pai	Mãe
• Cargo político ou administrativo de alto nível no serviço público ou paraestatal (1º e 2º escalão)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
• Cargo de Chefia ou posição de nível equivalente no serviço público ou paraestatal	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
• Cargo de nível médio no serviço público ou paraestatal	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
• Outros cargos no serviço público ou paraestatal	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
• Magistério superior	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
• Magistério ou direção de escola secundária	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
• Magistério ou direção de escola primária	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
• Jornalista, escritor, artista, músico	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
• Profissional liberal (médico, dentista, etc)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
• Proprietário de empresa industrial, comercial, financeira, etc:		
grande	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
média	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
pequena	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
• Administrador ou gerente de empresa industrial, comercial, financeira, etc:		
grande	<input type="radio"/>	
média	<input type="radio"/>	
pequena	<input type="radio"/>	
• Proprietário agrícola:		
grande	<input type="radio"/>	
médio	<input type="radio"/>	
pequeno	<input type="radio"/>	
• Administrador de empresa agrícola:		
grande	<input type="radio"/>	
média	<input type="radio"/>	
pequena	<input type="radio"/>	
• Trabalhador agrícola	<input type="radio"/>	

56. (cont.)

- Oficiais Gerais e equivalentes nas demais Armas
- Oficiais Superiores das Forças Armadas (Coronel a Major e equivalentes nas demais Armas)
- Oficiais Subalternos (1º e 2º Tenentes e equivalentes nas demais Armas)
- Outras categorias das Forças Armadas (Sub-Oficial, Sargento, Cabo e equivalentes nas demais Armas)
- Técnico de nível médio (agrícola, eletrônico, desenhista, de laboratório, etc)
- Vendedor (corretor, agente de seguro, viajante ou representante comercial, etc.)
- Auxiliar de administração ou de escritório no comércio, indústria, etc.
- Operário qualificado ou artesão (alfaiate, costureiro, carpinteiro, eletricista, etc.)
- Operário ou trabalhador não qualificado (servente, empregado doméstico, etc.)
- Atividade do lar
- Ocupação que não se enquadra nas categorias acima (especificar) _____

MEC/SESU/CAPEB

ENSINO PÓS-GRADUADO POR TUTORIA

INDICE

1. Caracterização do Proponente..... 01

2. O Problema..... 04

3. Concepção do Ensino Pós-Graduado por Tutoria..... 06

4. Relatos do Projeto Piloto

 4.1. Cursos oferecidos..... 09

 4.2. Clientela

 4.2.1. Recrutamento..... 09

 4.2.2. Seleção..... 10

 4.3. Professor-Tutor..... 11

 4.4. Planos de Curso..... 11

 4.5. Guia de Estudo e Avaliação..... 11

 4.6. Administração do Projeto..... 12

ANEXOS

ANEXOS

- ANEXO 1 - Situação dos Cursos por Área de Conhecimento e Grupos de Professores-Alunos
- ANEXO 2 - Distritos Geo-Educacionais atendidos pelo Projeto-Piloto
- ANEXO 3 - Docentes que solicitaram informações e pedidos de inscrição, por curso
- ANEXO 4 - Clientela dos Cursos e demanda não atendida por área de conhecimento
- ANEXO 5 - Relação nominal dos professores-alunos por tutor, por curso, por unidade da federação, por cidade e por instituição de ensino superior
- ANEXO 6 - Relação dos professores-tutores por curso, cidade e síntese de seus curricula vitae
- ANEXO 7 - Planos de Cursos de Guias de Estudo das unidades desenvolvidas
- ANEXO 8 - Relação dos livros enviados aos professores-alunos

1. CARACTERIZAÇÃO DO PROPONENTE

A Coordenação do Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), criada pelo decreto Nº 29.741 de 11 de julho de 1951 na forma de uma Comissão para promover a "Campanha Nacional de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior", sofreu ao longo dos anos uma série de modificações no seu decreto. No entanto, não fugiu ao seu objetivo maior que era o de "assegurar a existência de pessoal especializado em quantidade e qualidade suficientes para atender às necessidades dos empreendimentos públicos e privados do país".

Um balanço do que foi realizado de fato pela CAPES ao longo dos seus vinte e nove anos de existência, indica que sua atuação real esteve condicionada a situações reinantes nas Universidades Brasileiras. Assim é que nas duas primeiras décadas a atuação da CAPES esteve quase que exclusivamente voltada para o envio de estudantes brasileiros ao exterior, com o objetivo de realizarem cursos de Pós-Graduação, a nível de especialização, de mestrado e de doutorado.

No entanto a rápida industrialização dos anos 60 gerou no final da década uma grande preocupação por parte do governo quanto a necessidade de geração de conhecimento científico e tecnológico nacional, resultando no aparecimento de vários programas institucionalizados de Pós-Graduação e Pesquisa nas Universidades Brasileiras. Tal preocupação culminou com a elaboração, em 1975, do I Plano Nacional de Pós-Graduação.

Foi exatamente neste período que a CAPES sofreu sua maior transformação, passando a se preocupar de uma forma mais sistemática e direta com toda a problemática de Pós-Graduação no País.

Decorridos 29 anos de atividades, a CAPES caracteriza-se pelos seguintes programas tradicionais:

- PICD I (Programa Institucional de Capacitação de Docentes) -

esforço de desenvolvimento e regionalização da Universidade brasileira, onde as instituições participantes selecionam seus docentes para candidatarem-se aos melhores cursos de mestrado e doutorado do País. Atualmente há 4.064 docentes estudando em cerca de 500 programas de pós-graduação;

- Demanda Social - os cursos de pós-graduação considerados de melhor nível pela consultoria científica da CAPES e aprovados pelo Conselho Nacional de Pós-Graduação concorrem às bolsas de demanda social. Cabe às próprias coordenações dos cursos contemplados selecionar os melhores candidatos para as 2.756 bolsas/ano disponíveis;
- Bolsa no Exterior - A CAPES tem no momento 1.348 bolsistas em 22 países (51% nos EUA, 20% na França, 15% na Inglaterra, 3% no Canadá, 2,3% na Alemanha, 8,7% em outros países);
- PICD II (Programa Institucional de Capacitação de Docentes: Aperfeiçoamento e Especialização): Este programa visa qualificar docentes onde as alternativas de mestrado e doutorado não se justificam. O aperfeiçoamento e especialização são soluções naturais em certas carreiras e podem corresponder a estágios transitórios em outras. Em 1979, foram treinados 705 docentes;
- PICD III - PADES (Programa de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino Superior) - Este programa busca atuar diretamente na qualidade do ensino, levando o professor a ser mais eficaz na sala de aula, promovendo seu desenvolvimento instrucional através de novos conhecimentos e do aperfeiçoamento de processos pedagógicos. Em 1979 participaram deste programa 26 instituições;
- Intercâmbio Internacional - com a Alemanha (DAAD; professores alemães no Brasil, bolsistas brasileiros na Alemanha e missões de reconhecimento); França (COFECUB: projetos setoriais e bolsistas); Colaboração com a Fulbright Commission; programas com o Japão (YAKULT S/A Indústria e Comércio: bolsas); e, entendimentos iniciais com a Dinamarca, Israel e Venezuela;

- Auxílios Institucionais: apoio às Pró-Reitorias de Pesquisa e Pós-Graduação; melhoria dos serviços de bibliotecas universitárias; apoio a conferências, seminários, e viagens de cientistas brasileiros ao exterior para apresentar trabalhos; e, Programas Setoriais (Nordeste, Educação, Enfermagem, Educação Física, etc).

Além disso a CAPES conta ainda com programas novos, em fase de implantação no corrente ano. Entre eles destacam-se: Tempo Integral na Graduação; Teses sobre Transportes Urbanos; Pós-Graduação através de Tutoria; Centros de Estudos em Monumentos Históricos; Programa nas Artes; Seminários para Professores de Administração em Empresas; Convênio com a EMBRAPA e SENAI; Treinamento no Grupo de Semi-Condutores; Programa de Assistência Técnica BID-PREMESU; Situação dos Periódicos Científicos.

2. O PROBLEMA

O ingresso na carreira docente nas Instituições Federais exige, conforme estabelece a Lei Nº 6.182/74, o grau mínimo de Mestre. Nas Instituições Isoladas não Federais o exercício da docência está condicionado - Resolução Nº 20/77 - à qualificação mínima de pós-graduação "lato sensu" conforme definida na Resolução Nº 14/77.

A situação do quadro docente no ensino superior no País está longe do ideal pretendido pela legislação. Segundo dados da CODEAC/DAU, em 1978 o País contava com 84.428 docentes no ensino superior. Destes, apenas 22% possuíam Pós-Graduação "stricto sensu", sendo que 30% possuíam algum curso além da graduação, incluindo-se desde especialização até cursos de extensão universitária. Os restantes 48% (41.647 docentes) só possuíam o curso de graduação.

Vale ressaltar que a grande massa dos pós-graduados, especialmente Doutores (11%), atua preferencialmente na Pós-Graduação. A graduação fica entregue ao contingente maior dos apenas graduados.

Nas Universidades, em geral, os auxiliares de ensino são os responsáveis pelas tarefas docentes na graduação. Nas escolas isoladas são normalmente os professores horistas que suportam a maior parte da carga horária do terceiro grau.

Por outro lado nas instituições não-universitárias encontram-se cerca de 1/3 dos docentes do ensino superior. Vale notar que estas instituições de um modo geral dedicam-se exclusivamente ao ensino de graduação.

Pelos cálculos mais otimistas a CAPES estima que, utilizando a capacidade potencial existente nos cursos de mestrado/doutorado do País, levar-se-ia ainda cerca de 10 anos para qualificar os docentes de ensino superior a nível de mestrado, isto se mantido constante o número de professores não quali

ficados. Nesta estimativa apenas é considerado o aspecto formal do problema, sem julgar o conteúdo da pós-graduação em funcionamento. Convém considerar ainda que atualmente a condição mínima para ingresso na carreira docente federal, e em alguns casos também na não federal é a qualificação a nível de mestrado.

Os cursos de aperfeiçoamento e especialização aparecem assim como soluções válidas em certas áreas profissionais e podem corresponder a estágios transitórios em outras. A abertura de formas alternativas, não convencionais, de pós-graduação "lato sensu" poderá ser a estratégia adequada para atender a mais curto prazo e com maior flexibilidade o problema de qualificação do contingente de professores e de melhoria do ensino de graduação. No presente estudo estamos nos referindo à experiência piloto de ensino pós-graduado por tutoria.

3. CONCEPÇÃO DO ENSINO PÓS-GRADUADO POR TUTORIA

O ensino pós-graduado por tutoria tem como núcleo central o professor-tutor, selecionado dentre aqueles de reconhecido nível de competência, que atuam nos cursos de pós-graduação do País. O professor-aluno é elemento ativo do processo de aprendizagem, pois organizará seu estudo da melhor forma, adaptando-o às suas condições pessoais de tempo e horário. É fundamentalmente um curso por correspondência, cuja base metodológica é a leitura de textos e livros, a realização de atividades recomendadas (exercícios, trabalhos, fichas, experiências, provas, etc) e a comunicação escrita.

Os guias de estudo e textos de leitura do curso serão remetidos aos alunos, pelo correio. A bibliografia será dividida em módulos ou unidades, e juntamente com as leituras de cada módulo ou unidade, o professor-aluno receberá as exigências que terá que cumprir naquele módulo, e que constituirão parte do processo de avaliação.

O ensino tutorial, rompendo com os condicionamentos de espaço e de tempo, permite a não dissociação do binômio educação e trabalho. Sem dúvida, a rigidez do espaço e tempo dos cursos tradicionais limita as oportunidades de estudo.

A condição peculiar destes professores, a natureza de suas atividades profissionais e a capacidade de compaginar trabalho e estudo, são bons indicadores de que o ensino tutorial é uma das formas viáveis de encaminhar a solução dos problemas acima mencionados, continuando o docente em serviço. Por outro lado, países como a Inglaterra, França e Estados Unidos já vem desenvolvendo, com sucesso, programas desescolarizados. Releve-se, ainda, o fato de que os custos desta modalidade de ensino são significativamente inferiores aos das formas atuais de pós-graduação, possibilitando a um maior número de professores os benefícios de seus resultados.

A tutoria (à distância) é sobretudo uma alternativa válida para aqueles que, por motivos profissionais ou outras razões, tais como tempo e localização geográfica, só poderiam buscar seu aperfeiçoamento em tipos de cursos em que podem determinar seus próprios horários. Sem dúvida, esses cursos atenderiam a clientela motivada por interesses específicos de formação profissional.

O Professor-Tutor, além de orientar e assessorar o Professor-Aluno individualmente, à distância e em grupo através de encontros esporádicos, terá como funções: (a) elaborar o plano básico do curso, de que constem os objetivos gerais, conteúdo programático, atividades do aluno por etapa, bibliografia básica e de aprofundamento, sistema de avaliação; (b) selecionar e organizar material instrucional, aproveitando, quando possível e adequado o material já existente; (c) orientar e assessorar individualmente o aluno, provendo, se necessário, suporte instrucional suplementar; (d) orientar e assessorar os alunos em grupo, quando houver encontro; (e) responder regularmente, através de correspondência, telefone ou cassete, às consultas formuladas pelos alunos; (f) verificar o rendimento do aluno, através de avaliação formativa e somativa; (g) registrar o acompanhamento do desempenho de cada aluno durante o curso, de modo a controlar o ritmo proposto de trabalho; (h) elaborar a prova final, relatórios e participar da avaliação junto à Coordenação do Projeto Piloto. Coloca-se como pré-requisito para ser Professor-Tutor, a qualificação mínima de Mestre, obtida em programa credenciado pelo CFE ou diploma no exterior revalidado na forma de legislação vigente, na área específica da especialidade escolhida pelo Professor-Aluno.

Compete ao Professor-Aluno: (a) ler sistematicamente os textos e livros básicos do curso; (b) comprometer-se a uma dedicação mínima de hora por semana; (c) realizar e enviar ao tutor atividades práticas e trabalhos escritos periódicos, como elemento de avaliação formativa; (d) solicitar ao tutor orientação individual, sempre que necessária; (e) participar do encontro com o grupo de alunos; (f) realizar o trabalho final, quando

o curso exigir; (g) fazer o teste ou exame final e obter nota de aprovação.

Tal forma de ensino não pretende competir com o sistema convencional de pós-graduação, mas sim atuar em ação complementar, somando esforços que estão sendo feitos pela melhoria do ensino de graduação. A preocupação com a qualidade do ensino será, portanto, uma das características dominantes no planejamento e execução destes cursos. O que se intenciona, portanto, é que o projeto de tutoria seja uma alternativa parcial ao atual sistema de pós-graduação, na forma de conceituação dos Cursos de Aperfeiçoamento e Especialização expressa pelo Conselho Antônio Paes de Carvalho ao propor, através da Indicação Nº 74/76, uma regulamentação para esses cursos. Seu objetivo maior é aumentar a capacidade do docente para que possa dar melhores cursos de graduação.

4. RELATOS DO PROJETO PILOTO

4.1. CURSOS OFERECIDOS

Estão sendo oferecidos cursos em 5 (cinco) áreas do conhecimento, totalizando 12 (doze) cursos, abaixo discriminados:

<u>ÁREA DO CONHECIMENTO</u>	<u>CURSOS</u>
- Administração	- Administração de Produção
- Biologia	- Anatomia e Fisiologia Humana
	- Biologia Geral
	- Biologia Vegetal
	- Genética
	- Zoologia
	- Zoologia dos Invertebrados
- Economia	- Economia Brasileira
	- Economia Internacional
	- Macroeconomia
- Matemática	- Cálculo e Álgebra Linear
- Psicologia	- Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem

A situação atual do andamento dos cursos pode ser vista na tabela em anexo (Anexo 1).

4.2. CLIENTELA

A clientela-alvo é constituída de docentes do ensino superior que lecionam matérias fundamentais de graduação e não tenham Mestrado ou Doutorado.

4.2.1. RECRUTAMENTO

Para o recrutamento da clientela utilizamos a infraestrutura dos Distritos Geo-Educacionais, quando existentes.

Nos outros casos utilizamos as coordenações do Programa Institucional de Capacitação de Docentes - cursos de Aperfeiçoamento / Especialização (PICD II), das Instituições de Ensino Superior. Os Distritos Geo-Educacionais atendidos foram: 7, 8, 9, 11, 12, 13, 14, 15, 18, 19, 20, 21, 23, 27, 30, 34, 38, 39, 40 e 41, conforme mapa anexo. (Anexo 3).

Solicitaram informações, 859 docentes, e 434 apresentaram pedidos de inscrição (Anexo 2).

⊙

4.2.2. SELEÇÃO

Considerando-se o objetivo geral do projeto piloto, foram adotados os seguintes procedimentos na seleção:

a) principais fatores positivos:

- estar lecionando a disciplina fornecida pelo curso de "tutoria";
 - indicação do chefe do Departamento ou diretor da Faculdade que o candidato continuará ministrando a disciplina;
- No caso de preencher os requisitos acima, foi estimado o programa e bibliografia da disciplina desenvolvida pelo professor-aluno.

⊙

b) principais fatores eliminatórios:

- ter cursado ou estar cursando mestrado ou doutorado. Foi considerado um desperdício treinar mais ainda pessoas já com pós-graduação, enquanto um considerável número de docentes do ensino superior não teve a oportunidade de continuar seus estudos depois da graduação;
- ter realizado cursos de aperfeiçoamento ou especialização (360 horas mínimas). No entanto, examinou-se se o curso realizado foi na mesma área dos atualmente oferecidos;
- não ter curso de graduação na área, pois os cursos pressupõem embasamento teórico.

A seleção foi feita observando os critérios acima e realizada pelos tutores.

Foram selecionados 198 docentes, e estão em processo de seleção 110. Tivemos uma demanda não atendida de 207 docentes, por motivos de: não seleção, retardatários, região sem tutor e disciplinas não oferecidas pelo curso. (Anexo 4).

Pode ser melhor visualizada a situação dos professores-alunos selecionados nas tabelas em anexo, onde os mesmos são relacionados por curso, por tutor, por unidade da federação, por cidade e por instituição de ensino superior. (Anexo 5).

4.3. PROFESSOR-TUTOR

Os professores-tutores são escolhidos dentre aqueles de reconhecido nível de competência que atuam nos cursos de pós-graduação no País, tendo a seu cargo um pequeno grupo de professores-alunos. Além disso, devem ser portadores da qualificação mínima de mestre, na área específica do curso.

Participam desta experiência 34 (trinta e quatro) tutores. A tabela em anexo, indica o número de professores-tutores por curso, suas cidades de origem e síntese de seus currículos vitae. (Anexo 6).

4.4. PLANOS DE CURSO

Os planos de curso são elaborados pelo professor-tutor após exame dos planos de cursos desenvolvidos pelos professores-alunos e expectativas dos mesmos.

Pode ocorrer de ter planos de curso com enfoques diferentes, dependendo do professor-tutor. Neste caso compete ao professor-aluno fazer a opção. Em anexo os planos de curso dos cursos oferecidos. (Anexo 7).

4.5. GUIA DE ESTUDO E AVALIAÇÃO

Os planos de curso são divididos em unidades. Cada unidade vem acompanhada de um guia de estudo contendo orientação referente a leitura de capítulos de livros, de "papers" necessários para o estudo e compreensão, bem como de exercícios

que devem ser devolvidos ao tutor no final da mesma (Anexo 7).

Os alunos recebem todo este material pelo correio, acompanhado também de fitas cassetes para consultas sobre dificuldades encontradas.

Referente a bibliografia, cada professor-aluno recebe no início do curso de 2 a 3 livros básicos (Anexo 8).

O aluno recebe sempre o material da unidade adiante da que está realizando. Por exemplo, no prazo previsto da entrega das atividades referentes à I^a unidade ele estará recebendo o pacote referente à III^a unidade, e assim respectivamente.

A aferição do aproveitamento do professor-aluno será baseada no cumprimento satisfatório das atividades de cada unidade e na execução de trabalhos exigidos pelo conteúdo do curso. Porém, a aprovação final estará sujeita à realização de uma prova escrita, a ser realizada na Prô-Reitoria de Pós-Graduação da universidade federal mais próxima da região do professor-aluno.

4.6. ADMINISTRAÇÃO DO PROJETO

A responsabilidade pela gerência do projeto está sendo conferida à Associação Brasileira de Tecnologia (ABT), através de convênio com a CAPES.

A ABT incumbir-se-á de divulgar os cursos, contratar professores-tutores (após submetida à apreciação da CAPES), ajudar no processo de seleção dos alunos, promover articulação professor-tutor/professor-aluno, distribuir material instrucional e de avaliação, e organizar seminários de avaliação do projeto (com a participação da CAPES). A ABT deve apoiar o trabalho do professor-tutor, absorvendo todo o aspecto rotineiro de sua atividade.

À CAPES compete a supervisão e o financiamento pa
ra a execução do projeto, bem como permanente avaliação dos seus
resultados.

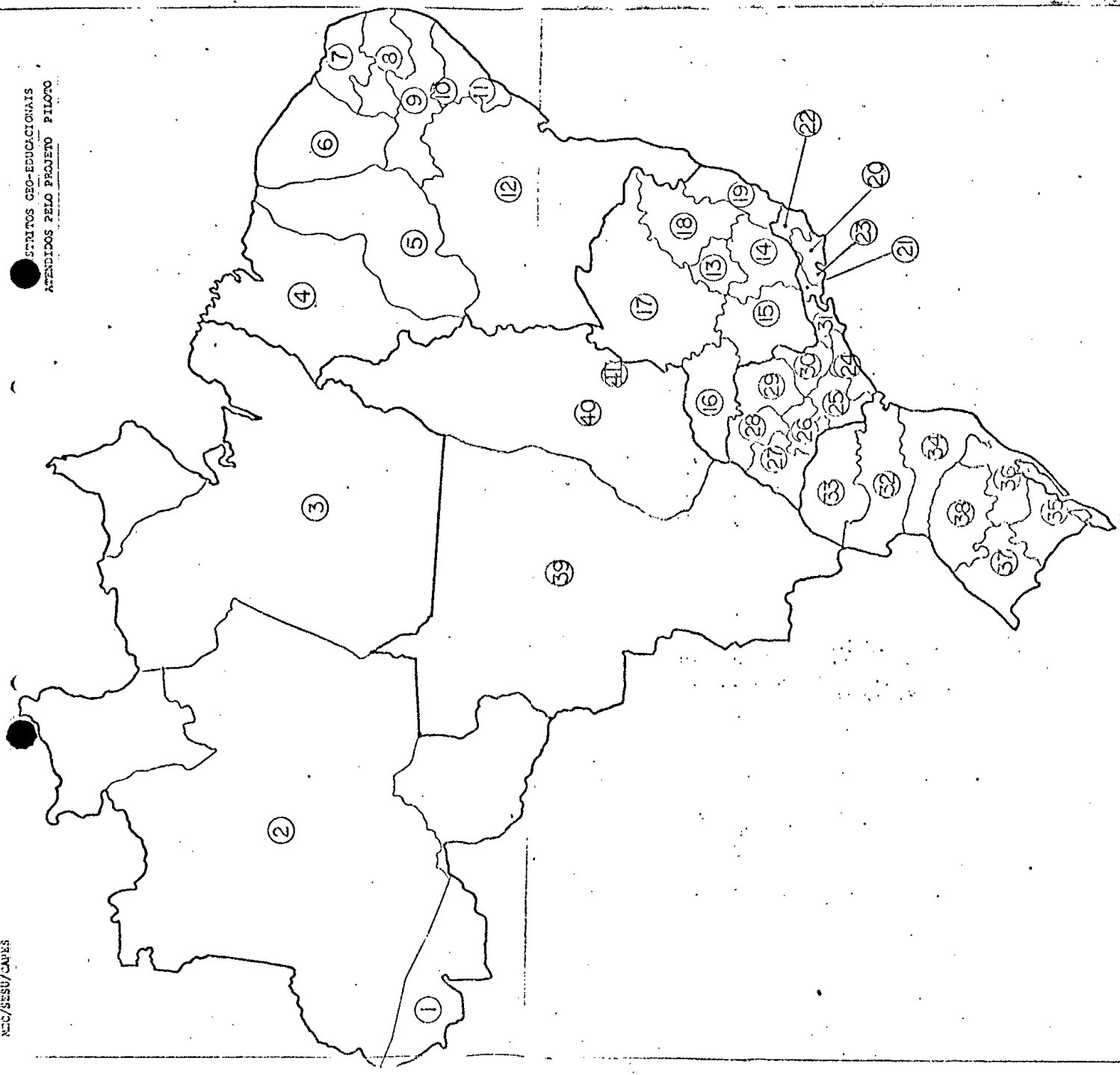
ANEXOS

ANEXO 1SITUAÇÃO DOS CURSOS POR ÁREA DE CONHECIMENTO
E GRUPOS DE PROFESSORES-ALUNOS

ÁREA	CURSOS	SITUAÇÃO
ADMINISTRAÇÃO	Administração da Produção Administração da Produção	Iniciado Em recrutamento
BIOLOGIA	Anatomia e Fisiologia Humana Biologia Geral Biologia Vegetal Genética Genética Zoologia Zoologia de Invertebrados	Iniciado Em seleção Iniciado Iniciado Em seleção Em seleção Iniciado
MATEMÁTICA	Cálculo e Álgebra Linear Cálculo e Álgebra Linear Cálculo e Álgebra Linear Cálculo e Álgebra Linear	Iniciado Iniciando Em seleção Iniciado
PSICOLOGIA	Psicologia Aprendizagem e Desenvolvimento Psicologia Aprendizagem e Desenvolvimento Psicologia Aprendizagem e Desenvolvimento Psicologia Aprendizagem e Desenvolvimento	Em seleção Em seleção Iniciando Em seleção
ECONOMIA	Macroeconomia Economia Internacional Economia Brasileira	Iniciado Iniciado Iniciado

ANEXO 1

● SITIOS GEO-EDUCACIONAIS
ATENDIDOS PELO PROJETO PILOTO



NEC/SSSU/CAVES

ANEXO 3

DOCENTES QUE SOLICITARAM INFORMAÇÕES E PEDIDOS DE INSCRIÇÃO POR CURSO

ÁREA	CURSO	PEDIDOS DE INFORMAÇÕES	PEDIDOS DE INSCRIÇÃO
ADMINIS- TRAÇÃO	Administração da Produção	84	42
	Administração da Produção	15	5
BIOLOGIA	Anatomia e Fisiologia Humana	37	21
	Biologia Geral	115	48
	Biologia Vegetal	28	18
	Genética	16	11
	Genética	17	9
	Zoologia	18	10
	Zoologia de Invertebrados	18	8
MATEMÁTICA	Cálculo e Álgebra Linear	52	32
	Cálculo e Álgebra Linear	116	65
	Cálculo e Álgebra Linear	27	16
	Cálculo e Álgebra Linear	45	21
PSICOLOGIA	Psicologia Aprendizagem e Desenvolvimento	36	13
	Psicologia Aprendizagem e Desenvolvimento	40	25
	Psicologia Aprendizagem e Desenvolvimento	80	42
	Psicologia Aprendizagem e Desenvolvimento	25	19
ECONO- MIA	Macroeconomia	35	10
	Economia Internacional	19	10
	Economia Brasileira	36	9
TOTAL		859	434

ANEXO 4

CLIENTELA DOS CURSOS E DEMANDA NÃO ATENDIDA POR ÁREA DE CONHECIMENTO

ÁREAS DE CONHECIMENTO	CLIENTELA DOS CURSOS		DEMANDA NÃO ATENDIDA					Total
	Selecionada	Em Seleção (previsão)	Não Selecionados	Retardatários (1)	Região sem tutor (2)	Disciplinas não oferecidas		
Administração	25	10	17	32	-	06	55	
Biologia	44	60	15	18	-	02	35	
Matemática	94	10	27	13	-	-	40	
Psicologia	14	30	28	17	19	05	69	
Economia	21	-	08	-	-	-	08	
TOTAL	198	110	95	80	19	11	207	

(1) Candidatos que pediram informações ou inscrição após a seleção ou início do curso.

(2) Candidatos de regiões onde não se conseguiu recrutar professor-tutor.

ANEXO 5

POSGRAD - Convênio CAPES/ABT

CURSO DE ADMINISTRAÇÃO DA PRODUÇÃO

PROFESSORES-TUTORES: Jorge Alberto Garcia Gomes
Kleber Fossati Figueiredo
UFRJ - COPPEAD- RIO DE JANEIRO - RJ

PROFESSORES - ALUNOS

UF/CIDADE	QUANTIDADE
DISTRITO FEDERAL	
Brasília	1
Total do DF	1
MINAS GERAIS	
Barroso	1
Governador Valadares	1
Itajubá	2
Itanhandu	1
Itaúna	1
Machado	1
Três Corações	1
Total de MG	8
MATO GROSSO DO SUL	
Campo Grande	3
Total do MS	3
RIO DE JANEIRO	
Rio de Janeiro	6
Total do RJ	6
SANTA CATARINA	
Joaçaba	1
Total de SC	1
SÃO PAULO	
Bragança Paulista	1
Limeira	1
São José dos Campos	1
Taubaté	1
Total de SP	4
PARANÁ	
Londrina	2
Total do PR	2
TOTAL DE PROFESSORES-ALUNOS	25

GR. I

12- John Wesley Siqueira

RJ

Faculdades Integradas
Estácio de Sá
Faculdades Integradas
Bennett

13- Luiz Noah da Silva Lopes

RJ

Faculdade Cândido Men
des

POSGRAD - Convênio CAPES/ABT

CURSO DE ADMINISTRAÇÃO DA PRODUÇÃO

PROFESSORES-TUTORES: Jorge Alberto Garcia Gomes
Kleber Fossati Figueiredo
UFRJ - COPPEAD -RIO DE JANEIRO-RJ

PROFESSORES-ALUNOS

UF

INSTITUIÇÃO

GRUPO I

1- Clóvis Luis Mazzaro	MG	Instituto Superior de Ciências, Letras e Artes de Três Corações
2- César Augusto B. da Rocha	RJ	DATAPREV
3- Edgard Gonzaga da Salvia	SP	Faculdade Ciências Econômicas e Contábeis de Bragança Paulista
4- Eduardo Luiz P. Fortuna	RJ	Faculdade Cândido Mendes
5- Francisco José S. Meireles	SP	Universidade de Taubaté
6- José Maurício Vieira	SP	Instituto Superior de Ciências Aplicadas - ISCA
Lucas dos Santos	MG	Faculdade de Administração de Governador Valadares
8- Nelson Roberto N.M. Grácio	RJ	Universidade Católica de Petrópolis
9- Oscar Antonio Failla	SP	
10- Ruy Fernando Ramos Leal	DF	Faculdade de Engenharia Química de Lorena
11- Salvador Ramos B. Filho	RJ	Faculdade Reunidas Nuno Lisboa Faculdade São Paulo Apóstolo

POSGRAD - Convênio CAPES/ABT

CURSO DE ADMINISTRAÇÃO DA PRODUÇÃO

PROFESSORES-TUTORES: Jorge Alberto Garcia Gomes
Kleber Fossati Figueiredo
UFRJ-COPPEAD-RIO DE JANEIRO-RJ

PROFESSORES-ALUNOS

UF

INSTITUIÇÃO

GRUPO II

1- Alvaro Claudio Amorim Brochado	PR	Faculdade de Ciências Econômicas de Apucarana Universidade Estadual de Londrina
2- Antonio Carlos da Silva	MS	Faculdade Católica de Mato Grosso
3- Fred Machado Salvestroni	MG	Faculdade de Ciências Econômicas do Sul de Minas
4- Jackson Martins Fedorowicz	MS	Faculdades Unidas Católicas de Mato Grosso
5- José Mauro Ferraz	MG	Faculdade de Ciências Econômicas do Sul de MG Faculdade de Administração de Santa Rita Sapucaí
6- Luiz de Alvarenga Moreira	MS	Faculdades Unidas Católicas de Mato Grosso
7- Luiz Antonio Aligleri	PR	Faculdade de Ciências Contábeis e Administrativas de Rolândia Universidade Estadual de Londrina
8- Nelson Ferreira Filho	MG	Faculdade de Engenharia de Operação de São João Del Rei
9- Rudolfo Ruy Anffinger	SC	Fundação Educacional Oeste Catarinense

- | | | |
|--------------------------------|----|--|
| 10- Sebastião Peixoto da Silva | MG | Instituto Superior de Ciências Letras e Artes de Três Corações |
| 11- Silvio Aparecido Crepaldi | MG | Faculdade de Administração e Finanças de Machado
Faculdade de Engenharia Mecânica de Varginha |
| 12- Geralda Maria Bordoni | MG | Fundação de Ensino Superior de Itaúna
Universidade de Itaúna |

POSGRAD - Convênio CAPES/ABT

CURSO DE ANATOMIA E FISIOLOGIA HUMANA

PROFESSORA-TUTORA: Vilma Clóris de Carvalho

UNICAMP - CAMPINAS - SP

PROFESSORES - ALUNOS

UF/CIDADE	QUANTIDADE
MINAIS GERAIS	
Alfenas	1
Total de MG	1
PERNAMBUCO	
Recife	4
Total de PE	4
PARANÁ	
Maringá	2
Total de PR	2
RIO GRANDE DO SUL	
Ijuí	2
Total do RS	2
SANTA CATARINA	
Tubarão	1
Total de SC	1
SERGIPE	
Aracaju	1
Total de SE	1
SÃO PAULO	
Bragança Paulista	1
Campinas	4
Total de SP	5
TOTAL DE PROFESSORES-ALUNOS	16

POSGRAD - Convênio CAPES/ABT

CURSO DE ANATOMIA E FISILOGIA HUMANA

PROFESSORA-TUTORA: Vilma Clóris de Carvalho

UNICAMP - CAMPINAS - SP

<u>PROFESSORES-ALUNOS</u>	<u>UF</u>	<u>INSTITUIÇÃO</u>
1- Edson Duarte	SP	Universidade Católica de Campinas
2- Elcinea Teixeira C. Carvalho	MG	Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Alfenas
3- Ercília Benedito	SP	Faculdade de Medicina Bandeirante Faculdade de Odontologia Bandeirante
4- Guido Galvão de Vasconcelos	PE	Faculdade de Formação de Professores de Vitória
5- Humberto Santo Neto	SP	Universidade Estadual de Campinas
6- José Arnaldo V. Palmeira	SE	Universidade Federal de Sergipe
7- José Meciano Filho	SP	Universidade Estadual de Campinas
8- José Norberto Barreto	SP	Universidade Católica de Campinas
9- José Wilson Padilha	PR	Faculdade de Educação Física do Norte do Paraná Universidade Estadual de Maringá
10- Milton Heleno Feistler	RS	Fundação da Integração Desenvolvimento e Educação do Noroeste do Estado
11- Milton Lage Aguiar	SC	Fundação Educacional do Sul de Santa Catarina
12- Sandra Regina Stabile	PR	Universidade Estadual de Maringá

- 13- Sidnei Petroni
Fundação da Integração Desenvolvimento a Educação do Noroeste do Estado
- 14- Alexandre Motta Bittencourt PE
Universidade Federal de Pernambuco
- 15- Aluisio José Bezerra PE
Universidade Federal de Pernambuco
- 16- Jennezy Sales Cavalcante PE
Universidade Federal de Pernambuco

POSGRAD - Convênio CAPES/ABT

CURSO DE BIOLOGIA VEGETAL

PROFESSOR-TUTOR: Antonio Celso Magalhães
UNICAMP - CAMPINAS - SP

P R O F E S S O R E S - A L U N O S

UF/CIDADE	QUANTIDADE
ESPÍRITO SANTO	
Alegre	1
Total do ES	1
MINAIS GERAIS	
Machado	2
Total de MG	2
MATO GROSSO DO SUL	
Três Lagoas	1
Total do MS	1
PARAÍBA	
Cajazeiras	1
Total da PB	1
PARANÁ	
Londrina	3
Total do PR	3
RIO GRANDE DO NORTE	
Natal	2
Total do RN	2
RIO GRANDE DO SUL	
Cruz Alta	1
Total do RS	1
SANTA CATARINA	
Siderópolis	1
Total de SC	1
TOTAL DE PROFESSORES-ALUNOS	12

POSGRAD - Convênio CAPES/ABT

CURSO DE BIOLOGIA VEGETAL

PROFESSOR-TUTOR: Antonio Celso Magalhães

UNICAMP - CAMPINAS - SP

<u>PROFESSORES-ALUNOS</u>	<u>UF</u>	<u>INSTITUIÇÕES</u>
1- Marilda Carvalho Dias	PR	Universidade Estadual de Londrina
2- Adalberto Trindade	RN	Universidade Federal do Rio Grande do Norte
3- Gelsa Amélia Lima Teixeira	RS	Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Cruz Alta
4- Zaqueu Campos Caixeta	MG	Faculdades Integradas de Ciências Biológicas
5- Sandra Colli	PR	Universidade Estadual de Londrina
6- João Sabino Neto	MG	Fundação Educacional de Machado
7- Lygia Pupatto Ruano	PR	Fundação Universitária Estadual de Londrina
8- Alba Neves Girardi	SC	Faculdade de Ciências e Educação de Crisciúma
9- Marisa Roque Pereira	RN	Universidade Federal do Rio Grande do Norte
10- Leila Maria de Queiroz e Oliveira	MS	Universidade Federal de Mato Grosso Centro Universitário de Três Lagoas
11- Osmar Apolinário do Nascimento	PB	
12- Horlandezan Berlides N. Bragança	ES	Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Alegre

POSGRAD - Convênio CAPES/ABT

CURSO DE GENÉTICA

PROFESSOR-TUTOR: Humberto Coelho de Carvalho

UFMG - BELO HORIZONTE - MG.

PROFESSORES - ALUNOS

UF/CIDADE	QUANTIDADE
BAHIA	
Jequié	1
Total da BA	1
MINAS GERAIS	
Belo Horizonte	1
Patos de Minas	1
Total de MG	2
PERNAMBUCO	
Recife	2
Vitória de Santo Antão	1
Total de PE	3
RIO GRANDE DO NORTE	
Natal	2
Total do RN	2
TOTAL DE PROFESSORES-ALUNOS	8

ZOSGRAD - Convênio CAPES/ABT

CURSO DE GENÉTICA

PROFESSOR-TUTOR: Humberto Coelho de Carvalho

UFMG - BELO HORIZONTE - MG

<u>PROFESSORES-ALUNOS</u>	<u>UF</u>	<u>INSTITUIÇÕES</u>
1- Carlos Roberto da Silva	PE	Instituto de Ciências Biológicas Fundação Ensino Superior de Pernambuco
2- Delmar de Souza Fonseca	MG	Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Patos de Minas
3- Eliana Campelo Patrícia	PE	Instituto de Ciências Biológicas Universidade Federal de Recife
4- Francisco Pepino de Macedo	RN	Universidade Federal do Rio Grande do Norte
5- José. Geraldo de França	PE	Faculdade de Formação de Professores de Vitória de Santo Antão
6- Maximiliano Coelho Machado	BA	Faculdade de Formação de Professores de Jequié
7- Sebastião Carlos Alberto Maia	RN	Universidade Federal do Rio Grande do Norte
8- Vilma Lúcia Lopes Biachini	MG	Universidade Federal de Minas Gerais

POSGRAD - Convênio CAPES/ABT

CURSO DE ZOOLOGIA DOS INVERTEBRADOS

PROFESSOR-TUTOR: Pierre Charles Georges Montouchet
UNICAMP - CAMPINAS - SP

PROFESSORES - ALUNOS

UF/CIDADE	QUANTIDADE
MATO GROSSO DO SUL	
Dourados	1
Campo Grande	1
Total de MS	2
PARANÁ	
Paranavaí	1
Santa Mariana	1
Total do PR	2
RIO GRANDE DO SUL	
Santo Ângelo	1
Total do RS	1
SÃO PAULO	
Mogi-Mirim	1
São Paulo	1
Sousas	1
Total de SP	3
TOTAL DE PROFESSORES-ALUNOS	8

POSGRAD - Convênio CAPES/ABT

CURSO DE ZOOLOGIA DOS INVERTEBRADOS

PROFESSOR-TUTOR: Pierre Charles Georges Montouchet
UNICAMP - CAMPINAS - SP

<u>PROFESSORES-ALUNOS</u>	<u>UF</u>	<u>INSTITUIÇÕES</u>
1- Rosa Maria Fernandes de Barros	MS	Faculdades Unidas Católicas de Mato Grosso
2- Sérgio Diniz	SP	Universidade Mogi das Cruzes Faculdade de Ciências Biológicas de Araras
3- Neuza Maria Miranda Savoy	SP	Faculdade Educacional de Ciências e Letras de Mogi-Mirim
4- Sadi Nunes Medina	RS	FUNDAMES-Fundação Missioneira de Ensino Superior FISA-Faculdades Integradas Santo Ângelo
5- Hermilo Tupinã Machado	PR	Faculdade Estadual de Filosofia Ciências e Letras de Cornélio Procopio
6- Ismael Gioia	SP	UNICAMP
7- Rosa Maria Godoy Vilar	PR	Faculdade Municipal de Educação Ciências e Letras do Paranavaí.
8 - Angela Canesin Sivieri	MS	Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

POSGRAD - Convênio CAPES/ABT

CURSO DE CÁLCULO E ÁLGEBRA LINEAR

PROFESSORES-TUTORES: Augusto Wanderley

Etzel Stockert

UFRJ - RIO DE JANEIRO - RJ

PROFESSORES - ALUNOS

UF/CIDADE	QUALIDADE
DISTRITO FEDERAL	
Brasília	1
Total do DF	1
ESPÍRITO SANTO	
Alegre	2
Cachoeiro do Itapemirim	2
Total do ES	4
GOIÁS	
Ceres	1
Rio Verde	1
Total de GO	2
RIO DE JANEIRO	
Barra do Piraí	1
Campos	1
Laje	1
Petropolis	2
Rio de Janeiro	3
Total do RJ	8
MINAIS GERAIS	
São João Del Rei	3
Total de MG	3
TOTAL DE PROFESSORES-ALUNOS	18

POSGRAD - Convênio CAPES/ABT

CURSO DE CÁLCULO E ÁLGEBRA LINEAR

PROFESSORES TUTORES: Augusto Wanderley

UFRJ - RIO DE JANEIRO - RJ

<u>PROFESSORES-ALUNOS</u>	<u>UF</u>	<u>INSTITUIÇÕES</u>
1 - Carlos Roberto Alexandre	RJ	Faculdade de Filosofia de Campos
2 - Eduardo Gonçalves Barroso	RJ	Universidade Católica Petrópolis
3 - Heraldo de Souza Bichara	RJ	Faculdade de Filosofia de Nova Iguaçu
4 - João Gaspar Pellegrino	RJ	Fundação Educacional Itaboraí
5 - Joaquim Trotta	RJ	Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Cabo Frio
6 - José Renato de Andrade	RJ	Universidade Católica Petrópolis
7 - Madalena dos Santos Murito	RJ	Faculdade de Filosofia de Itaperuna
8 - Maurício dos Santos Guimarães	RJ	Escola Naval - Centro Federal de Educação Tecnológica (Escola Técnica Federal Celso Suckow da Fonseca)
9 - Cesário José Ferreira	RJ	Faculdade de Engenharia Industrial-Fund.Municipal São João Del Rei
10 - Newton Damásio P.Santos	RJ	Faculdade de Engenharia Industrial-Fund.Municipal São João Del Rei
11 - Nelson W. Werlang	RJ	Faculdade de Engenharia Industrial-Fund.Municipal São João Del Rei

POSGRAD - Convênio CAPES/ABT

CURSO DE CÁLCULO E ÁLGEBRA LINEAR

PROFESSORES-TUTORES: Etzel Stockert

UFRJ - RIO DE JANEIRO - RJ

PROFESSORES-ALUNOS

UF

INSTITUIÇÕES

1 - Abdala Bittar

GO

Faculdade de Filosofia do Vale de São Patrício

2 - Ariovaldo Monteiro de Resende

GO

Faculdade de Filosofia de Rio Verde

3 - Celso Luiz Hemerly Peixoto

ES

Universidade Federal do Espírito Santo
Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Alegre

4 - Dalton Nunes Batista

ES

Faculdade de Ciências Contábeis e Administrativas de Cachoeiro do Itapemirim

5 - Handuma Elias H. Coelho

ES

Faculdade de Ciências Contábeis e Administrativas de Cachoeiro do Itapemirim
Faculdade de Filosofia Ciências e Letras Madre Gertrudes de São José

6 - José Geraldo Ferreira

ES

Universidade Federal do Espírito Santo

7 - Oltachio Mariano Carneiro

DF

Centro de Ensino Universitário de Brasília

POSGRAD - Convênio ABT/CAPEs

CURSO DE CÁLCULO E ÁLGEBRA LINEAR

PROFESSORES-TUTORES: Ítala Maria Loffredo D'Ottaviano
 João Frederico da Costa Azevedo Meyer
 Richard José Pfister
 Rodney Carlos Bassanezi
 Sueli Irene Rodrigues Costa
 UNICAMP - CAMPINAS - SP

P R O F E S S O R E S - A L U N O S

UF/CIDADE	QUANTIDADE
MATO GROSSO DO SUL	
Campo Grande	1
Três Lagoas	1
Total de MS	2
PARANÁ	
Cornélio Procópio	1
Jacarezinho	2
Londrina	2
Mandaguari	1
Maringá	2
Umuarama	1
Total do PR	9
RIO GRANDE DO SUL	
Cruz Alta	3
Erexim	2
Ijuí	6
Marau	1
Passo Fundo	7
Santa Rosa	3
Três de Maio	1
Tuparendi	1
Total do RS	24
SANTA CATARINA	
Caçador	1
Canoinhas	1
Criciúma	1
Curitibanos	3
Lages	1
Total de SC	7
SÃO PAULO	
Andradina	1
Jundiaí	1
Limeira	2
Mogi-Guaçu	1
Mogi-Mirim	4
Piraju	1
São José do Rio Pardo	1
Total de SP	11
TOTAL DE PROFESSORES-ALUNOS	53

POSGRAD - Convênio CAPES/ABT

CURSO DE CÁLCULO E ÁLGEBRA LINEAR

PROFESSOR-TUTOR: Sueli Irene Rodrigues Costa

UNICAMP - CAMPINAS - SP

<u>PROFESSOR-ALUNO</u>	<u>UF</u>	<u>INSTITUIÇÕES</u>
1- Ciro Teobaldo Reckziegel	RS	Instituto Educacional Dom Bosco
2- Elimar Tesche	RS	Instituto Educacional Dom Bosco Faculdade de Integração, Desenvolvimento e Educação do Noroeste do Estado
3- Jane Peres Pes	RS	Faculdade de Filosofia Ciências e Letras Dom Bosco Faculdade de Ciências Contábeis Santa Rosa
4- José Carlos Pereira	RS	Faculdade de Integração, Desenvolvimento e Educação do Noroeste do Estado
5- Lino Luetkemeyer	RS	Instituto Educacional Dom Bosco Sociedade Educacional Três de Maio
6- Lory Hopner Koehler	RS	Faculdade de Integração, Desenvolvimento e Educação do Noroeste do Estado
7- Maria de Lourdes Rohenkohl	RS	Faculdade de Integração, Desenvolvimento e Educação do Noroeste do Estado
8- Maria Sueli Kantorski	RS	Faculdade de Integração, Desenvolvimento e Educação do Noroeste do Estado
9- Odoni Marcos Pozzobon	RS	Faculdade de Integração, Desenvolvimento e Educação do Noroeste do Estado
10- Sonia Beatriz Teles Drews	RS	Faculdade de Integração, Desenvolvimento e Educação do Noroeste do Estado

POSGRAD. - Convênio CAPES/ABT

CURSO DE CÁLCULO E ÁLGEBRA LINEAR

PROFESSOR-TUTOR: Rodney Carlos Bassanezi

<u>PROFESSORES-ALUNOS</u>	<u>UF</u>	<u>INSTITUIÇÕES</u>
1- Carlos Leonardo Kipper	RS	Universidade de Passo Fundo
2- Cléa Bernadete S. Netto Nunes	RS	Universidade de Passo Fundo
3- Jair Bochi Cordeiro	RS	Universidade de Passo Fundo
4- João Dantartas	RS	Centro de Ensino Superior de Erexim
5- Jorge Luiz Lazaretti	RS	Universidade de Passo Fundo
6- Luiz Dimarvan Vidman	RS	Universidade de Passo Fundo
7- Luiz Eurico Spalding	RS	Universidade de Passo Fundo
8- Magda Ines M. Mortari	RS	Universidade de Passo Fundo
9- Orly Tarcisio Spannemberg	RS	Universidade de Passo Fundo
10- Saule Biasuz	RS	Centro de Ensino Superior de Erexim

POSGRAD - Convênio ABT/CAPEs

CURSO DE CÁLCULO E ÁLGEBRA LINEAR

PROFESSOR-TUTOR: Ítala Maria Loffredo D'Ottaviano
UNICAMP - CAMPINAS - SP

<u>PROFESSORES-ALUNOS</u>	<u>UF</u>	<u>INSTITUIÇÕES</u>
1- Décio Ribeiro	PR	Faculdade Estadual de Filosofia Ciências e Letras Cornélio Procópio
2- Franklin Antonio S. Cuba	PR	Universidade Estadual de Maringá
3- Gerardus Leonardus Beerends	PR	Universidade Católica de Goiás Fundação Nacional de Agronomia Bandeirantes Faculdade Estadual de Jacarezinho
4- João Batista Filgueiras	PR	Faculdade Estadual de Filosofia Ciências e Letras Cornélio Procópio
5- José Carlos G. de Oliveira	PR	Faculdade de Filosofia de Jacarezinho
6- Maria José Vaz Toniolo	PR	Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Mandaguari
7- Wilson Destro	PR	Associação Paranaense de Ensino e Cultura
8- Paulo de Tarso Sica de Toledo	PR	Universidade Estadual de Maringá
9- Silvia Elizabeth F. Maule	PR	Fundação Universidade de Londrina
10- Susi Ferreira Pozza	SP	Faculdade Estadual de Ciências e Letras de Jacarezinho

POSGRAD - Convênio ABT/CAPEs

CURSO DE CÁLCULO E ÁLGEBRA LINEAR

PROFESSOR-TUTOR: Richard José Pfister

<u>PROFESSORES-ALUNOS</u>	<u>UF</u>	<u>INSTITUIÇÕES</u>
1- Álvaro Sampaio	SP	Centro Universitário de Três Lagoas
2- Antonio Sebastião Bordignon	SP	Faculdade de Educação Ciências e Letras de Mogi-Mirim
3- Celso Correia de Souza	MS	Fundação Universitária Federal de Mato Grosso
4- Fernando Leandro de Figueiredo	SP	Faculdade de Educação Ciências e Letras de Mogi-Mirim
5- Frederico Heyden	SP	Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Guaxupé
6- Jarecil Pereira de Oliveira	MS	Faculdades Unidas Católicas de Mato Grosso
7- José Adolpho Bagodi	SP	Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Guaxupé Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de São José do Rio Pardo
8- José Justino Castilho	SP	Fundação Municipal de Ensino de Piracicaba Instituto Superior de Ciências Aplicadas Escola de Engenharia Mauá Universidade Mackenzie
9- Maria Leite P. da Cruz de Oliveira	SP	Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Mogi-Mirim
10- Mario Machado Carvalho	SP	Unicamp Instituto Superior de Ciências Aplicadas de Limeira
11- Sandra Suzigan	SP	Faculdade de Educação Ciências e Letras de Mogi-Mirim
12- Toshiyuki Iwami	SP	

POSGRAD - Convênio ABT/CAPEs

CURSO DE CÁLCULO E ÁLGEBRA LINEAR

PROFESSOR-TUTOR: João Frederico da Costa Azevedo Meyer
UNICAMP - CAMPINAS - SP

<u>PROFESSORES-ALUNOS</u>	<u>UF</u>	<u>INSTITUIÇÕES</u>
1- Antonio dos Santos Lima	SC	C.S. Casemiro de Abreu
2- Antonio José Doin	SC	Fundação Educacional do Planalto Central Catarinense
3- Beatriz Martins Bergoli	RS	Associação de Professores de Cruz Alta
4- David Novak	SC	Faculdade de Ciências Contábeis de Curitibanos
5- Enori Carelli	SC	Fundação Educacional Alto Vale do Rio do Peixe
6- Germano Celso Schwartz	RS	Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Cruz Alta
7- Herminio Francelino do Amaral	SC	Fundação Educacional do Criciúma
8- João Rosa Muller		Fundação das Escolas do Planalto Norte-Catarinense
9- José Francisco Anderson	SC	Uniplac - Lages
10- José Luiz Bolzan	RS	Sociedade Educacional Três de Maio
11- Maria Regina Schwartz	RS	Faculdade de Filosofia de Ciências e Letras de Cruz Alta

POSGRAD - Convênio CAPES/ABT

CURSO DE CÁLCULO E ÁLGEBRA LINEAR

PROFESSORES-TUTORES: Pedro Mendes

Lucia Helena Mendes

UFMG - BELO HORIZONTE - MG

PROFESSORES - ALUNOS

UF/CIDADE	QUANTIDADE
ESPÍRITO SANTO	
Cachoeiro do Itapemirim	1
Total do ES	1
MINAIS GERAIS	
Areado	1
Barbacena	4
Boa Esperança	1
Formiga	1
Itajubá	1
Ituiutaba	1
Lavras	5
Machado	2
Muriaé	1
Santa Rita do Sapucaí	1
Serrania	1
Varginha	3
Total de MG	22
TOTAL DE PROFESSORES-ALUNOS	23

POSGRAD - Convênio CAPES/ABT

CURSO DE CÁLCULO E ÁLGEBRA LINEAR

PROFESSOR-TUTOR: Pedro Mendes
UFMG - BLEO HORIZONTE - MG

<u>PROFESSORES-ALUNOS</u>	<u>UF</u>	<u>INSTITUIÇÕES</u>
Grupo I		
1- Carlos Honório Pinheiro	MG	Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Itajubá
2- Estelcy Favaro Tavares	MG	Faculdade de Engenharia Mecânica-Varginha
3- José Geraldo de Souza	MG	Instituto Nacional de Telecomunicações Faculdade de Administração-Santa Rita Sapucaí
4- Maria Verônica Alves	MG	Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Boa Esperança
5- Pedro Ernesto da Cunha	MG	Fundação Educacional de Machado
6- Roque Eliseu Mendes Gonçalves	MG	Faculdade de Filosofia de Machado
7- Sandra Regina Remondi Pascoal	MG	Fundação de Ensino de Tecnologia de Alfenas
8- Sebastiana Justina de Jesus	MG	Faculdade de Filosofia Ciências e Letras - Formiga
9- Tarciso de Abreu	MG	Faculdade de Administração e Finanças de Machado Faculdades Integradas de Ciências Biológicas
10- Vanderli Pereira Franco	MG	Faculdade de Filosofia Ciências e Letras - Ituiutaba

11- Wanderlei Bueno Oliveira MG

Faculdade de Engenharia Mecânica - Varginha
Faculdade de Filosofia Ciências e Letras - Varginha

12- Eduardo Caetano MG

Faculdade de Engenharia Mecânica - Varginha

OSGRAD - Convênio CAPES/ABT

CURSO DE CÁLCULO E ÁLGEBRA LINEARPROFESSOR-TUTOR: Lucia Mendes
UFMG - BELO HORIZONTE - MG

<u>PROFESSORES-ALUNOS</u>	<u>UF</u>	<u>INSTITUIÇÕES</u>
Grupo II		
- Hélio César Fontes Coelho	MG	Instituto Superior de Ciências Letras e Humanidades de Lavras
- João Francisco dos Santos	MG	Universidade Católica de Minas Gerais
- José Geraldo de Lima	MG	Faculdade de Ciências Contábeis e Administrativas de Barbacena Faculdade de Filosofia Ciências e Letras Marter Divinae Gratie
- Laércio Mesquita	MG	Instituto Superior de Ciências e Artes e Humanidades de Lavras
- Maria da Glória B. Alvarenga	MG	Instituto Superior de Ciências e Artes e Humanidades de Lavras
- Nelson Willibaldo Werlane	MG	Instituto Superior de Ciências Artes e Humanidades de Lavras Faculdade de Engenharia Industrial
- Roosevelt José Bastos	ES	Universidade Santos Dumont Faculdade de Filosofia Ciências e Letras Madre Gertrudes de São José
- Welfane Cordeiro	MG	Instituto Militar de Engenharia Fundação Universitária Presidente Antonio Carlos

- | | | |
|------------------------------------|----|---|
| - Angela Maria Vilela | MG | Instituto Superior de Ciências Letras e Humanidades da Lavras |
| - Manoel Figueiredo Filho | MG | Faculdade de Filosofia
- Barbacena. |
| - Marcio Antonio Nogueira da Silva | MG | FUPAC - Barbacena |

POSGRAD - Convênio CAPES/ABT

CURSO DE PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM

PROFESSORES TUTORES: Bernard Pimentel Rangê

Lúcia Rabello de Castro

PUC/RJ - RIO DE JANEIRO - RJ

P R O F E S S O R E S - A L U N O S

UF/CIDADE	QUANTIDADE
ESPÍRITO SANTO	
Cachoeiro do Itapemirim	1
Total do ES	1
MINAIS GERAIS	
Boa Esperança	2
Caratinga	1
Formiga	1
Guaxupé	1
Machado	1
Três Corações	1
Total de MG	7
RIO DE JANEIRO	
Niterói	3
Rio de Janeiro	2
Valença	1
Total do RJ	6
TOTAL DE PROFESSORES-ALUNOS	14

POSGRAD - Convênio CAPES/ABT

CURSO DE PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM

PROFESSORES TUTORES: Bernard Pimentel Rangé
Lúcia Rabello de Castro
PUC/RJ - RIO DE JANEIRO - RJ.

<u>PROFESSORES-ALUNOS</u>	<u>UF</u>	<u>INSTITUIÇÕES</u>
1 - Anna Maria Magalhães Horta	MG	Faculdade de Ciências e Letras de Guaxupé
2 - Cremilda Antonia Von Pinho Reis	MG	Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Boa Esperança
3 - Heloisa Bravo Ururahy Dolezal	RJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro Universidade Gama Filho
4 - Iranilde Maria Maciel Rodrigues	RJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
5 - Lucas Carvalho Valladão	MG	Instituto Superior de Ciências, Letras e Artes de Três Corações
6 - Luizette Azeredo Bittencourt	ES	Faculdade de Filosofia de Cachoeiro de Itapimirim
7 - Maria Gomes Ribeiro	RJ	Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Vassouras
8 - Maria Lúcia Reis Pereira	MG	Fundação Educacional de Machado
9 - Marilena Tiengo Freitas	RJ	Faculdade de Formação de Professores - Centro de Desenvolvimento de Recursos Humanos de São Gonçalo
10- Marisa Parreira	MG	Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Boa Esperança

PROFESSORES-ALUNOSUFINSTITUIÇÕES

11 - Olga Azevedo Marques de Oliveira

RJ

Faculdade de Formação de Professores - Centro de Desenvolvimento de Recursos Humanos

12 - Rita de Cássia Barbosa Silva

MG

Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Caratinga

13 - Sandra Maria Oliveira Silva

MG

Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Formiga

14 - Teresinha Jane Rocha Maia

RJ

Faculdade de Formação de Professores - Centro de Desenvolvimento de Recursos Humanos de São Gonçalo

CURSO DE MACROECONOMIAPROFESSOR-TUTOR: Carlito Roberto Zanetti
UnB - Brasília - DF

PROFESSORES-ALUNOS

UF/CIDADE	QUANTIDADE
PARANÁ	
Maringá	01
Londrina	02
Total do PR	03
SANTA CATARINA	
Joinville	01
Joaçaba	01
Chapecô	01
Lages	01
Total de SC	04
TOTAL DE PROFESSORES-ALUNOS	07

CURSO DE MACROECONOMIA

<u>PROFESSORES-ALUNOS</u>	<u>UF</u>	<u>INSTITUIÇÕES</u>
01. Aurivan Massignan	SC	Fundação Educacional do Oeste Catarinense
02. Alice Pazin Hartmann	SC	Fundação de Ensino do Desenvolvimento do Oeste
03. Massachi Assakawa	PR	Fundação Universidade Estadual de Maringá
04. Waldir Ramos Wojcik	SC	Faculdade de Ciências Econômicas, Contábeis e Administrativas de Lages
05. Aristeu Pereira de Carvalho	PR	Universidade Estadual de Londrina
06. Ismael Mologni	PR	Universidade Estadual de Londrina

MEC/SESU/CAPEs

CURSO DE ECONOMIA INTERNACIONALPROFESSOR-TUTOR: José Antônio Sant'Ana
UnB - Brasília - DF

PROFESSORES - ALUNOS

UF/CIDADE	QUANTIDADE
SANTA CATARINA	
Tubarão	01
Lages	04
Total de SC	05
PARANÁ	
Paranavaí	01
Cornélio Procópio	01
Total do PR	02
RIO GRANDE DO SUL	
Passo Fundo	01
Total do RS	01
TOTAL DE PROFESSORES-ALUNOS	08

CURSO DE ECONOMIA INTERNACIONAL

<u>PROFESSORES - ALUNOS</u>	<u>UF</u>	<u>INSTITUIÇÃO</u>
01. Olívio Blasius	SC	Fundação Educacional do Sul de Santa Catarina
02. Antônio de Deus Farias Magalhães	PR	Fundação Faculdade Municipal de Educação, Ciências e Letras de Paranaíva
03. Saulo Antônio Costa de Oliveira	SC	Faculdades de Ciências Econômicas, Contábeis e Administrativas de Lages
04. Rames Kalluf	PR	Fundação Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de Cornélio Procópio
05. Alcione Regianini	SC	Faculdade de Ciências Econômicas, Contábeis e Administrativas de Lages
06. Biodalci Luiz Vedana	SC	Faculdade de Ciências Econômicas, Contábeis e Administrativas de Lages
07. César Augusto Ramos Muniz	SC	Faculdade de Ciências Econômicas, Contábeis e Administrativas de Lages
08. Nelson Serpa	RS	Universidade de Passo Fundo

CURSO DE ECONOMIA BRASILEIRAPROFESSOR-TUTOR: Flávio Rabelo Versiani
UnB - Brasília - DF

PROFESSORES - ALUNOS

UF/CIDADE	QUANTIDADE
SANTA CATARINA	
Criciúma	01
Joinville	01
Total SC	02
PARANÁ	
Maringá	01
Cornélio Procópio	01
Total do PR	02
SÃO PAULO	
Americana	01
Capivari	01
Total de SP	02
TOTAL DE PROFESSORES-ALUNOS	06

CURSO DE ECONOMIA BRASILEIRA

<u>PROFESSORES - ALUNOS</u>	<u>UF</u>	<u>INSTITUIÇÃO</u>
01. Airton Fernando Ramos	SC	
02. Maria Júlia Eugênia Ines Leão	PR	Fundação Universidade Estadual de Maringá
03. Antonio Airton Ferreira	SP	Faculdade de Administração de Capivari
04. Dirnei Estevão Machado	SC	Fundação Educacional de Criciúma
05. Ivanir Haddad Kalluf	PR	Fundação Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de Cornélio Procopio.
06. Leovigildo Duarte Júnior	SP	Instituto de Ciências Sociais de Americana

ANEXO 6

RELAÇÃO DOS PROFESSORES-TUTORES POR CURSOS

OFERECIDOS E CIDADE DO ORIGEM

CURSO	PROFESSORES - TUTORES	
	QUANTIDADE	CIDADE
Administração da Produção	02	Rio de Janeiro
Administração da Produção	01	Recife
Anatomia e Fisiologia Humana	01	Campinas
Biologia Geral	04	Brasília
Biologia Vegetal	01	Campinas
Genética	01	Belo Horizonte
Genética	01	Rio de Janeiro
Zoologia	01	Rio de Janeiro
Zoologia dos Invertebrados	01	Campinas
Cálculo e Álgebra Linear	02	Belo Horizonte
Cálculo e Álgebra Linear	06	Campinas
Cálculo e Álgebra Linear	02	Rio de Janeiro
Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem	02	Brasília
Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem	02	Curitiba
Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem	02	Rio de Janeiro
Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem	02	São Paulo
Economia Internacional	01	Brasília
Economia Brasileira	01	Brasília
Macroeconomia	01	Brasília

POSGRAD-PROJETO DE PÓS-GRADUAÇÃO TUTORIAL À DISTÂNCIA

CONVÊNIO CAPES/ABT

PROFESSORES-TUTORES DE PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM

1. BERNARD PIMENTEL RANGÉ

Psicólogo (PUC/RJ). Mestre em Psicologia(PUC/RJ). Professor da PUC/RJ. Psicólogo Clínico.

2. CIARILZA PRADO DE SOUZA

Psicóloga (PUC/SP). Mestre em Psicologia Educacio nal (PUC/SP). Doutoranda de Psicologia (PUC/SP). Professora do Centro de Educação da PUC/SP. Especialista em Avaliação Educacio - nal da CRITÉRIO/AVALIAÇÃO.

3. DENISE DE CAMARGO

Psicóloga. Mestranda da PUC/SP. Professora da Universidade Federal do Paraná.

4. EUNICE MARIA LIMA SORIANO DE ALENCAR.

Bacharel em Psicologia(UFMG). Licenciado em Psico logia (UFMG). Psicólogo (UFMG); Mestrado em Psicologia (Purdue U- niversity, USA). Ph.D. em Psicologia (Purdue University, USA). Pro- fessor Adjunto do Departamento de Psicologia da Universidade de Bra sília.

5. LÚCIA RABELLO DE CASTRO

Psicóloga (PUC/RJ). Mestre em Psicologia da Educação e Doutoranda (Universidade de Londres). Professora da PUC / RJ.

6. LUIZ FERNANDO ROLIM BONIN

Ph.D. em Psicologia - University of Michigan. Mestre em Psicologia - The City University of New York. Pós-Graduação em Psicologia - Universidade de Brasília. Professor da Universidade Federal do Paraná.

7. MARIA AMÉLIA AZEVEDO GOLDBERG

Pedagoga (USP). Bacharel em Direito (USP). Doutora em Educação (USP). Professora do Programa de Doutorado em Psicologia da PUC/SP. Professora do Programa de Mestrado em Educação da UNICAMP. Pesquisadora "Senior" da Fundação Carlos Chagas. Especialista em Avaliação Educacional da CRITÉRIO/AVALIAÇÃO.

8. TIMOTHY M. MULHOLLAND

Bacharel em Psicologia (Westmont College, EUA). Mestrado em Psicologia Experimental (University of Pittsburgh, EUA). Ph.D. em Psicologia Experimental (University of Pittsburgh, EUA). Professor-Adjunto do Departamento de Psicologia da Universidade de Brasília.

POSGRAD-PROJETO DE PÓS-GRADUAÇÃO TUTORIAL A DISTÂNCIA

CONVÊNIO CAPES/ABT

PROFESSORES-TUTORES DE ADMINISTRAÇÃO DA PRODUÇÃO

1. JORGE ALBERTO GARCÍA GOMEZ

Doutorado em Engenharia de Produção - COPPE/ UFRJ - 1975. Mestre em Engenharia Industrial - PUC/RJ - 1970. Professor Adjunto da COPPEAD/UFRJ - 1977. Vice-Coordenador do Programa de Administração da COPPE - 1979.

2. KLEBER FOSSATI FIGUEIREDO

Mestre em Administração de Empresas - COPPE/ UFRJ- 1979. Graduação em Matemática - 1967. Professor Assistente da COPPEAD/UFRJ-1979.

3. LUCIA MARIA BARBOSA DE OLIVEIRA

Mestre em Administração-UFMG-1979. Bacharel em Administração de Empresas- UFPE - 1972. Professora do Departamento de Ciências Administrativas do Centro de Ciências Sociais Aplicadas de UFPE - 1978.

5. HUMBERTO COELHO DE CARVALHO

Doutor em Educação (UFMG). Graduação em História Natural (UFMG). Professor Adjunto, Departamento de Biologia, Instituto de Ciências Biológicas, Universidade Federal de Minas Gerais.

6. JOSÉ MARIA GONÇALVES DE ALMEIDA JÚNIOR

Graduação em Ciências Biológicas (USP). Mestre em Biologia (Indiana Univ., EUA). Mestre em Educação (Harvard University, EUA). Doutor em Biologia/Educação (Harvard Univ. EUA). Professor Adjunto e Chefe do Departamento de Biologia Animal da UnB.

7. KUMIKO MIZUTA

Farmacêutica-Bioquímica (USP). Doutor em Ciências (USP). Professor Assistente do Departamento de Biologia Celular da UnB.

8. PIERRE CHARLES GEORGES MONTOUCHET

Doutor em Ciências (USP). Mestre em Zoologia (USP). Bacharel em Zoologia (USP). Professor Assistente Doutor, Departamento de Zoologia, Instituto de Biologia, Universidade Estadual de Campinas.

9. VERA MARIA ABUD PACÍFICO DA SILVA

Mestrado em Zoologia (UFRJ). Graduação em História Natural (Univ. de Brasil). Professor Assistente e Chefe do Departamento de Zoologia, Instituto de Biologia, da UFRJ.

POSGRAD-PROJETO DE PÓS-GRADUAÇÃO TUTORIAL À DISTÂNCIA

CONVÊNIO CAPES/ABT

PROFESSORES-TUTORES DA ÁREA DE BIOLOGIA

CURSOS DE GENÉTICA - BOTÂNICA - BIOLOGIA GERAL - ZOOLOGIA - ANATOMIA E FISILOGIA HUMANA.

1. ANTÔNIO CELSO MAGALHÃES

Doutor em Biologia (Universidade de Illinois, USA). Mestre em Ciências (Universidade da Califórnia, USA). Engenheiro-Agrônomo (USP). Professor Titular e Chefe do Departamento de Fisiologia Vegetal da UNICAMP.

2. ANTÔNIO CORDEIRO

Doutor em Ciências (USP). Livre-Docente (UFRGS). Graduação em História Natural (UFRGS). Professor Titular, Chefe do Departamento de Genética e Coordenador da Pós-Graduação em Genética da UFRJ.

3. ELLIOT W. KITAJIMA

Engenheiro agrônomo (USP). Doutor em Agronomia (USP). Professor Titular do Departamento de Biologia Celular da UnB.

4. FELIZARDO PENALVA DA SILVA

Graduado em História Natural (UFMG). Mestre em Ciências (USP). Doutor em Ciências (USP). Professor Adjunto do Departamento de Biologia Animal da UnB.

PROFESSORES-TUTORES DE ECONOMIA

01. FLÁVIO RABELO VERSIANI

"Doctor of Philosophy" em Economia pela Universidade de
Vanderbilt (1971)

Professor do Departamento de Economia da Universidade de
Brasília

02. CARLITO ROBERTO ZANETTI

Mestrado em Economia - Escolatina - Facultad de Ciências
Econômicas - Universidad de Chile - Santiago (1970)

Professor do Departamento de Economia da Universidade de
Brasília.

03. JOSÉ ANTONIO SANTANA

Doutor em Economia - Faculty of Economic and Social Studies,
University of Manchester - Manchester (1978)

Professor do Departamento de Economia da Universidade de
Brasília.

ANEXO 8

POSGRAD - Convênio CAPES/ABT

LIVROS DISTRIBUÍDOS A PROFESSORES-ALUNOS (ATÉ 10-06-80)

CURSO	EDITORA/AUTOR/TÍTULO	QUANTIDADE	PREÇO		CUSTO PARA O POSGRAD	FORMA DE AQUISIÇÃO
			Unitário Cr\$	Total Cr\$		
Anatomia e Psicologia Humana	Guanabara-Koogan Didio-"Sinopse de Anatomia"	16	1.850	29.600	-	doação
	Livro Atheneu Mangelo & Fattini-"Anatomia Humana Básica"	16	750	12.000	-	doação
	Interamericana Jacob & Francone-"Anatomia e Fisiologia Humana"	16	1.200	19.200	-	doação
Biologia Vegetal	Guanabara Dois Raven, Evert & Curtis-"Biologia Vegetal"	12	1.820	21.840	15.288	desconto de 30%
Genética (MG)	Interamericana Gardner -"Genética"	11	950	10.450	-	doação
Zoologia de Invertebrados	Interamericana-México Barnes-"Zoologia de los Invertebrados"	7	1.850	12.950	-	doação
	FUNPEC Krasilchik & Raw-"Protozoários"	6	50	300	300	sem desconto
Cálculo e Álgebra Linear(MG)	Livros Técnicos e Científicos Geraldo Ávila-"Cálculo Diferencial e Integral" I, II e III	25	1.120	28.000	16.296	desconto de 40+ 3%
	McGraw Hill Seymour Lipschutz-"Álgebra Linear"	25	520	13.000	1.820	20% p/doação 5% com 30% desconto
Cálculo e Álgebra Linear(SP)	Harper & Row do Brasil Boldrini, Costa, Ribeiro & Wetzler -"Álgebra Linear"	53	360	19.080	-	doação
Cálculo e Álgebra Linear(RJ)	Harper & Row do Brasil Lerthold - "O Cálculo com Geometria Analítica" I e II	53	880	46.640	-	doação
	Guanabara Dois Lax, Burnstein & Lax -"Cálculo-Aplicações e Programação"	16	650	10.400	7.280	desconto de 30%
Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem	Pioneira Deesé & Hulse- "A Psicologia da Aprendizagem"	14	650	9.100	-	doação
	Zahar Erlich- "Aprendizagem e Memória Humana"	14	380	5.320	2.660	4 doados 10 com 30%
	Pedagógica e Universitária Panyan-"Manipulação do Comportamento: 4. Modificação de Comportamento"	14	140	1.960	980	desconto de 50%
TOTAL		298		239.840	44.624 (18,6%)	

LIVROS COMPRADOS

QUANT.	ESPECIFICAÇÃO	UNITÁRIO	T O T A L
08	BO SODERSTEN, Economia Internacio nal, Ed. Interciência, Rio de Ja neiro, 1979	440,00	3.520,00
04	L. SIRC. Introdução a Finanças In ternacionais, Ed. Zahar, Rio de Janeiro, 1978	300,00	1.200,00
02	L. SIRC. Comércio Internacional , Ed. Zahar, Rio de Janeiro, 1975	250,00	500,00
07	LITVACK, Branson. Macroeconomia, Ed. Harbra, São Paulo, 1978	440,00	3.080,00
07	SHAPIRO, Eduard. Análise Macoecon- omia, Atlas, 2a. Ed., São Paulo, 1978	520,00	3.640,00
07	STEWART, Michael. A Moderna Econo mia. Antes e Depois de Keynes. Atlas, São Paulo, 1976	260,00	1.820,00
06	VERSIANI, Flávio e José Roberto M. de Barros. Formação Econômica do Brasil. Ed. Saraiva, Série ANPEC, 1978	340,00	2.040,00
06	MARIA da Conceição Tavares. Da Substituição de Importações ao Capitalismo Financeiro. Zahar 8a. ed. 1979	250,00	1.500,00
			<hr/> 17.300,00
		Desc. 13%	2.249,00
		TOTAL GERAL	<hr/> 15.050,00

10. VILMA CLORIS DE CARVALHO

Doutora em Ciências (UNICAMP). Livre-Docente em Anatomia (UNICAMP). Médica (FMUFP). Professora de Pós-Graduação do Instituto de Biologia e da Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP.

POSGRAD-PROJETO DE PÓS-GRADUAÇÃO TUTORIAL À DISTÂNCIA

CONVÊNIO CAPES/ABT

PROFESSORES-TUTORES DE CÁLCULO E ÁLGEBRA LINEAR

1. AUGUSTO JOSÉ MAURICIO WANDERLEY

Doutor em Matemática - UFRJ, Rio de Janeiro,
1974 - Professor Adjunto do Instituto de Matemática, UFRJ.

2. ETZEL VON RITTER STOCKERT

Doutor em Matemática, Universidade de Berlim,
Alemanha, 1977. Professor Assistente do Instituto de Matemática,
UFRJ.

3. HENRY G. WETZLER

Ph.D (Ohio State University). Orientador de
alunos do Projeto PREMEN/OEA para Mestrado em Matemática
e Ciências. Co-autor do Livro Álgebra Linear (1979) Har-
bra. Pesquisa do uso de TV no ensino superior de Matemática.
Professor Assistente na UNICAMP.

4. ÍTALA M. LOFFREDO D'OTTAVIANO

Professor Assistente da UNICAMP. Mestre em Ma-
temática. Doutoramento em conclusão da UNICAMP.